



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**A CISÃO INTRANSITIVA EM LÍNGUAS DA
FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ**

Ana Cristina Rodrigues de Mattos

Orientadora: Prof. Dra. Marina Maria Silva Magalhães
Co-orientador: Prof. Dr. Francesc Queixalós

BRASILIA
2015

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**A CISÃO INTRANSITIVA EM LÍNGUAS DA
FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ**

Ana Cristina Rodrigues de Mattos

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras, como requisito à obtenção do título de **Mestrado em Linguística** pela Universidade de Brasília.

**BRASILIA
2015**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**A CISÃO INTRANSITIVA EM LÍNGUAS DA
FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ**

Ana Cristina Rodrigues de Mattos

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra Marina Maria Silva Magalhães
(presidente) Universidade de Brasília

Prof. Dra. Aline da Cruz
Universidade Federal de Goiás

Prof. Dra. Walkiria Neiva Praça
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes (suplente)
Universidade de Brasília

*Dedico este trabalho ao povo
Awá-Guajá, pela sua
grandeza e simplicidade.*

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a Marina Maria Silva Magalhães, por me guiar neste percurso com tanto carinho e generosidade, ensinando, compartilhando, intervindo sempre nos momentos necessários, sem cercear minhas liberdades de escolha.

Ao meu co-orientador, Prof. Dr. Francesc Queixalós, por suas valiosas aulas, sem as quais eu tenho dúvidas de que pudesse ter alcançado, em tão pouco tempo, o nível de aprofundamento teórico necessário ao entendimento dessas línguas.

Ao povo Awá-Guajá, gravado para sempre na minha memória pelo longo e forte abraço da Amy Paranaawāj: pela recepção e convivência amorosa e pela sua beleza existencial, que me deu todo o combustível necessário a dar continuidade a esse trabalho de pesquisa com línguas indígenas.

Às funcionárias da Funai, Maria Gavião e Sirlene, que me ensinaram muito, durante as boas conversas noturnas, sobre a situação dos indígenas no Brasil. Ao Gaúcho, também da Funai, pelo suporte logístico e pelo precioso pudim de leite, e à Flávia, pelos ataques de riso desopilantes.

Às minhas queridas professoras da graduação, em especial à Marta Scherre, Heloísa Salles, Maria Luísa Coroa, Cibele Brandão e Edna Silva, por terem me apresentado as questões de língua e literatura com tanto compromisso e entusiasmo.

À professora Wilma Reche, que um dia me sugeriu pesquisar o que eu sabia menos (sintaxe), e que me levou a compreender que sair da zona de conforto, ainda que doloroso, leva a resultados transformadores.

Aos professores do NTL, pela acolhida carinhosa, em especial ao Prof. Dionei Gomes e à Prof. Walkíria Praça que, juntamente com minha orientadora, me introduziram no mundo da pesquisa linguística em línguas indígenas brasileiras.

À minha companheira Paula Martini, pela paciência para ouvir as minhas divagações sobre sintaxe, morfologia, pelas longas discussões sobre a cisão intransitiva e por todos os anos de amor, companhia e incentivo que sempre me impulsionaram a fazer a vida ficar melhor.

Ao meu filho Denis, que todos os dias me ensina perseverança, paciência e me mostra que o amor incondicional existe.

À minha mãe, Dona Magdala, que vai ficar muito feliz quando eu terminar esse trabalho e descer de volta ao planeta Terra.

À minha amiga Andrea Wickert, que sempre gostou dos meus escritos: pelas longas conversas sobre língua, linguagem, leitura, escrita, sintaxe, violino, violoncelo etc. e às minhas ex-colegas de trabalho, em especial às meninas da Diretoria: Maria Teresa, Simone, Ana Carla, Ângela e Dilene, que sempre torceram por mim.

Ao Universo, pela oportunidade!

RESUMO

Os verbos intransitivos têm recebido atenção dos estudos linguísticos desde o início do Século XX, em razão de diferenciarem, em algum aspecto da morfologia ou da sintaxe de muitas línguas, subclasses com comportamentos distintos. A esse fenômeno se dá o nome genérico de Cisão Intransitiva (CI). O objetivo mais comum das pesquisas nessa área é descobrir se a CI é determinada por parâmetros semânticos, sintáticos, ou se as cisões são arbitrárias. Nas línguas Tupí-Guaraní (TG), as questões sobre a CI ganham tons ainda mais divergentes, uma vez que não há unanimidade entre os pesquisadores em reconhecer a existência de duas subclasses intransitivas, uma composta por verbos ativos, outra por estativos, pois alguns pesquisadores consideram as palavras com semantismo adjetivo como verbos e outros como nomes. Esta dissertação tem por objetivo analisar a CI em algumas línguas do conjunto conhecido como Família Tupí-Guaraní (FTG), e suas possíveis motivações, se sintáticas ou semânticas. Serão aqui investigados o Tapirapé, o Guajá, o Emerillón e o Guaraní. No capítulo 1 será feita uma retrospectiva dos estudos sobre a Cisão Intransitiva, suas manifestações e motivações e serão abordadas questões relevantes sobre as palavras que denotam estados em línguas que não possuem classe formal de adjetivo. O Capítulo 2 apresenta aspectos histórico-geográficos e tópicos básicos da morfossintaxe TG essenciais à compreensão deste trabalho. O Capítulo 3 apresenta como os especialistas em cada língua analisam a classe dos estados e o que os dados disponíveis em seus trabalhos nos mostram sobre a proximidade dessas palavras à classe dos nomes ou dos verbos. O capítulo 4 apresenta nossas conclusões sobre o funcionamento dos verbos intransitivos nas línguas analisadas e discute se o comportamento diferenciado entre as duas subclasses intransitivas constitui de fato uma cisão ou se é um tipo específico de alinhamento.

ABSTRACT

Intransitive verbs have been receiving a lot of attention from linguistic research over the past one hundred years, as they frequently show a differentiated behaviour in some part of the morphology or the syntax of many languages, allowing the acknowledgement of distinct intransitive subclasses. This phenomenon is generically known by the name of Split Intransitivity. The main goal of these studies is to discover if the so-called “splits” are driven by semantics or syntax – or if they are arbitrary. In Tupí-Guaraní languages, the issue seems to be even more complex, as the researchers specialized in these languages do not agree on the existence of two subclasses of intransitive verbs, one grouping active verbs and another with stative verbs, as some linguists analyse the words with adjectival meaning as nouns. The main objective of this dissertation is to provide a definition on the type of Split Intransitivity shown in four languages of the Tupí-Guarany stock and withdraw some of its possible motivations, if semantic or syntactic. Languages to be analysed are Tapirapé, Guajá, Emerillón and Guaraní. Chapter 1 is a retrospect of studies on split intransitivity, outlining how languages show the splits and some of its possible motivations, as well as introductory remarks on how to approach words with adjectival meaning in languages that do not formalize adjective classes. Chapter 2 brings some historical and geographical information on the TG stock and basic TG morphosyntax considered essential to the understanding of this work. Chapter 3 presents the languages as described by their specialists and what their data and glosses indicate to us on the classification of words with adjectival meaning, if they are closer to nouns or to verbs. Chapter 4 brings our conclusions about the class of the intransitive verbs in the languages examined and discusses if the patterns of differentiation between intransitive subclasses are better analysed as a “split” or if it would be more appropriate to consider it as a specific type of alignment.

SIGLAS

CI	Cisão Intransitiva
FTG	Família Tupí-Guaraní
HI	Hipótese Inacusativa
HR	Hierarquia Referencial
N/A	Não aplicável
PTG	Proto Tupí-Guarani
S	Argumento único intransitivos
SA	Argumento único intransitivos com propriedades de agente
SN	Sintagma nominal
SP	Argumento único intransitivos com propriedades de paciente
SV	Sintagma verbal
TG	Tupí-Guaraní
V1	Verbo intransitivo
V2	Verbo transitivo

SUMÁRIO

<i>AGRADECIMENTOS</i>	v
<i>RESUMO</i>	vi
<i>ABSTRACT</i>	vii
<i>SIGLAS</i>	viii
<i>SUMÁRIO</i>	ix
INTRODUÇÃO	1
Primeiras palavras	1
Referencial teórico-metodológico	2
Os critérios de análise	4
Plano de voo.....	7
CAPÍTULO 1 – CISÃO INTRANSITIVA	9
1.1 Semântico, sintático ou arbitrário?.....	9
1.2 Tipos de Cisão Intransitiva.....	15
1.3 As classes lexicais e as palavras que designam estados.....	17
CAPÍTULO 2 – A FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ	23
2.1 Sobre a família.....	23
2.2 Morfossintaxe da FTG	26
2.3 Verbos e nomes, predicados e argumentos.....	28
2.4 O sufixo <i>-a</i>	29
2.5 Os prefixos <i>r-</i> e <i>i-</i>	32
2.6 Pronomes e marcas de pessoa.....	35
2.6.1 Formas pronominais livres	36

2.6.2 A Hierarquia Referencial (HR)	40
2.6.3 A Série I.....	42
2.6.4 A Série II.....	44
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DAS LÍNGUAS	46
3.1 Palavras estativas analisadas como verbos.....	46
3.2.1 O Tapirapé	46
3.2.2 O Guajá.....	52
3.2 Palavras estativas analisadas como nomes.....	60
3.2.1 O Emerillón.....	60
3.2.2 O Guaraní	81
3.3 Alguns marcadores em comum.....	92
CAPÍTULO 04 – OS VERBOS INTRANSITIVOS NA FTG.....	94
4.1 Algumas conclusões sobre as línguas.....	94
4.2 Cisão ou Alinhamento?	96
4.3 As marcas da Série II, parte II	99
4.4 Últimas palavras	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	107

INTRODUÇÃO

Primeiras palavras

Nas línguas da Família Tupí-Guaraní (FTG), um grupo de cerca de trinta e cinco línguas para as quais se postula uma origem comum em razão de semelhanças lexicais, morfológicas e sintáticas, a grande quantidade de morfologia transcategorial (compartilhada entre nomes e verbos – e posições), a inexistência de uma classe formal produtiva de adjetivos e a sobreposição funcional de nomes e verbos em função argumental e predicativa criam uma dificuldade para se analisar as palavras que designam estados, e é justamente a classificação dessas palavras como nomes ou verbos o ponto crucial para se determinar a existência de duas subclasses intransitivas nessas línguas, uma de verbos denominada de ativos (ou eventivos) e outra de estativos (ou descritivos).

Há autores, como Praça (2007) e Magalhães & Mattos (2015) que defendem as palavras estativas, nas línguas que estudam, como uma subclasse intransitiva de verbos descritivos, ou estativos. No entanto, autores como Dietrich (2001) e Rose (2003) consideram que a classe semântica dos estados possui natureza nominal. No Guaraní, Dietrich (2001) classifica os estados como nomes idênticos aos nomes dependentes, enquanto Rose (2003) postula que os estados formam, no Emerillón, duas subclasses nominais, denominados nominoides e atributivos. Há ainda autores, como Cabral (2009) que defendem não ser possível falar em um padrão de Cisão Intransitiva para a FTG como um todo, em razão de essas línguas apresentarem comportamentos diferenciados, apesar de sua provável origem comum.

Debruçaremos aqui sobre essas diferentes perspectivas de análise e naquilo que as línguas da FTG podem nos ensinar a respeito da intransitividade cindida.

Referencial teórico-metodológico

O presente estudo se inclui no quadro teórico da abordagem tipológico-funcional representada por Comrie, DeLancey, Dixon, Givón, Hopper & Thompson, Payne e Mithun, entre outros.

A tipologia linguística, por meio da análise e da classificação das línguas em grupos que compartilham semelhanças e diferenças busca, na diversidade das línguas, fazer generalizações empíricas sobre seu funcionamento. Nas palavras de Rose (2003: 21):

A tipologia estuda a variedade das línguas do mundo, levando em consideração suas semelhanças (universais ou tendências) e suas diferenças, e estabelece cada tema linguístico em cada “tipo” de língua de acordo com o tratamento que eles recebem. Nossa abordagem tipológica implica o conhecimento de lingüística geral e do uso da terminologia mais aceita possível para permitir comparações entre línguas. Essa abordagem se opõe a um estudo centrado em uma língua cujos objetivos e resultados estejam relacionados somente à língua estudada.¹

Serão analisadas neste trabalho quatro línguas da Família Tupí-Guaraní: o Tapirapé, o Guajá, o Emerillón e o Guaraní. O Tapirapé e o Guajá são descritos por Praça (2007) e Magalhães & Mattos (2015) como línguas que apresentam cisão na classe dos intransitivos, que conta com uma subclasse de verbos mais ativos e uma de verbos mais estativos, onde estão classificadas as palavras que possuem semantismo adjetivo, também referidas neste trabalho como palavras estativas. No Emerillón, Rose (2003) defende não haver duas subclasses intransitivas, pois ela considera o comportamento morfossintático de tais palavras como mais próximo ao dos nomes e as divide em duas subclasses diferenciadas: nominoides e atributivos, os primeiros de natureza nominal e os segundos como um grupo de palavras que não tem natureza verbal, nem nominal, nem adjetival. No Guaraní, há diferentes opiniões sobre a cisão.

¹ La typologie étudie la variété dans les langues du monde, met en relief leurs ressemblances (universaux ou tendances) et leurs différences en établissant pour chaque thème linguistique des "types" de langues selon le traitement qu'elles en ont. Notre approche typologique sous-entend une connaissance de la linguistique générale et l'utilisation d'une terminologie la plus largement acceptée possible pour permettre les comparaisons trans-linguistiques. Cette approche s'oppose à une étude centrée sur une langue avec des outils et des résultats restant spécifiques à la langue étudiée.

Para as diversas variedades do Guaraní, Dietrich (2001) defende que as palavras estativas sejam nomes similares aos nomes dependentes², diferentemente de Mithun (1991), que no Guaraní Paraguaio considera a classe dos estados como verbos estativos. O Guaraní Mbyá é descrito por Martins (2003) como língua de intransitivo cindido, com as raízes estativas classificadas como subclasse verbal.

A escolha de investigar esse pequeno conjunto de quatro línguas, em um universo de cerca de trinta e cinco línguas que compõem o conjunto denominado Família Tupí-Guaraní, merece alguns comentários. A intenção inicial deste trabalho era pesquisar oito línguas vivas e com boa quantidade de documentação, para confrontar descrições divergentes, ou seja, de um lado, quatro línguas cujas palavras estativas fossem classificadas como nomes e, do outro, quatro línguas cujas palavras estativas fossem incluídas na classe dos verbos. Foi possível montar o primeiro grupo, inicialmente composto pelas línguas Kamaiurá, Guajá, Tapirapé e Nheengatú, mas não foi possível selecionar com tanta facilidade as línguas do segundo grupo, em razão do reduzido número de descrições aprofundadas de autores que consideram as palavras estativas como nomes. Foram selecionadas, em um primeiro momento, as línguas Emerillón, Guaraní e Zo'é, mas foi necessário retirar a última em razão dos poucos dados disponíveis. Como restaram-nos apenas duas línguas do segundo grupo, retiramos do primeiro o Nheengatú, em razão da sua forte influência do português, e demos preferência a analisar mais explicitamente o Tapirapé e o Guajá, deixando o Kamaiurá, apesar de sua vasta documentação, como fonte auxiliar de dados, juntamente com o Nheengatú.

É importante observar que, como esta pesquisa baseia-se em fontes secundárias, pretende-se primeiramente expor aspectos da morfossintaxe de cada língua tal qual descrito por seus especialistas, para depois coletar e definir alguns critérios que serão tomados como ponto de partida para analisarmos as palavras estativas nas línguas supracitadas. Somente após chegarmos à alguma conclusão sobre a classificação dessas palavras será possível prosseguir para uma descrição sobre o tipo de CI que as línguas TG aqui analisadas (que têm duas subclasses de verbos intransitivos) exibem e suas possíveis motivações.

² Nomes que não têm existência independente e necessitam, obrigatoriamente, de um complemento (normalmente um possuidor).

Os critérios de análise

É fato que a classe semântica dos estados se manifesta de maneiras diferentes em diferentes línguas: há línguas que formalizam classes mais ou menos homogêneas de adjetivos, há línguas em que os estados são expressos por palavras cujo comportamento morfossintático se assemelha ao dos verbos, há línguas em que são expressos por palavras de comportamento similar ao dos nomes. As divergências teóricas vão pelo mesmo terreno: há autores que consideram como classes lexicais universais apenas verbos e nomes (Delancey 2001 e Dixon 1997) e há outros que consideram três as classes universais: verbos, nomes e adjetivos (Givón 2001 e Dixon, 2004).

Ao realizar o trabalho comparativo entre quatro línguas diferentes, ainda que bastante similares em razão de sua origem comum, deparamo-nos com uma necessidade de certa maneira esperada desde o estágio mais embrionário desta dissertação: a de estabelecer critérios de análise minimamente padronizados que possibilitassem um olhar uniforme sobre as línguas pesquisadas e, com isso, trazer alguma luz acerca da cisão intransitiva nessas línguas da FTG, além de algumas perspectivas de estudos futuros sobre o tema, especialmente porque temos a consciência de que a análise de quatro línguas, em um universo de cerca de trinta e cinco línguas que compõem a família, deixa como legado muito mais perguntas do que respostas e consegue no máximo sugerir tendências e possibilidades de análise a serem aprofundadas em estudos posteriores.

Ocorre que, ao compararmos determinados aspectos morfossintáticos das línguas que compõem este trabalho, encontramos descrições que incluem, em uma língua, uma determinada raiz na classe dos nomes, enquanto a raiz cognata em outra língua é descrita como pertencente à classe dos verbos. Os exemplos 1 e 2 ilustram bem a questão. O primeiro é do Tapirapé, em que a raiz *ãkow* é descrita por Praça (2007) como verbo descritivo ‘estar quente’, e o segundo é do Emerillón, em que a raiz *aku* é descrita por Rose (2003) como uma subclasse nominal a que ela denomina *nominoide*³ ‘quente’, ‘calor’.

³ Rose (2003), seguindo a proposta de Couchili, Maurel e Queixalós (2001), inclui as palavras que designam estados ao lado dos nomes. Trataremos disso com mais detalhes no capítulo dedicado à língua Emerillón.

- | | | |
|----------------------------|-------------------------------------|--------------------------------------|
| 1. ne=Ø-pir-ãkow | tã'ẽ | verbo intransitivo descritivo |
| 2S.II-R-pele-estar. quente | INTER | |
| 'Você está com calor?' | (lit. você está com a pele quente?) | |
-
- | | |
|-----------------|------------------|
| 2. Ø=aku | nominoide |
| 3.II-calor | |
| 'Il fait chaud' | |

Pretendemos fazer uma análise dos critérios empregados por cada pesquisador, reunindo características ou processos morfossintáticos que forneçam indícios ou evidências de que as palavras estativas possuem comportamento formal compatível com temas verbais ou nominais nessas línguas, descartando como critério o que houver de morfologia transcategorial, ou seja, afixos que se liguem a raízes verbais e nominais. Na medida do possível, todas as línguas serão submetidas ao mesmo conjunto de critérios, a fim de verificar como melhor seriam classificadas as palavras estativas. Ao fim, tentaremos demonstrar, em termos de morfossintaxe, o que há em comum entre as línguas na diferenciação entre verbos e nomes, que possa fornecer indícios do pertencimento das palavras estativas a uma classe ou outra, sempre pensando em termos de características prototípicas, e não em propriedades necessárias e suficientes.

Não serão consideradas razões de ordem estritamente semântica como argumento válido para explicar a inclusão das palavras estativas na classe dos verbos ou dos nomes, pois acreditamos que o conteúdo semântico não determina em termos absolutos o pertencimento de uma raiz a uma determinada classe formal. Explicações que vinculem o semantismo adjetivo das palavras estativas com uma pressuposta inclinação destas à classe dos nomes, ou de associações entre eventos, atividades ou processos à classe dos verbos serão examinadas por meio da busca de evidências morfossintáticas que as corroborem. A definição estritamente semântica para distinguir estados e eventos não se sustenta nem mesmo dentro de uma mesma língua. Nas palavras de Mithun (1991: 513):

(...) a distinção real entre eventos e estados nem sempre é tão definida: muitas situações podem ser descritas como ambos. Por exemplo: em inglês as formas ‘he is sleeping’ e ‘he is asleep’ podem ser usadas na mesma situação; o que pode ser descrito por falantes de uma língua como um evento ‘he is sleeping’, por falantes de outra é estado ‘he is asleep’. Da mesma maneira, o verbo Guaraní ‘*viʔá*’ significa em inglês ‘rejoice’, ‘be happy’. No entanto, em inglês ‘rejoice’ seria normalmente considerado um evento, enquanto ‘be happy’ seria considerado um estado. O verbo em Guaraní é classificado gramaticalmente como um evento e aparece no primeiro caso. E em inglês, tanto ‘rain’ quanto ‘drizzle’ são classificados como eventos, enquanto em Guaraní *-kí-* ‘chuva’ é um evento e *-aiviruʔi* ‘chuveiro’ é um estado⁴.

Além dos critérios exclusivamente semânticos, tudo o que houver de morfologia comum a temas verbais e nominais não será tomado como critério válido, por entendermos que morfologia comum a vários tipos de raízes não deve, em princípio, servir de parâmetro para indicar o pertencimento de uma raiz a uma classe ou a outra. De maneira geral, são considerados como morfologia transcategorial os processos morfológicos de negação, seja sentencial ou de constituinte, a flexão relacional, a flexão com o sufixo *a-*, ainda que em poucas línguas da FTG ele se ligue a raízes verbais, a reduplicação, as nominalizações de predicados por meio de **-βaʔe*⁵, a causativização de predicados intransitivos e, o mais importante, a flexão com o paradigma da Série II de marcadores pessoais, em razão de toda a discussão que existe sobre a distribuição dessas marcas, de que vamos tratar com mais detalhe ao longo desse trabalho.

⁴ (...) but the real-world distinction between eventos and states is not always a crispy one: many situations could be described as either. For instance, English ‘he is sleeping’ and ‘he is asleep’ might both be used in the same situation, which might be described by speakers of one language as an event (‘he is sleeping’), but by speakers of the next as a state (‘he is asleep’). Similarly, the Guaraní verb ‘*viʔá*’ is translated as ‘to rejoice’, ‘be glad’. In English, ‘rejoice’ would usually be considered an event, but ‘be glad’ a state. The Guaraní verb is classified grammatically as an event and appears with the first case. And in English, both ‘rain’ and ‘drizzle’ are classified as events, but in Guaraní *-kí-* ‘rain’ is an event, while *-aiviruʔi* ‘drizzle’ is a state.

⁵ Forma reconstruída para o PTG (Proto-Tupí-Guaraní) por Jensen, (1998), equivalente aos sufixos *-ma’ẽ* em Emerillón, *-ma’a* em Guajá, *-ama’e* em Tapirapé, *-va’e* no Guaraní, entre outras formas cognatas, sempre muito produtivas nas línguas TG.

Plano de voo

O Capítulo 1 apresenta uma breve retrospectiva dos estudos linguísticos sobre o comportamento dos verbos intransitivos, tratando também de como a linguística formal se interessou pelo fenômeno, a partir dos anos 1970, com a Hipótese da Inacusatividade, na busca de motivações sintáticas para a existência de subclasses intransitivas. Também serão apresentados neste capítulo alguns tipos de cisão intransitiva que as línguas exibem e o problema classificatório das palavras de semantismo adjetivo em línguas que não apresentam classe formal de adjetivos.

O Capítulo 2 contém algumas informações histórico-geográficas sobre a Família Tupí-Guaraní, bem como a descrição de alguns aspectos da morfossintaxe dessas línguas, essenciais à compreensão deste trabalho, tais como o sufixo *-a*, os prefixos relacionais, a Hierarquia Referencial, os pronomes pessoais e os paradigmas de marcas de pessoa geralmente denominados Série I e Série II.

O Capítulo 3 exhibe a maneira como cada pesquisador descreve e analisa a classe dos estados nas línguas que estudam. Praça (2007) e Magalhães & Mattos (2015) defendem a existência de CI no Tapirapé e no Guajá por considerarem os estados como uma subclasse de verbos estativos; No Emerillón, Rose (2003) considera os estados como palavras de natureza nominal que compõem duas subclasses, uma de nominoides e outra de atributivos, e não reconhece a existência de CI no Emerillón. Em relação às duas variedades do Guaraní de que trataremos, o Guaraní Paraguaio e o Mbyá, Dietrich (2001) defende que as palavras estativas sejam nomes, ao contrário de Mithun (1991) e Martins (2003), que as consideram uma subclasse de verbos estativos. Neste capítulo também serão exibidos os critérios morfossintáticos que julgamos mais relevantes em cada língua para definir pertencimento da classe dos estados junto aos verbos ou nomes.

O quarto e último capítulo desta dissertação se destina a apresentar o nosso posicionamento acerca da CI nas línguas analisadas e também a fornecer algumas possibilidades de melhor compreender o comportamento dos verbos intransitivos nessas línguas, com base nas propostas de Queixalós (2013) sobre a classificação deste caso específico como um tipo de alinhamento, denominado nominativo-absolutivo, em lugar

de cisão, e em sua análise sobre o estatuto transcategorial das marcas de pessoa da Série II.

CAPÍTULO 1 – CISÃO INTRANSITIVA

Cisão intransitiva (CI) é um termo genericamente utilizado para denominar a existência de duas subclasses de verbos intransitivos, que contrastam em algum aspecto da língua, evidenciando um comportamento distinto entre elas. A CI pode se manifestar de diversas maneiras e pode estar explícita na morfologia da língua – tal como na marcação de caso ou na codificação dos argumentos – ou subjacente a determinados mecanismos sintáticos – seleção de verbos auxiliares, construção de causativas, inversões na ordem, entre outros. O comportamento dos verbos intransitivos tem sido discutido pela linguística há muitas décadas, na tentativa de descobrir quais são as motivações para se estabelecer a diferenciação das subclasses, se são pressões de natureza semântica, sintática ou se a cisão é arbitrária.

1.1 Semântico, sintático ou arbitrário?

O comportamento dos verbos intransitivos vem sendo objeto de estudo da linguística desde as primeiras décadas do século XX, quando Sapir refutou, por meio de uma resenha publicada em 1917 no *International Journal of American Linguistics*, um artigo de Uhlenbeck (1916) que propunha, como justificativa para a cisão morfológica na marcação de pessoa, o caráter essencialmente passivo das construções transitivas de diversas línguas indígenas americanas⁶. Na intenção de combater o que Sapir considerava “especulação etno-psicológica baseada em informação linguística” da parte de Uhlenbeck, Sapir propôs que a distribuição de formas pronominais deveria ser vista como um sistema de oposições linguísticas, no qual a semântica e a representação formal de um item só poderiam ser devidamente compreendidas se analisadas em relação ao sistema flexional como um todo. Sapir comparou a distribuição das formas pronominais em orações transitivas e intransitivas dessas línguas, denominando “ativas” as formas flexionais intransitivas que correspondiam aos sujeitos das transitivas, e “inativas” as formas correspondentes aos objetos das transitivas, e propôs que:

⁶ Wichmann (2008: 05).

Em vez de interpretar o objeto de um verbo transitivo como um tipo de subjetivo (em outras palavras, derivado de um intransitivo ou de caso inativo), pode-se, ao contrário, interpretar o verbo intransitivo inativo como um verbo transitivo sem sujeito expresso, mas com um objeto direto ou indireto. Assim, formas como ‘eu durmo’ ou ‘eu penso’ seriam mais adequadamente compreendidas com significado de ‘dormiu-me’ ou ‘parece-me’. (Sapir, 1917: 85)⁷

As motivações semânticas da cisão intransitiva começaram a ser mais recorrentemente questionadas a partir dos anos 1970, quando pesquisadores da Gramática Relacional adotaram e adaptaram as ideias de Sapir para postular motivações de natureza sintática para as cisões morfológicas, como a Hipótese Inacusativa (HI), de Perlmutter (1978), posteriormente desenvolvida por Búrzio⁸ (1981, 1983, 1986), em seus estudos sobre a cliticização com *ne* e a seleção dos auxiliares em italiano. Segundo a HI, inacusatividade e inergatividade são propriedades inerentes aos verbos intransitivos e podem ser identificadas em termos de hierarquia de constituintes: os verbos inacusativos tem como argumento único um sintagma nominal (SN) interno ao sintagma verbal (SV), gerado na estrutura subjacente como objeto, mas que se move para fora do SV e assume a posição de SpecIP, deixando de ser complemento e virando especificador. Verbos inacusativos seriam, portanto, verbos com duas posições na estrutura argumental, com uma vaga de sujeito não preenchida. Apenas os inergativos, de argumento único gerado fora do SV, teriam uma estrutura verdadeiramente monoargumental, o que equivale a dizer que apenas os verbos inergativos possuem argumento único com propriedades sintáticas típicas de sujeito⁹, e que o argumento dos inacusativos, ainda que percebido e analisado como sujeito por ser o único SN disponível, é um sujeito de superfície que possui, estruturalmente, propriedades de objeto.

⁷ Instead of interpreting the object of the transitive verb as a sort of subjective (in other words, deriving it from the intransitive or inactive case), one may, on the contrary, look upon the latter as an objective, the inactive or intransitive verb being interpreted as a static verb without expressed subject, but with direct or indirect object. Thus, forms like I SLEEP or I THINK could be understood as meaning properly IT SLEEPS ME, IT SEEMS TO ME.

⁸ Búrzio leva esses estudos para o quadro teórico da Gramática Gerativa, denominando-a Hipótese Ergativa

⁹ Os critérios de “sujeitabilidade” propostos por Keenan (1976) apontam as seguintes propriedades típicas de sujeito, entre outras: posição privilegiada na hierarquia de acessibilidade, existência independente, pouca propensão ao apagamento, autonomia da referência (controle da correferência, reflexivização, apagamentos correferenciais e pronominalizações), controle da referência inter-oracional, da referência absoluta e da pressuposta.

Segundo Vieira (2013: 191):

Nas representações das duas classes intransitivas, os sujeitos dos verbos inergativos são argumentos externos, ao passo que os sujeitos dos verbos inacusativos são argumentos internos, conforme ilustram (1) e (2) a seguir. Para adquirir caso nominativo da flexão, o único argumento do verbo inacusativo/ergativo se move para a posição de [Spec, IP]:

1. NP [VP V NP/CP] - verbos inergativos
2. ____ [VP V NP/CP] - verbos inacusativos

Ainda no quadro teórico da Gramática Relacional, Van Valin (1990: 252) se apoiou na teoria léxico-semântica de classificação verbal de Dowty (1979:71)¹⁰ para defender que a Hipótese Inacusativa é melhor explicada em termos semânticos do que por meios sintáticos. Para Van Valin, é a estrutura lógica dos predicados primitivos que determina a seleção argumental e a distribuição dos papéis semânticos. Por meio de uma generalização semelhante aos Proto-Papéis de Dowty, os Macropapéis¹¹ de Van Valin seriam funções das propriedades léxico-semânticas dos verbos, atuando na interface entre relações gramaticais e relações semânticas. Assim, as restrições léxico-semânticas para a seleção argumental seriam impostas por parâmetros semânticos dos verbos, tais como agentividade, controle, volição e aspecto lexical.

Identificados por Dowty (1991: 548) como “criaturas da interface sintaxe/semântica”, os papéis semânticos, para o autor, parecem participar da seleção argumental como aglomerados conceituais. Por isso, ele propôs um superordenamento de papéis, a que ele denomina Proto-Agente e Proto-Paciente, fazendo uma generalização semântica em um nível superior. Segundo Dowty, são características de Proto-Agente:

¹⁰ Originalmente desenvolvida por Vendler (1967). Com base na decomposição da estrutura semântica dos predicados, Dowty divide os verbos em quatro classes: estados, *achievements* (êxitos), atividades e *accomplishments* (conquistas). O autor acrescenta a ideia de que é possível explicar as diferenças entre as classes verbais ao se postular a existência de uma classe única de predicados primitivos – PREDICADOS ESTATIVOS – dos quais, por meio de operadores e conectivos aspectuais, todas as outras classes seriam derivadas.

¹¹ Ator e Experienciador

- envolvimento volicional no evento;
- percepção e “sentience” (sentir/ter consciência);
- causação de um evento ou a modificação do estado do outro participante;
- deslocamento relativo em relação ao outro participante;
- existência independente em relação ao evento nomeado pelo verbo.

As características de Proto-Paciente são:

- sofrer mudança de estado;
- ser tema incremental;
- ser afetado por outro participante;
- ser relativamente estacionário em relação ao outro participante;
- não ter existência independente em relação ao evento nomeado pelo verbo ou não ter qualquer existência.

O princípio da seleção argumental de Dowty atesta que nos predicados transitivos das línguas acusativas (como o inglês, que serviu de referência para Dowty) o argumento com mais propriedades de Proto-Agente vai ser lexicalizado como sujeito, e o argumento com mais propriedades de Proto-Paciente vai se lexicalizar como objeto direto. Se os dois argumentos do verbo transitivo têm, aproximadamente, o mesmo número de propriedades de Proto-Agente e Proto-Paciente, qualquer um ou ambos podem se lexicalizar como sujeito ou como objeto. Nesses sistemas, o argumento único dos predicados intransitivos possui propriedades sintático-semânticas análogas aos sujeitos dos predicados transitivos.

Dowty relaciona os Proto-Papéis com a Hipótese Inacusativa e levanta a possibilidade de que os Proto-Papéis possam explicar as razões pelas quais as línguas fazem distinções na seleção argumental. Para ele, apesar de não ser possível determinar se o significado lexical de um verbo intransitivo implica inacusatividade ou inergatividade (até porque as classes semânticas de verbos variam de língua para língua), a distinção inacusativo/inergativo observada nos verbos intransitivos corresponde semanticamente à divisão entre os papéis semânticos de Proto-Agente e Proto-Paciente, verificada nos verbos de dois argumentos.

O fenômeno que aqui denominado Cisão Intransitiva aparece sob muitos outros nomes na literatura linguística, entre eles cisão ativo-estativo, sistemas agentivos, sistemas agentivos-pacientivos, Split-S e línguas de tipologia ativa. Esta última denominação, proposta por Klimov (1974: 13), defende motivações semânticas para a cisão e define as línguas com CI como línguas orientadas para as relações entre participantes ativos e inativos da cena discursiva, e não para as relações gramaticais entre o verbo e seus argumentos.

A variedade de rótulos, segundo Mithun (1991: 511), decorre de tentativas de capturar com mais exatidão em que nível de análise, se semântico, sintático ou pragmático, estão as motivações para o comportamento morfossintático diferenciado das duas subclasses de verbos intransitivos. De acordo com Mithun (1991: 511):

(...) entre eles ativo, incluindo ativo-neutro, ativo-inativo, ativo-estático (conforme Uhlenbeck 1916. Sapir 1917. Klimov 1973. 1974): agentivo ou agente-paciente (conforme Chafe 1970 a-b. Dahlstrom 1983): cisão (conforme Dixon 1979) e cisão intransitiva (conforme Merlan 1985. Van Valin 1987. 1990).¹²

Na última década, as línguas com CI têm sido envelopadas sob o rótulo de “línguas de alinhamento semântico”, conforme proposto por Wichmann (2008), e na literatura sobre o tema predominam as análises que enxergam a cisão como um fenômeno determinado pela semântica do verbo, principalmente pelo seu *aktionsart* (contraste ativo/estativo) e pelo papel semântico desempenhado pelo participante único. A intenção de Wichmann é examinar cisões de alinhamento em línguas que não parecem se organizar pelas relações gramaticais de verbo e argumentos. Wichmann defende que o termo “alinhamento semântico” é vantajoso porque ele não carrega pressuposições sobre os fatores que atuam no tratamento diferencial dos sujeitos dos intransitivos, a não ser que eles são de natureza semântica, e não sintática:

O termo Split-S (Dixon 1979) só faz sentido quando olhamos as línguas de alinhamento semântico como, de alguma maneira, derivadas de línguas acusativas ou ergativas, pois elas possuem uma

¹² (...) among them active, including active-neutral, active-inactive, active-static (e.g. Uhlenbeck 1916. Sapir 1917. Klimov 1973. 1974): agentive or agent-patient (e.g. Chafe 1970 a-b. Dahlstrom 1983): split (e.g. Dixon 1979): and split-intransitive (e.g. Merlan 1985. Van Valin 1987. 1990).

categoria S morfossintaticamente relevante. No entanto, como as línguas alinhadas pela semântica não possuem tal categoria, parece não fazer sentido postular a existência de S para cindi-lo em duas subcategorias S_A e S_P. O termo Cisão Intransitiva (Merlan 1985) também implica a existência de uma categoria S, ainda que menos diretamente. ‘Estativo-ativo’, ou simplesmente ‘ativo’, também não são nomes vantajosos, pois o tipo de língua a que eles têm sido aplicados não necessariamente demonstra ter como princípio organizador o contraste entre estatividade e atividade. Tais termos deveriam ser utilizados apenas para denotar o subtipo de língua alinhada semanticamente em que o argumento do verbo estativo é tratado como o paciente do transitivo e o argumento do verbo ativo como o agente do transitivo. Problema similar ocorre com os termos ‘agente-paciente’ ou ‘agentivo’, pois eles carregam a pressuposição de ser a agentividade o fator responsável pelo tratamento diferenciado dado aos argumentos dos verbos intransitivos (Wichmann 2008: 3).

13

A todas as denominações de natureza semântica para as cisões intransitivas faz-se a crítica de que elas implicam, em detrimento de toda a polêmica sobre suas motivações, uma decisão prévia que exclui a possibilidade de cisões meramente lexicais, ou por existirem, de fato, cisões semanticamente arbitrárias, ou pela eventual impossibilidade de rastrear tais motivações em razão de processos históricos de lexicalização e/ou gramaticalizações (Creissels 2008: 142).

É isso que Meira (2000: 203) defende para a CI na família linguística Caribe: cisões que não podem ser explicadas por parâmetros semânticos. O autor não encontra em sua pesquisa indícios de correlação da CI com os parâmetros semânticos apontados como relevantes pela literatura sobre o tema. A única correlação encontrada é que os

¹³ The term ‘Split-S’ (Dixon 1979) only makes sense when one views semantically aligned languages as somehow derivative of accusative or ergative languages; both accusative and ergative languages have a morphosyntactically relevant ‘S’ category, but since semantically aligned languages do not, it makes little sense to posit such a category, only to have it split up into the subcategories such as S_A and S_P. The term ‘split intransitive’ (Merlan 1985) similarly implies an S category, although less directly. ‘Stative-active’ or simply ‘active’ are also unfortunate terms, since the type of language to which they have been applied include languages for which the dichotomy of stativity vs. activity does not necessarily constitute a major organizing principle. Such terms should only be used to denote the subtype of semantically aligned languages where the argument of stative verb is treated like the patient of transitive verb, and the argument of an active verb like the agent of a transitive one. A similar problem attaches to the terms ‘agent-patient’ or ‘agentive’, since they carry the assumption that agentivity is the factor underlying the differential treatment of arguments of intransitive verbs across languages of the type in question.

verbos intransitivos com argumento SA¹⁴ aparentam ser formas que passaram por processos de redução de valência, verbos de dois argumentos que se tornaram, sincrônica ou diacronicamente, monovalentes¹⁵. Segundo Meira, as anomalias semânticas da classe de verbos com SA parecem ter origem na evolução da morfologia reflexiva para novas áreas (voz média, passiva e anti-passiva), que resultou em uma língua moderna com padrão de concordância inteiramente epifenomenal, consequência do desenvolvimento histórico de processos morfológicos de detransitivização.

Merlan (1985: 328-329) defende que a definição da estatividade é muito relevante para a discussão da CI: estado, segundo ela, é uma noção utilizada para designar uma "categoria de situação" que não envolve processo ao longo do tempo e está em oposição a eventos, processos e assemelhados. Ela propõe que ao invés de tratar a estatividade como uma propriedade exclusivamente lexical, ela seja tratada como uma propriedade das construções, talvez da oração, que consiste de uma determinada relação semântica entre o sintagma nominal e o predicado.

Por ora, basta dizer que o nome Cisão Intransitiva está longe de ser um consenso e que esta escolha terminológica não implica nenhuma afiliação com pesquisas anteriores, apenas uma forma genérica de fazer referência a um fenômeno amplo e muito comum nas línguas do mundo.

1.2 Tipos de Cisão Intransitiva

A CI se manifesta nas línguas de diversas maneiras. Pode, por exemplo, estar explícita na morfologia, tal como as marcas de pessoa do Tapirapé (Praça 2007: 98), em que se observa que um tipo de verbo intransitivo se flexiona com prefixos de uma determinada série (a Série I, de acordo com a autora) e outro com marcas de uma outra série (a Série II), como ilustram os exemplos 3 e 4 a seguir:

¹⁴ Argumento único S com propriedades prototípicas de agente.

¹⁵ Sincronicamente pela coexistência da forma transitiva que lhe deu origem, diacronicamente por meio de reconstrução de formas já extintas.

3. i-memyr-a a-xaj'a
 3II-REFER 3Sg.I-chorar
 'O filho dela chorou'
4. Tokyn-a i-kywer
 Tokyna- REFER 3Sg.II-ser.magra
 'Tokyna é magra'

Pode, também, aparecer explícita na marcação de caso, como no Basco Moderno (Aldai, 2008: 201), exemplos 5 e 6:

5. Peru-Ø erori da
 Peter-ABS fallen is
 'Peter has fallen'
6. Peru-k dantza-Ø egin du
 Peter-ERG dance-ABS done has
 'Peter has danced'

No entanto, há cisões que não estão explícitas na morfologia da língua, mas ocorrem subjacentes a determinados processos morfossintáticos. No francês, por exemplo, para a formação do passado composto, um grupo de verbos intransitivos seleciona o auxiliar *être*, como em *je suis tombé*, e outro seleciona *avoir*, como em *j'ai travaillé*. No português, na formação de particípio absoluto, verbos do tipo *crescer* permitem formação de particípio, como em *crescidos os filhos, ela voltou a trabalhar*, mas não verbos do tipo *correr*, **corridos os atletas*. No inglês, a possibilidade de alternância causativa também distingue subclasses intransitivas, como em *the man melted the chocolate/the chocolate melted* e **the man jumped the barrier/the barrier jumped*.

No entanto, os tipos possíveis de cisão intransitiva estão fora da proposta e do escopo deste trabalho. Aqui pretendemos tratar apenas de cisões como as dos exemplos 3 e 4, do Tapirapé, (Praça 2007: 98) e 7 e 8, a seguir, do Guajá (Magalhães & Mattos, 2015) e 9 e 10 do Guaraní (Mithun 1991: 511), amostras bastante tradicionais do tipo de

comportamento diferenciado na classe dos intransitivos que as línguas da FTG exibem, expressa na codificação do argumento único junto à raiz verbal. Verbos como *xaj'a* ('chorar', do Tapirapé), *kere* e *xa* ('dormir' e 'ir', do Guajá), se flexionam com as mesmas marcas de pessoa que codificam o argumento agente¹⁶ nos verbos transitivos, diferentemente de verbos como *kywer* ('ser magra', do Tapirapé), *ahy* ('estar doente', do Guajá), e *rasi* ('estar doente', do Guaraní), que codificam seus argumentos utilizando a marca de paciente¹⁷ dos verbos transitivos.

7. Jaha a-kere mixik-a'ĩ ta
 eu 1.I-dormir pouco-ATEN FUT
 'Eu vou dormir um pouquinho'

8. **ha** = r-ahy
 1.II = R-estar.doente
 'Eu estou doente'

9. **a-xa**
 1.I -ir
 'Eu vou'

10. **šé**-rasí
 1sg.II-estar.doente
 'Eu estou doente'

1.3 As classes lexicais e as palavras que designam estados

A discussão sobre a existência ou não de cisão intransitiva nas línguas da FTG se deve às diferentes interpretações dadas às palavras que designam estados, tais como *asi*, interpretado por Dietrich (2001) no Guaraní como 'doença', e por Mithun (1991), também no Guaraní, como 'estar.doente', conforme o exemplo 10. Esses significados

¹⁶ Prototipicamente, conforme Dowty, 1991.

¹⁷ Prototipicamente, conforme Dowty, 1991.

costumam ser expressos nas línguas europeias por meio de adjetivos, por formas verbais finitas ou estruturas intermediadas por cópula. No entanto, as línguas da FTG têm sido descritas como línguas que não possuem uma classe de adjetivos numericamente relevante, nem costumam apresentar produtividade em estruturas intermediadas por cópula. Assim, a manifestação da classe dos estados na morfossintaxe dessas línguas é muito suscetível a divergências de classificação, pois ela passa a depender dos critérios de análise empregados por cada pesquisador.

Ao definir classes de palavras, Givón (2001) divide o vocabulário das línguas em palavras lexicais, que expressam conceitos relativamente estáveis e representam nosso universo cultural compartilhado, e as palavras gramaticais, que não expressam conteúdo propriamente dito, mas trabalham a serviço da articulação do discurso. As classes de palavras lexicais são, em geral, grandes e mais ou menos abertas, pois permitem o surgimento de novas palavras e o desaparecimento ou ressignificação de itens que caem em desuso. Givón (op.cit.) reconhece como classes universais os nomes, verbos, adjetivos e advérbios, mas defende que estes últimos não formam uma classe sintática, semântica e morfológicamente homogênea. A partir da noção de protótipo, em oposição ao sistema tradicional de características distintas, ele defende que o pertencimento de uma palavra a uma determinada classe depende não apenas, mas também de critérios:

- i) Semânticos: qual tipo de significado tende a ser codificado por palavras de uma determinada classe (os mais universalmente previsíveis).
- ii) Critérios morfofonológicos: quais tipos de morfema tendem a se unir a uma determinada classe de palavras (os mais variáveis translinguisticamente).
- iii) Critérios sintáticos: o tipo de posição e funções que uma classe tende a desempenhar na oração.

Os critérios semânticos propostos por Givón (2001) são relacionados entre si e compõem, juntos, grupos de conceitos semânticos a que ele denomina escala de estabilidade temporal¹⁸, segundo a qual se distinguem as classes de palavras: a estabilidade temporal propriamente dita, que é o grau de modificação de uma entidade

¹⁸ No original time-stability scale.

ao longo do tempo, complexidade (quantidade de características definidoras), a concretude física e a configuração espacial. Assim, em um extremo da escala estão os nomes mais prototípicos, pois eles expressam entidades razoavelmente duradouras ao longo do tempo “... se é uma cadeira agora, é provável que continue a ser uma cadeira daqui a cinco minutos, uma hora ou um dia – em tamanho, formato, cor, textura, consistência e uso”¹⁹ (Givon 2001: 51), e na extremidade oposta estão os verbos mais prototípicos, que envolvem experiências de curta duração e codificam mudanças rápidas no estado, na condição ou na localização espacial de entidades codificadas por nomes. Alguns exemplos desses verbos são ‘atirar’, ‘chutar’, ‘quebrar’.

A morfologia gramatical é, segundo Givon (2001), critério igualmente forte para definir o pertencimento de uma raiz a uma determinada classe. A morfologia associada aos nomes inclui marcadores de gênero e classificadores, marcadores de número, artigos, marcas de caso em âmbito semântico (agente, paciente etc.) ou sintático (sujeito, objeto etc.), pronomes possessivos. As características morfológicas mais comumente associadas aos verbos incluem tempo, aspecto e modalidade, negação, pronomes e concordância (com ou sem pronomes) e morfologia de ajustes de valência, entre outras.

Dixon (1977: 10) reconhece a existência de línguas sem uma classe definida de adjetivos e agrupa em sete tipos semânticos as palavras que conceituam propriedades: **dimensão** (grande, gordo, pequeno, baixo, longo, amplo, estreito etc.); **propriedades físicas** (macio, duro, pesado, leve, macio, quente, frio, doce, amargo etc.); **cor** (preto, branco, vermelho etc.); **propensão humana**²⁰ (feliz, triste, contente, inteligente, generoso, cruel, bruto, orgulhoso, malvado etc.); **idade** (novo, jovem, velho, antigo); **juízo de valor** (bom, mal, excelente, adequado, perfeito etc.); e **velocidade** (rápido, devagar, veloz etc.). Quase três décadas depois, Dixon (2004) revisa sua posição acerca dos adjetivos e passa a defender que é possível encontrar uma classe de adjetivos em todas as línguas humanas, mas que ela não é homogênea. Haveria, portanto, segundo o autor, dois tipos de adjetivos, um que desempenha função de modificador de SNs e se comporta de maneira mais semelhante a nomes, e um outro tipo que institui núcleo de

¹⁹ If it is a chair now, it is still likely to be a chair in five minutes, an hour or a day – in size, shape, color, texture, consistency or usage.

²⁰ No original *human propensity*. Diz respeito a estados emocionais ou comportamentos tipicamente humanos.

predicados intransitivos e expressa propriedades relativas a entidades, se comportando de maneira mais semelhante a verbos.

Delancey (2001: 41) defende verbos e nomes como as únicas classes universais e fontes diacrônicas de todas as outras, e a não universalidade da classe dos adjetivos, separando, em sua análise, forma de função. Para os adjetivos, o que ele apresenta como universal é a existência de uma categoria funcional de “palavras que conceituam propriedades”, que podem vir a se realizar como adjetivos nas línguas que formam adjetivos, ou como uma subclasse de nomes ou verbos nas línguas que não formam adjetivos. Ele alega que a escala de Givón não dá conta de explicar tudo o que precisa ser explicado sobre “nominalidade” e “verbalidade”²¹, especialmente sobre o comportamento sintático mais reconhecidamente definidor de verbos e nomes, que são suas funções como predicados e argumentos, respectivamente.

Como as línguas TG não possuem classe produtiva de adjetivos e as funções de predicado e argumento não podem ser atribuídas com exclusividade a verbos e nomes, respectivamente, a classificação dos estados é suscetível a divergências.

Alguns pesquisadores consideram os estados como uma subclasse de nomes. Grande parte dessas palavras possuem, de fato, um semantismo que mais as aproxima, de acordo com a escala de estabilidade temporal de Givón (2001), dos substantivos, especialmente quando as traduzimos para línguas como o português. Dietrich (2001: 28), por exemplo, defende, por meio de critérios semânticos, que no Guaraní as palavras estativas são nomes porque são “substantivos com valor predicativo”, “trata-se da expressão de substâncias, de seres, objetos e ideias abstratas”. Outros dois critérios que o autor usa para classificar os estados como nomes são: 1) o fato de que os estados compartilham com posições e com uma determinada subclasse de nomes o mesmo paradigma pronominal; 2) As palavras que designam estados podem assumir função sintática de sujeito, complemento de objeto e complemento de circunstância, além de predicar.

Diferentemente, há pesquisadores que classificam tais palavras como verbos não só por suas propriedades semânticas, mas em razão do seu comportamento

²¹ No original *nounhood* e *verbhood*.

morfossintático revelar-se análogo ao dos verbos intransitivos em termos de valência e de possibilidades de flexão com determinados morfemas, exclusivos de verbos na FTG, tais como nominalizadores. Seki (2001), por exemplo, relaciona a classe dos estados em Kamaiurá com a descrição dos sete tipos semânticos propostos por Dixon (1977) para os adjetivos, e classifica os estados como uma subclasse de verbos, a que ela denomina descritivos. Além disso, também não se sabe se é possível falar em um padrão para as línguas da família ou se, conforme defende Cabral (2001), o comportamento das palavras que designam estados varia de uma língua para outra.

Queixalós (2001) levanta a possibilidade de que a identificação da classe dos estados como nome em uma língua e como verbo em outra língua geneticamente aparentada seja um indício de evolução diacrônica em curso:

Não podemos, portanto, escapar à dimensão diacrônica, que levanta a questão de saber se a classe dos estados possui alguma realidade formal em uma etapa atestada ou reconstruível, por exemplo, ao se realizar como uma classe sintática que não é nome nem verbo, ou em se constituir em uma classe caracterizada por uma dupla vocação, verbal e nominal (Queixalós, 2001: 06).²²

Considerando a provável origem comum dessas línguas, se for possível demonstrar que em algumas delas os estados se realizam como nomes e em outras como verbos, pode-se realmente estar diante de evidências de que as línguas estão em diferentes estágios da diacronia. Do contrário, se surgirem confirmações de que os estados, nas línguas analisadas, pertencem a uma só classe lexical, será possível concluir que as línguas são muito mais semelhantes entre si do que tem sido reportado na literatura, e que as diferenças entre as descrições são de ordem metodológica, e não linguística.

O Capítulo 1 apresentou noções introdutórias sobre as motivações para o comportamento diferenciado dos verbos intransitivos, algumas maneiras como as cisões se manifestam nas línguas e o problema classificatório da classe semântica dos estados

²² On ne peut cependant éluder tout à fait la dimension diachronique, qui pose la question de savoir si la classe des états jouit de quelque réalité formelle à une étape attestée ou reconstituée, par exemple, en s'incarnant dans une classe syntaxique qui n'est ni nom ni verbo, ou en constituant une classe caractérisée par sa double vocation, verbale et nominale.

em línguas como as da FTG que não possuem classe formal de adjetivos. O Capítulo 2 tratará de aspectos histórico-geográficos da FTG, bem como apresentará alguns aspectos da morfossintaxe dessas línguas considerados importantes no entendimento deste trabalho.

CAPÍTULO 2 – A FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ

2.1 Sobre a família

As duas línguas mais importantes faladas na costa do Brasil à época do descobrimento, o Tupínambá e o Guaraní Antigo, emprestaram seus nomes para o que na atualidade denomina um grupo “... de cerca de trinta línguas que apresentam grande número de correspondências sistemáticas em seus sons, em suas gramáticas e em seus vocabulários.” (Rodrigues, 1996:32), a que se convencionou chamar Família Tupí-Guaraní (FTG).

Ainda, segundo Rodrigues (1996: 29):

(...) uma família linguística é um grupo de línguas para as quais se formula a hipótese de que têm uma origem comum, no sentido de que todas as línguas da família são manifestações diversas, alteradas no correr do tempo, de uma só língua anterior.

Com o objetivo de evangelizar os índios, os padres jesuítas começaram a traduzir e estudar o Tupínambá e o Guaraní Antigo desde a primeira metade do século XVI, mas os textos escritos nessas línguas só foram publicados meio século depois, aproximadamente. A mais antiga gramática do Tupínambá é de José de Anchieta (~1534-1597), a *Arte de gramática da Língua mais usada na costa do Brasil* (1595), seguida de a *Arte da Lingva Brasílica* (1621), de Luís Figueira (~1574-1643). As descrições do Guaraní datam do início do século XVII: *Arte de la Lengua Guaraní* (1640), de Antonio Ruiz de Montoya (1585-1652), e *Breve Introducción para aprender la Lengua Guaraní* (1979 [ca.1625]), de Alonso de Aragona (1585-1629)²³.

As línguas da FTG têm uma vasta distribuição geográfica na América do Sul e podem ser encontradas em praticamente todo o território brasileiro. Segundo Rodrigues (1996), as línguas da FTG estão:

²³ Rodrigues (1996: 35).

(...) no Maranhão, Pará, Amapá, Amazonas, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Espírito Santo, assim como, fora do Brasil, na Guiana Francesa, na Venezuela, na Colômbia, no Peru, na Bolívia, no Paraguai e na Argentina (Rodrigues 1996: 32).

O agrupamento das línguas da FTG em subgrupos foi proposto por Rodrigues (1984-1985), com base em homogeneidades fonológicas, morfológicas e lexicais entre as línguas. Essa classificação foi posteriormente revisada em 2002 (Rodrigues & Cabral 2002)²⁴.

Dietrich (2010) propôs um agrupamento alternativo (Fig. 1), levando em considerações critérios morfossintáticos

As línguas agrupadas por baixo dos números I a VIII e das referências geográficas esquematizadas caracterizam-se por critérios da fonologia histórica específica de cada grupo e pelos critérios geográficos. Nos números I a III, esses coincidem com critérios morfossintáticos comuns a cada grupo. As línguas agrupadas por baixo dos números IV a VIII superiores formam grupos tipológicos de traços morfossintáticos próprios (números IV a VI inferiores) Dietrich 2010: 25):

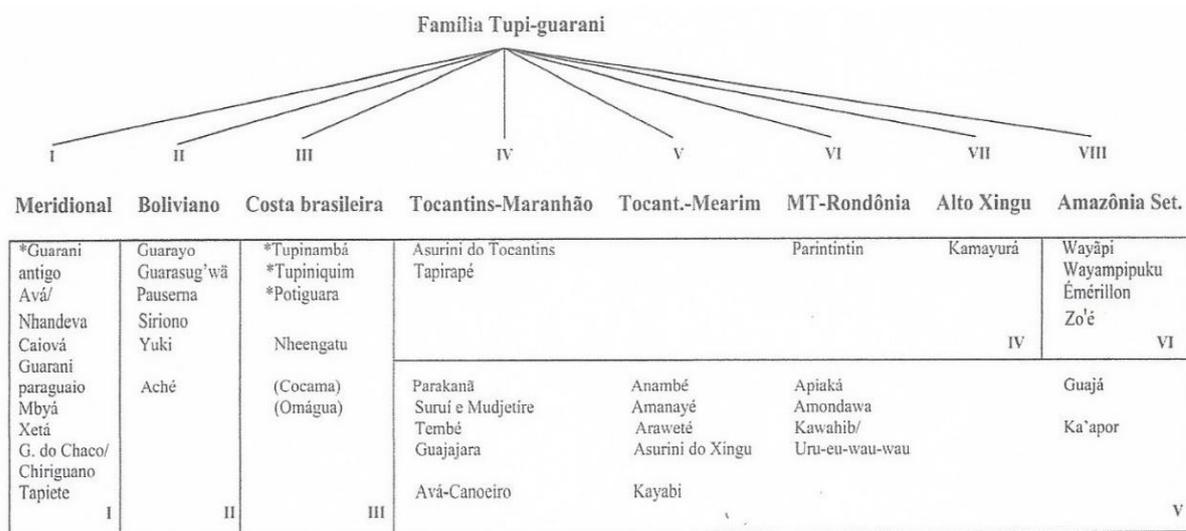


Figura 1: Agrupamento geográfico e tipológico das línguas da FTG

²⁴ Apud Rose (2003: 14).

As línguas estudadas mais profundamente neste trabalho são o Tapirapé, o Guajá, o Emerillón e o Guaraní, mas na medida da necessidade serão apresentadas outras línguas da família, a fim de se traçar um panorama mais amplo da CI na FTG. No mapa 1, a seguir, pode-se visualizar a distribuição geográfica das línguas tratadas nesta pesquisa:



Mapa 1: distribuição geográfica das línguas analisadas

Além desse relacionamento genético mais próximo entre as línguas da FTG, com correspondências fonológicas, morfológicas e sintáticas bastante evidentes, os linguistas postulam a hipótese de haver um relacionamento historicamente mais distante com

outras línguas sul-americanas, originário de uma língua ancestral muito antiga e comum a todo o continente, o Proto-Tupí. De acordo com Dietrich (2010: 10):

Como as línguas românicas, germânicas, eslavas, bálticas, célticas, indo-arianas etc. formam o tronco indo-europeu, assim as famílias Tupí-Guaraní, arikem, juruna, mondé, tupari etc., que alistamos a seguir, formam o tronco Tupí. Portanto, o Tupí-Guaraní é uma das famílias do tronco Tupí. O protoTupí reconstruído pelos especialistas da Linguística Histórica tem uma antiguidade de vários milênios.

Serão apresentados a seguir alguns tópicos de sintaxe TG essenciais à compreensão deste trabalho: uma breve descrição tipológica dessas línguas, a delimitação das classes lexicais e funcionais nas línguas da família, a fim de demonstrar o problema classificatório das palavras que designam estados – questão central na discussão sobre cisão intransitiva. Também serão discutidos aspectos morfossintáticos que despertam diferentes interpretações no âmbito dos estudos sobre línguas da FTG, tais como o sufixo *-a*, o prefixo relacional *r-* e a marcação de pessoa em nomes e verbos (e posições).

2.2 Morfossintaxe da FTG

Dietrich (2010) postula que as línguas da FTG apresentam traços aglutinantes evidentes, em razão do grande número de prefixos e sufixos, que combinados constroem sintagmas complexos:

O tipo aglutinante das línguas Tupís-Guaraní em geral se vê não só no grande número de sufixos e prefixos nominais e verbais, mas também na faculdade de construírem os falantes sintagmas complexos impressionantes, combinando vários sufixos numa ordem bem estabelecida (...) Além das posições locativas tônicas, os nomes podem apresentar sufixos átonos locativos, de grau, como diminutivos, aumentativos, intensivos, de aspecto, de quantificação, de negação, de diversos tipos de nominalização e, no Tupínambá, até de caso sintático. Os verbos podem ter prefixos de pessoa, de modo,

de voz, de nominalização e sufixos de tempo, de aspecto e de nominalização (Dietrich 2010: 19).

Operações de ajustes de valência, tais como incorporações nominais, causativizações, reflexivizações e estruturas aplicativas podem ser encontradas com frequência nessas línguas e a nominalização é um processo muito produtivo na morfossintaxe TG. Há, também, uma quantidade significativa de partículas desempenhando funções variadas. Em termos de semelhança entre essas línguas, se fizermos uma analogia às línguas românicas, elas podem ser tão parecidas entre si quanto o são o português e o espanhol, ou tão diferentes quanto o português e o romeno.

As línguas da FTG expressam o plural de variadas maneiras: afixos, partículas, reduplicação. Esta, nos nomes, funciona como pluralizador, e nos verbos, como intensificador ou marcador aspectual de iteratividade. Nos nomes independentes com características +humano e/ou +animado, a noção de plural costuma ser expressa por meio de afixos ou partículas coletivizadoras, significando o “agrupamento” daquelas entidades, tal como em Guajá o sufixo *-ker ~-kera*, que pluraliza *awa-wahy* ‘mulher Guajá’, tornando-a *awa-wahy-ker-a* ‘o grupo de mulheres Guajá’, ‘a mulherada’. Há, também, variada morfologia para expressar a negação, que pode ser restrita ao nível dos constituintes oracionais ou de escopo mais abrangente, negando predicados inteiros, sejam eles de núcleo verbal ou nominal.

A ordem dos constituintes nas orações transitivas, afirmativas e independentes é variável. Dietrich (2009: 01) menciona que a ordem dos constituintes nessas línguas é tradicionalmente reconhecida como tendo o objeto anteposto ao verbo, com a posição de sujeito relativamente livre, podendo ocorrer, portanto, SOV ou OVS. No entanto, as línguas que possuem contato ostensivo com o português e o espanhol têm apresentado mudanças de ordem, observando-se frequentemente a movimentação do objeto para posição posterior ao verbo, portanto, VO. Praça (2007) fala sobre a co-ocorrência das duas estruturas no Tapirapé, associando a ordem SVO à fala dos mais jovens:

Os jovens letrados, principalmente os que estudam fora da aldeia, julgam ser a estrutura SVO a única correta. Afirmam que a estrutura OVS é errada e, em muitos casos, corrigem as crianças na escola. Em uma apresentação feita pelos alunos do Aranowa’yão - Ensino Médio

Tapirapé, um dos alunos foi contundente ao afirmar que essa estrutura não existe na língua Tapirapé. Que apenas a estrutura SVO é correta para se entender “direitinho” o que se fala. Essa afirmação gerou muita polêmica. A maioria discordava e argumentava que se os mais antigos falam nesta ordem é porque está certo (Praça 2007: 185).

O Guajá, segundo Magalhães em comunicação pessoal, parece confirmar essa tendência. A língua não apresenta tais variações, preservando a ordem canônica das línguas da FTG, com O anteposto a V, provavelmente em razão do pouco contato desses indígenas com a língua portuguesa.

2.3 Verbos e nomes, predicados e argumentos

Uma das propriedades morfossintáticas mais caracterizadoras das línguas da FTG é o fato de a função predicativa não ser exclusiva de verbos: como regra geral²⁵, nessas línguas os nomes podem instituir núcleo de predicado sem intermediação de verbos copulativos e sem necessidade de morfologia derivacional. A hipótese de Queixalós (2006: 254) é de que as línguas da FTG apresentam um padrão de organização morfossintática condizente com o que Launey (1994), *apud* Queixalós (2001), descreveu como omnipredicatividade em seus estudos sobre o Nahuatl. As línguas da FTG parecem descender de uma língua ancestral comum cujas entradas lexicais das principais classes de palavras tinham como função primária a predicação, sendo a função argumental secundária, derivada da primeira. Assim, ainda que seja possível distinguir nomes e verbos em razão de seu comportamento morfológico, nem sempre é possível relacionar sintaticamente essas duas classes de palavras às funções exclusivas de argumento e predicado, respectivamente.

O grau de omnipredicatividade das línguas TG é variável e parece ser possível relacionar maior ou menor omnipredicatividade à maior ou menor produtividade do sufixo *-a*.

²⁵ Além da predicação direta, algumas línguas também apresentam predicação nominal intermediada por cópula, como o Emerillón e o Kamaiurá.

2.4 O sufixo *-a*

Reconstruído para o PTG como **-a*, o sufixo *-a* (e formas cognatas, tal como o *-aʔe* do Emerillón) é comum a muitas línguas da FTG e tem sido descrito na literatura linguística com nomes variados. De acordo com Praça (2007: 41):

Na literatura da família Tupí-Guaraní, ele vem recebendo diversas denominações, tais como: índice nominal (Rodrigues, 1953; Lemos Barbosa, 1956), caso nominal (Rodrigues, 1981; Jensen, 1989), nominalizador (Almeida; Irmãzinhas de Jesus Paul, 1983; Vieira, 1993), caso argumentativo (Rodrigues, 1996, 2001; Praça, 1999); caso nuclear (Seki, 2000; Borges, 2006) e morfema referenciante (Queixalós, 2006).

No entanto, apesar da variedade de rótulos, o *-a* é analisado de maneira bastante homogênea por esses autores, que geralmente propõem que ele seja um nominalizador ou atue na marcação de caso, tal como Rodrigues (1996), que defende ser o *-a* um marcador de caso genérico que tornaria o nome capaz de receber “... todas as principais funções gramaticais, como as de sujeito de verbos intransitivos e transitivos, de objeto direto, de possuidor e de objeto de posposição” (Rodrigues 1996: 60).

Queixalós (2006: 262) interpreta o *-a* como um sufixo capaz de atribuir à raiz a que se liga a capacidade de criar referência, e o denomina *referenciante*²⁶. Ele explica que a função básica deste marcador não é a de transformar um predicado em argumento, ou de subordinar um predicado a outro, mas construir um referente em uma raiz que por si só é incapaz de referir, dada sua natureza predicativa. O autor parte para uma generalização maior, apontando que diferenças entre as categorias lexicais nome e verbo são um subproduto de uma distinção mais fundamental, a que existe entre as funções argumento e predicado, que podem ser vistas, por sua vez, como um subproduto de uma distinção ainda mais fundamental: *referir* e *predicar*, que são, segundo Lyons (1977), *apud* Queixalós (2006), as operações constitutivas do ato de fala e estabelecem uma dicotomia no léxico das línguas entre as classes de elementos cuja função é instituir predicados e as classes cuja função é instituir a referência.

²⁶ *Referrer*, no original.

Assim, ao ilustrar com os pares de exemplos do Kamaiurá (Seki 2000: 161-162) e do Tagalog (Lemaréchal 1989, 1991), Queixalós (2006 262-263) defende que:

A ausência ou presença do *referrer* no predicado faz a diferença entre os dois tipos de predicação. A função básica deste marcador, portanto, não é a de transformar um predicado em um argumento, ou, melhor dizendo, a de subordinar um predicado a outro. A diferença entre as estruturas (a) e (b) está nas propriedades do termo predicado em relação à referência. ‘Chefe’ e ‘Americano’ em (a) não referem, ou seja, não recuperam uma entidade reconhecida pelo falante como existente. Ele apenas recupera uma classe de elementos definida, amplamente, por propriedades de ‘ser chefe’ e ‘ser americano’. A relação entre sujeito e predicado em (a) é inclusiva, o que é o mesmo que dizer que o referente do sujeito é identificado como coincidente com qualquer elemento incluído na classe definida pela expressão que funciona como predicado.

Já o [chefe-*a*] e o [ang German] em (b) realmente referem. Eles recuperam uma classe que se define por seu único elemento, que é dado como uma entidade existente e individualmente identificável. Em (b), a relação entre sujeito e predicado é equativa: o referente do sujeito é identificado com o elemento único da classe incluída na expressão que funciona como predicado.

(38)a. Jetutyr-a morerekwat
 MyUncle-Referrer chief
 ‘my uncle is a chief’

(38)b Jetutyr-a morerekwar-á
 MyUncle-Referrer Chief-Referrer
 ‘my uncle is the chief’

(39)a amerikano ang titser
 American Referrer Teacher
 ‘the teacher is an American’

(39)b	ang	aleman	ang	doktor
	Referrer	German	Referrer	Doctor
	‘the doctor is the German’			

O comportamento sintático, fonológico e a produtividade do *-a*, no entanto, variam de língua para língua. No Tapirapé ele é muito produtivo e marca função argumental tanto em verbos quanto em nomes (incluindo formas pronominais e demonstrativos). Nessa língua, segundo Praça (2007: 40), os nomes marcados com *-a* podem ocorrer nos seguintes ambientes sintáticos:

- Argumento único de verbos intransitivos
- Sujeito e objeto de verbos transitivos,
- Objeto de posposições
- Sintagmas nominais que compõem as orações equativas/inclusivas.

Além disso, verbos em função argumental também recebem o morfema *-a* quando são argumento único de verbos intransitivos não-ativos ou objetos de verbo transitivo (conforme exemplos 30, 31, 32 e 33, no Capítulo 03, seção 3.2.1).

No Guajá, o *-a* não ocorre com verbos, pois nesta língua raízes verbais não podem exercer função argumental antes de serem nominalizadas por algum dos mecanismos disponíveis na língua. Denominado por Magalhães (2007: 141) sufixo nominal e glosado por ela como N, o *-a* ocorre em diversos contextos sintáticos “...marcando as relações nucleares principais, isto é, nomes com função sintática de sujeito de predicados verbais, adjetivais ou nominais e objeto de predicados verbais”, ou seja, ocorre nos argumentos necessários do predicado (sujeito e objeto). Diferentemente do Tapirapé, não ocorre com objeto de posposições ou com o primeiro elemento nominal dos sintagmas genitivos, no entanto, pode ocorrer em elementos sem função argumental, como sintagmas nominais em função de tópico, ou *afterthought*, tal como ‘*imymyra*’ no exemplo 11, razão pela qual Magalhães não utiliza a terminologia “argumental” para o sufixo *-a*:

11. Ø-wa'a ira r-ia a'ia, i-mymyr-a
 3.I-cair árvore R-da ele, 3.II-filho-N
 'ele caiu da árvore, o filho dela'

Ainda menos produtivo é o referido morfema no Emerillón, da Guiana Francesa, única língua da FTG falada exclusivamente fora do território brasileiro. Segundo Rose (2003: 116), o *-a* aparece mais frequentemente entre os dois elementos nominais dos sintagmas genitivos, entre um sintagma nominal e uma posposição e entre uma proposição e seu subordinante. O sufixo *-a* pode também aparecer entre um constituinte e certos clíticos ou pode surgir entre um elemento nominal e sua marca de plural. Fonologicamente ele pode não se realizar em certos contextos específicos da língua, que possui uma regra morfofonológica mais geral de apagamento da primeira vogal de um sufixo quando este sucede um morfema terminado em vogal. Em distribuição complementar ao que ocorre no Guajá, o *-a* do Emerillón entrou em recessão para as funções de argumentos necessários do predicado (sujeito e objeto) e ficou restrito às construções genitivas (possessivas) e a complementações verbais outras que não sujeito e objeto.

Nas diversas variedades do Guaraní, tal morfema desapareceu completamente.

2.5 Os prefixos *r-* e *i-*

Inspirados pela tradição criada desde os primeiros estudos de Rodrigues (1952, 1953, 1981)) sobre as línguas TG, os prefixos *r-* e *i-* e seus respectivos alomorfes²⁷ têm sido analisados durante muitas décadas como pertencentes ao mesmo paradigma e denominados de prefixos relacionais de “contiguidade” e “não-contiguidade”. Vale a pena mencionar que a flexão relacional é um fenômeno que tem sido descrito na grande maioria das línguas da FTG, marcando, de acordo com a terminologia empregada por Rodrigues (1996), a relação de adjacência de um núcleo com o seu determinante (isto é,

²⁷ Reconstruído para o Proto-Tupí-Guaraní (PTG) em duas classes morfológicas, Classe I (R1 = *Ø-, R2 = *i-) e Classe II (R1 = *r-, R2 = *t-, *c-, *ĉ) conforme Jensen, 1998: 499-500.

seu dependente), seja o núcleo nominal, posposicional ou verbal. O autor nos diz o seguinte a respeito dos prefixos relacionais no Tupínambá:

Nomes, verbos e posposições constituem nesta língua as três classes lexicais dotadas de flexão: há nela um processo morfossintático com alta frequência de ocorrência que é comum a essas três classes e que consiste na marcação da dependência de um determinante (ou nome dependente) em relação ao núcleo de uma construção sintática, por meio de prefixos flexionais acrescentados ao núcleo. O determinante de um nome é o seu possuidor, o de um verbo intransitivo é o seu sujeito, o de um verbo transitivo é o seu objeto e o de uma posposição é o objeto desta (...). Cada marcador tem dois alomorfes cuja distribuição divide todos os nomes, verbos e posposições em duas classes morfológicas: classe I com \emptyset para contíguo e *i-* para não contíguo e classe II com *r-* para contíguo e *s- ∞ t-* para não contíguo (Rodrigues 1996: 58).

De acordo com esses estudos, o primeiro tipo de relacional, R1, serviria para indicar que um núcleo e seu dependente pertencem ao mesmo sintagma, tal como em 12, onde o relacional marca a dependência entre possuidor e possuído e estabelece os limites do sintagma genitivo ‘minha mão’. Em 13, o relacional indica a dependência entre a posposição e seu objeto dentro do sintagma posposicional ‘dentro do cesto’ e, em 14, o relacional indica dependência entre o verbo de uma oração subordinada e seu argumento no sintagma verbal ‘pegar o caju’ (Magalhães, 2007: 130-133). Deve-se observar, no entanto, que essa contiguidade assinalada pelo relacional não se refere apenas à distribuição espacial, mas à estrutura oracional propriamente dita, em que os elementos internos ao mesmo sintagma terão sua relação de subordinação assinalada pelo prefixo relacional.

12. ha= \emptyset -po-a

1.I=R1-mão-N

‘minha mão’

13. manakũ \emptyset -pepe

cesto R1-dentro

‘dentro do cesto’

14. akaju Ø-pyhyk amehẽ
caju R1-pegar quando
‘quando eu pegar caju’

Nas orações independentes, o argumento lexical do verbo não ocorre intermediado pelo prefixo relacional. Quando o argumento objeto de um verbo transitivo é expresso por meio de um sintagma nominal pleno, não por uma marca de pessoa, ele está fora do sintagma verbal e, por isso, não se flexiona com o prefixo relacional. Ele é um argumento interno no nível da oração, mas externo ao sintagma verbal, tal como no exemplo 15:

15. Itaxĩ-a tapi’ir-a Ø-xa
Itaxi-N anta-N 3.1-ver
‘Itaxĩ viu a anta’

O segundo tipo de prefixo relacional, R2, teria, de acordo com Rodrigues (1996), a função de marcar a relação de não-contiguidade entre dois elementos, indicando que o núcleo e seu dependente não pertencem ao mesmo sintagma, tal como em 16, 17 e 18. Nesses exemplos, o marcador *i-* indicaria, portanto, que as formas dependentes dos núcleos nominais, posposicionais e verbais, respectivamente, estão em algum outro lugar da oração, ou simplesmente presumidas pelo contexto discursivo (Magalhães, 2007: 130-133):

16. i-po-a
R2-mão-N
‘mão (dele)’

17. i-pepe
R2-dentro (dele)
‘dentro dele’

18. i-pyhyk amehẽ
R2-pegar quando
'quando eu pegar (ele)'

No entanto, há pesquisadores que entendem como prefixo relacional apenas o tipo indicado pelos estudos de Rodrigues (1996) como R1, o relacional de contiguidade, considerando o grupo denominado R2 como pertencentes ao paradigma de flexão de pessoa. Um bom exemplo é Praça (2007: 39):

O tratamento dos prefixos {r-} e {i-} como relacionais está baseado na distribuição de suas formas, sempre prefixadas ao núcleo do sintagma. Por outro lado, análises como as de Rose (2003), Jensen (1999) e Corrêa da Silva (2002), feitas para o Emerillón, família Tupí-Guaraní e Ka'apor, respectivamente, incluem o morfema {i-} como marcador de terceira pessoa. Devido às propriedades morfológicas do morfema {i-} no Tapirapé, analiso-o como marca de terceira pessoa.

Seguindo Praça (op.cit.) e outros pesquisadores da FTG, incluindo Magalhães (2007), que em Magalhães & Mattos (2015) reformulou o tratamento dado a tal prefixo, optamos, neste trabalho, por inserir o prefixo *i-* e seus alomorfes no paradigma de marcação de pessoa da Série II.

2.6 Pronomes e marcas de pessoa

O sistema de marcação de pessoa nas línguas da FTG normalmente é descrito em cada língua como tendo quatro grandes paradigmas compostos de clíticos e afixos. Costumam ser denominados “séries” e numerados de I a IV. Há também um paradigma distinto de pronomes livres, ou independentes. Como será focalizada a cisão intransitiva em orações independentes e no modo indicativo, as marcas de pessoa das séries III e IV ficarão, por ora, omitidas: trataremos apenas das chamadas Séries I e II, cuja natureza clítica ou prefixal está fora dos limites deste trabalho.

Os pesquisadores que estudam as línguas TG concordam unanimemente que as marcas da Série I são exclusivas de verbos. No entanto, tal regularidade não existe em relação a Série II, que apresenta pelo menos três diferentes propostas de distribuição (a depender da classificação como nome ou verbo de cada pesquisador para a classe dos estados):

1. Exclusiva de nomes e posposições.
2. Partilhada por verbos transitivos, nomes e posposições.
3. Partilhada por verbos intransitivos estativos, verbos transitivos, nomes e posposições.

As regras que determinam qual paradigma vai se ligar a uma determinada raiz dependem de múltiplos fatores, de natureza sintática e semântica. Conforme Jensen (1990: 117), nos verbos, depende de sua transitividade e de quem é superior na Hierarquia Referencial; nos verbos monovalentes, depende de o verbo ser mais ou menos agentivo e depende se tratar de orações independentes ou subordinadas.

2.6.1 Formas pronominais livres

Resguardadas as diferenças entre as línguas aqui estudadas, de que trataremos com mais detalhe quando estivermos analisando-as individualmente, de maneira geral as formas pronominais livres, ou independentes, podem ocorrer nos mesmos contextos em que ocorrem os sintagmas nominais plenos. Nos predicados verbais, as formas livres, ou independentes, normalmente vão indicar o argumento que não está marcado no verbo, quando este for transitivo, ou o seu argumento único, para o caso dos intransitivos. No Guajá, os pronomes independentes ocorrem como nomes plenos, são tônicos e utilizados em orações independentes. Segundo Magalhães (2007: 49), no Guajá eles podem ocorrer como:

... sujeito de orações com predicado verbal em que o objeto é de 1ª ou 2ª pessoa (exs. 105a. e 105b.), como sujeitos de orações equativas (ex. 106), como referência catafórica ao sujeito (ex. 107) ou ao objeto (ex. 108), como construção de foco contrastivo (ex. 109) e podem ocorrer

também com seus respectivos pronomes dependentes como tópicos anafóricos em orações com predicados não verbais (exs 110 e 111).

- | | | | |
|-------|---|--------------|---|
| 105.a | jahá ni=r-ixá
eu 2=R1-ver
'eu te vi' | 105.b | nijã ha=r-ixá
você 1=R1-ver
'voce me viu' |
| 106. | tapi'ir-a jahá
Anta-N eu
'eu sou anta' | | |
| 107 | n=ani-kwá-j
NEG=2-saber-NEG
'você não sabe' | nijã
você | |
| 108 | a-py'hý a'ia
2/IMP-pegar ele
'pegue-o!' | | |
| 109 | jahá xipé kwy
Eu FOC aí
'sou eu aí (na foto)!' | | |
| 110 | pihã pĩ=Ø-kara'ahỹ
Vocês 23=R1-cansado
'vocês estão cansados' | | |
| 111 | jahá há=Ø-mymý
Eu 1=R1-filho
'eu tenho filho' | | |

Em reanálise recente do Guajá, Magalhães & Mattos (2015) descrevem todos os tipos de predicados da língua, classificando como argumento apenas as marcas de pessoa afixadas ao núcleo do predicado, sendo os itens lexicais plenos e os pronomes livres considerados adjuntos em razão de seu uso facultativo, de sua posição livre e da pausa entoacional que existe entre eles e o sintagma verbal. Os itens lexicais plenos passam a ser considerados como não pertencentes à estrutura argumental dos verbos. Defende-se a hipótese de ser o Guajá:

... uma língua cuja marcação de pessoa no núcleo do predicado expressa o argumento desse predicado, como defende Jelinek (1984) se referindo às línguas não-configuracionais. O Guajá, apesar de ser uma língua configuracional (apresenta ordem de palavras relativamente rígida e não tem expressões descontínuas), possivelmente herdou de sua fase não-configuracional (hipótese levantada por Queixalós, 2006) essa característica.

De acordo com Seki (2001: 43), no Kamaiurá os pronomes independentes têm distribuição similar à do Guajá, ocorrendo como: “... constituinte único em orações elípticas, sujeito enfático ou constrativo em orações independentes, como objeto topicalizado, também em orações independentes e como sujeito de orações com predicado nominal (exemplo 19):

19. ije pajé
Eu pajé
‘eu sou pajé’

No Emerillón, denominada por Rose (2003:77) “língua de argumento pronominal”, os pronomes independentes podem ocorrer como sujeito ou objeto de orações principais ou subordinadas, mas seu uso é sintaticamente facultativo, portanto, em geral é pouco frequente. Rose (2003: 178) afirma que o verbo em Emerillón tem a sua estrutura argumental necessariamente saturada por uma marca de pessoa da Série I ou II, o que faz com que a ocorrência do pronome independente não ocorra no plano sintático, mas no plano pragmático, para dar ênfase.

No Tapirapé, segundo Praça (2007), os pronomes independentes indicam as pessoas da enunciação em orações independentes, distinguem número, recebem o sufixo referenciante *-a*, são tônicos, e têm função enfática nas orações adverbiais de subjuntivo. Nesta língua, não existe forma pronominal independente para a terceira pessoa:

Para suprir esta lacuna, é utilizada a forma demonstrativa anafórica *ã'ẽ* 'aquele de quem se fala', à qual, na maioria dos casos, são acrescentadas as partículas de número *gã* 'singular' e *agỹ* 'plural' (Praça 2007: 76).

A falta de forma independente para a terceira pessoa e o preenchimento dessa lacuna por pronomes demonstrativos parece ser uma característica atribuída à FTG como um todo. Segundo Rose (2003: 182), o contraste entre pronomes de terceira pessoa e pronomes demonstrativos é muito tênue, em razão da vocação dêitica de ambos no que diz respeito a apontar para um elemento externo aos participantes da cena discursiva²⁸.

Indep.	PTG (1)	Tapirapé (2)	Guajá (3)	Emerillón (4)	Guaraní (5)
1Sg	*ičé	ie	jahá	idže	che
1PI-In	*jané	xane	areá	nõde	ñande
1PI-Exl	*oré	are	areá	olone	ore
2Sg	*eré	ane	nijã	ede	nde
2PI	*pe...ẽ	peẽ	pijã	pene	peẽ
3P		n/a	a'ia	n/a	∅
Fontes de dados:		1) PTG - Jensen (1999)	2) Tapirapé - Praça (2007)		
		3) Guajá - Magalhães (2007)	4) Emerillón - Rose (2003)	5) Guaraní - Dietrich (2001)	

Tabela 1: Formas pronominais independentes

²⁸ Tradução livre do inglês "speech act"

2.6.2 A Hierarquia Referencial (HR)

Como já mencionado anteriormente, os verbos têm apenas uma vaga morfológica a ser preenchida e a escolha da marca de pessoa que vai se afixar ao verbo é feita com base em um conjunto de regras pragmático-semânticas a que se dá o nome de Hierarquia Referencial (HR). Em linhas gerais, muitas línguas hierarquizam os participantes do discurso de maneira a demonstrar a prioridade dos participantes intralocutivos sobre a terceira pessoa. Nas línguas da FTG, esse conjunto de regras varia um pouco de uma língua para outra: no Tapirapé, por exemplo, a HR estabelece que a 1ª pessoa é mais alta do que a 2ª, e esta é mais alta do que a 3ª ($1 > 2 > 3$), conforme o exemplo 15 (Praça 2007). A primeira pessoa permanece marcada junto ao verbo mesmo quando ela não possui propriedades semânticas de Agente, conforme se pode observar ao comparar os exemplos 20 e 21. Em situação de nivelamento entre dois participantes de 3ª pessoa, a hierarquia é estabelecida pelo papel semântico de agente.

20. ã-nopỹ

1sg.I-bater

‘eu bati nele’

21. xe-nopỹ

1Sg.II-bater

‘(ele) bateu em mim’

Nessa língua também atuam, segundo Praça & Vicente (2010), um intrincado conjunto de regras pragmáticas em que estratégias de polidez entram em cena para mitigar a assimetria entre os dois interlocutores e evitar constrangimentos para ambos os lados:

Nossos dados mostram que a assimetria em uma interação pode, de modo generalizado, ser mitigada por meio da promoção do afixo de 2ª pessoa à lacuna que seria ocupada pelo afixo de 1ª pessoa em situações nas quais o falante sente que pode constranger o ouvinte e,

em consequência, a si mesmo. Assim, ao invés de dizer “Eu vou ajudar (você)”, o falante de tapirapé diria algo que poderia ser traduzido como “Você será ajudado (por mim)”. tal fenômeno nos leva a argumentar que estratégias de polidez negativas (Brown & Levinson, 1987 [1978]) são fortemente observadas nessa língua (Praça & Vicente 2010: 98).

Ao que parece às autoras, o fenômeno da ruptura da HR no Tapirapé é uma demonstração explícita de como as regras pragmáticas de uma língua podem se gramaticalizar na morfossintaxe.

Em algumas línguas da FTG, diferentemente do Tapirapé, cuja HR é $1 > 2 > 3$, as primeiras e segundas pessoas, ou seja, as pessoas intralocutivas, têm primazia sobre a terceira pessoa ($1 = 2 > 3$). Zwicky (1977), citado por Praça & Vicente (2010), explica essa proeminência das pessoas intralocutivas sobre a 3ª pessoa da seguinte maneira:

Como foi observado por Benveniste, 1971: cap 18 e outros, a chamada terceira pessoa é, em um senso real, uma não-pessoa, pois ela é utilizada para fazer referência a não-humanos (e a humanos pela sua não-presença no meio das pessoas realmente envolvidas na cena discursiva (Zwicky, 1977: 716)²⁹.

Esse é o caso do Guajá, cuja hierarquia de pessoa é $1 = 2 > 3$. Nos verbos transitivos dessa língua, quando a interação se dá entre duas 3ª pessoas, em que existe nivelamento hierárquico entre duas pessoas extralocutivas, a marcação de pessoa junto ao verbo vai indicar qual participante é o agente. Já quando a interação se dá entre 1ª e 2ª pessoas, igualmente niveladas na hierarquia, o participante marcado junto ao verbo sempre será o paciente, independentemente de a ação ser da 1ª sobre a 2ª ou vice-versa. Não há, ainda, estudos mais específicos sobre esse fenômeno no Guajá, mas Magalhães informa, em comunicação pessoal, que há indícios de estratégias de polidez que deslocam, no momento da atividade discursiva, o centro ilocucionário da primeira para a segunda pessoa, para diminuir a distância entre elas e valorizar o papel da pessoa a quem o discurso é direcionado, promovendo-o sintaticamente para a posição mais

²⁹ As has been observed by Benveniste, 1971: ch.18, and others, the so-called third person is, in a very real sense, a non-person, since it is used to refer to non-humans (and refers to humans by virtue of their not being one of the people actually involved in the speech act).

próxima ao verbo. É uma maneira de transferir a importância de “quem fala” para “com quem se fala” (exemplo 22).

Já no caso de a interação se dar entre um agente de 3ª pessoa, atuando sobre um paciente de 1ª pessoa, quem atua é a HR, e não mais a hierarquia de papel semântico, marcando no verbo a primeira pessoa flexionada com o clítico da Série II, tal como no exemplo 23:

22. jaha ni=n-ixa

Eu 2.II=R-ver

‘eu vi você’

23. ha=r-ixa a’ia

1.II-R-ver ele

‘ele me viu’

2.6.3 A Série I

Exclusivas de verbos, as marcas de pessoa da Série I, ilustradas na Tabela 2, se associam a raízes verbais de verbos transitivos ou intransitivos, indicando seu participante ativo. Não há qualquer divergência entre os diversos especialistas da área em relação à distribuição desta série na FTG, restrita aos verbos e incompatível com nomes, posposições e palavras que designam estados.

Nos verbos transitivos, a Série I – ou série ativa - indica o participante mais agentivo, quando assim determina a HR, e nos intransitivos indica o participante único.

Série I	PTG (1)	Tapirapé (2)	Guajá (3)	Emerillón (4)	Guaraní (5)
1Sg	*a-	ã-	a-	a-	a-
1PI-In	*já-	xi-	xi-	tsi-	já- ~ ña-
1PI-Exl	*oro-	ara-	ari-	olo-	ro-
2Sg	*ere-	ere-	ari-	ele-	re-
2PI	*pe-	pe-	~pi-	pe-	pe-
3P	*o-	a-	∅	o-	o-
Fontes de dados:		1) PTG - Jensen (1999)	2) Tapirapé - Praça (2007)		
3) Guajá - Magalhães (2007)		4) Emerillón - Rose (2003)	5) Guaraní - Dietrich (2001)		

Tabela 2: As marcas de pessoa da Série I

Nos verbos intransitivos que denotam eventos, atividades ou processos, e possuem como argumento único um participante com características semânticas de agente e propriedades sintáticas típicas de sujeito³⁰, os prefixos da Série I indicam o SA, conforme exemplos 24 do Guajá (Magalhães 2007), 25 do Tapirapé (Praça 2007) e 26 do Kamaiurá (Seki 1982):

24. jaha a-ho

eu 1sg.I-ir

‘Eu vou’

25. ã-xãok we-ka-wo

1sg.I-banhar 3.III-estar-GER

‘estou banhando’

26. ere-‘at

2sg-cair

‘você cai’

³⁰ Posição privilegiada na hierarquia de acessibilidade, existência independente, pouca propensão ao apagamento e autonomia da referência (Keenan, 1972).

2.6.4 A Série II

O paradigma da Série II tem sido, como já mencionado anteriormente, apresentado de maneiras variadas nos estudos sobre a FTG:

- Exclusivo de nomes e posposições, e vetado aos verbos (Dietrich, 2001)
- Compartilhado por nomes, posposições e verbos transitivos, marcando o argumento objeto (Rose 2003, Rodrigues 1996, Cabral 2009).
- Compartilhado por nomes, posposições, verbos transitivos, marcando o argumento objeto, e verbos intransitivos estativos (Seki 2001, Praça 2007, Magalhães 2007, Cruz 2011).

As marcas da Série II aparentam ser formas reduzidas dos pronomes independentes, conforme ilustrado na Tabela 3, com exceção da marca de terceira pessoa que, diferentemente das demais, se manifesta por meio de um prefixo e não por meio de pronomes clíticos:

Série II	PTG (1)	Tapirapé (2)	Guajá (3)	Emerillón (4)	Guaraní (5)
1Sg	*ce	xe=	há=	e=	che-
1Pl-In	*jane	xane=	are=	nõde	ñande-
1Pl-Exl	*ore	are=	are=	olone=	ore-
2Sg	*ne	ne=	ni=	de=	nde- ~ne-
2Pl	*pe	pe=	pĩ=	pe=	peẽ-
3P	*i-, *h-	i- ~∅ ~t-	i- ~h-	i- (~ ∅ ~t-)	∅
Fontes de dados:		1) PTG - Jensen (1999)		2) Tapirapé - Praça (2007)	
3) Guajá - Magalhães (2007)		4) Emerillón - Rose (2003)		5) Guaraní - Dietrich (2001)	

Tabela 3: As marcas de pessoa da Série II

Os verbos transitivos das orações principais levarão a marca da série II para indicar o participante com propriedades típicas de paciente³¹, quando este está

³¹ Ser submetido a uma mudança de estado, ser tema incremental, ser afetado por outro participante, relativamente estacionário em relação ao outro participante, não ter existência independente do evento nomeado pelo verbo ou não ter qualquer existência (Dowty, 1991)

interagindo com um participante mais baixo na hierarquia de referência, tal como no exemplo 23, em que o participante A é de 3ª pessoa e P é de 1ª pessoa.

Nas palavras que designam estados, a Série II indica a pessoa a quem aquele estado se refere. Sintaticamente ele é o argumento único de um predicado intransitivo, com propriedades semânticas de não-atividade, conforme exemplo 27, do Kamaiurá (Seki 2001: 52):

27. je=r-oryp

1Sg=Rel-alegre

‘eu sou alegre’

Os nomes dependentes, tradicionalmente conhecidos na literatura linguística como nomes inalienavelmente possuídos, também se flexionam com a marca de pessoa da Série II, indicando o possuidor, tal como no exemplo 28, do Kamaiurá (Seki 2001: 52):

28. je=r-ekowe

1Sg=Rel-coração

‘meu coração’

A série II também aparece nas posposições, marcando a relação entre o núcleo e seu objeto dentro de um sintagma posposicional, tal como no exemplo 29, do Guajá (Magalhães 2007: 54):

29. Ø-aho ni=Ø-pyry

3-ir 2=R¹-junto

‘foi para junto de você’

Foram apresentados neste capítulo alguns aspectos histórico-geográficos e informações sobre a morfossintaxe das línguas TG essenciais para compreensão da CI. O próximo capítulo destina-se à apresentação das línguas conforme são descritas por seus especialistas, bem como à análise realizada neste trabalho, em conformidade com os critérios morfossintáticos estabelecidos.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DAS LÍNGUAS

Entendemos que a grande discussão acerca da existência ou não de Cisão Intransitiva na FTG está relacionada à maneira como são analisadas as palavras que designam estados. A seção 3.1 apresenta os autores que defendem que essas palavras são verbos, reconhecem a existência de duas subclasses de verbos intransitivos e, portanto, reconhecem a existência de CI nas línguas que estudam. De opinião contrária, estão listados na seção 3.2 os autores que defendem que as palavras estativas, nas línguas que estudam, possuem natureza nominal e não verbal. Para estes autores, não há duas subclasses intransitivas.

3.1 Palavras estativas analisadas como verbos

Serão descritas, a seguir, as análises empreendidas por cada pesquisador nas línguas em que são especialistas, e tentaremos, na medida do possível, relacioná-las quando necessário. Na primeira parte serão agrupadas as duas línguas descritas como línguas que possuem duas classes de verbos intransitivos, uma de verbos ativos, em que o participante único (S_A) está alinhado com o argumento agente dos verbos divalentes (A), e outra de verbos estativos, ou descritivos (a depender do autor), cujo argumento único (S_P) está alinhado com o argumento paciente (P) dos verbos divalentes. Trataremos a seguir dos trabalhos de Praça (2007, 2012), Praça & Vicente (2010), Magalhães (2007) e Magalhães & Mattos (2015).

3.2.1 O Tapirapé

O povo Tapirapé, autodenominado *Ãpiãwa*, tem atualmente uma população de cerca de 600 pessoas, que habitam duas Terras Indígenas (TI), Tapirapé/Karajá e Urubu Branco, no estado do Mato Grosso, distantes uma da outra cerca de 180 km. Sua língua, classificada por Rodrigues & Cabral (2002) como pertencente ao subgrupo IV da

FTG³², é amplamente utilizada pelas comunidades. Segundo Praça (2007: 03), essas indígenas são em sua maioria bilíngues em Tapirapé e em Português, e na escola:

... tanto no ensino fundamental como no Médio, trabalha-se a língua materna. As crianças são alfabetizadas primeiro em Tapirapé para depois serem iniciadas no Português. No Ensino Médio, os alunos têm noções fundamentais de linguística aplicada à descrição do Tapirapé. O corpo docente da Escola Indígena Tapirapé é basicamente constituído por professores Tapirapé.

A pesquisa de Praça (2007) é denominada por ela “um panorama morfossintático da língua Tapirapé, baseado nos preceitos teóricos metodológicos funcional-tipológicos”. Trataremos, a seguir, dos pontos centrais do trabalho da autora no que concerne à classificação das palavras estativas e ao *status* da CI no Tapirapé.

Conforme mencionados anteriormente, uma das propriedades morfossintáticas mais características do Tapirapé e típica da FTG é o fato de não ser possível associar a função predicativa exclusivamente a verbos e a função argumental exclusivamente a nomes, tal como no Português e em várias outras línguas Indo-Européias. Na maioria das línguas TG até agora descritas, além dos verbos, nomes também podem instituir núcleo de predicado sem o auxílio de morfologia derivacional. Em algumas dessas línguas, incluído aqui o Tapirapé, nomes e verbos podem ter função argumental, bastando, para isso, a flexão com o sufixo *-a*. Veja abaixo os exemplos 30, 31, 32 e 33, de Praça (2007: 11-12):

30. **i-memyr-a** a-xaj’a (nome como argumento)

3.II-filho-REFER 3.I-chorar

‘o filho dela chorou’

31. marare-Ø **i-memyr** (nome como núcleo de predicado existencial)

vaca-REFER 3.II-filho

‘a vaca tem filhote (lit: a vaca filhote dela (existe))’

³² Juntamente com o Avá-Canoeiro, Asuriní do Tocantins, Guajáajara, Parakanã, Tembê, Turiwára e o Suruí.

32. a-**hyj** (verbo como núcleo de predicado)

3.I-correu

‘ele correu’

33. ne=Ø-**hyj**-a i-kãto (verbo como argumento)

2Sg.II=R-correr-REFER 3.II-ser.bom

‘sua corrida foi boa’

Praça faz a ressalva de que os verbos têm maior ocorrência como núcleo de predicado, enquanto nomes ocorrem com maior frequência em função de argumento. No entanto, o comportamento morfossintático de ambos é idêntico ao instituírem as duas funções: a função predicativa é não marcada enquanto a função argumental é marcada pelo sufixo *-a*, que, como já mencionamos, não é morfologia derivacional.

A respeito das classes de palavras que despertam nosso interesse no Tapirapé, Praça (2007) menciona a existência de duas classes de nomes, uma composta por itens lexicais plenos e outra por pronomes. Ela distingue os nomes lexicais em três tipos diferentes: nomes absolutos, que não mantêm qualquer relação com uma expressão referencial e raramente aceitam a expressão de posse³³; os nomes autônomos, que podem admitir complemento, e os nomes relativos³⁴, que não têm existência independente e necessitam, obrigatoriamente, de um complemento adnominal (normalmente um possuidor), expresso ou por outro item lexical pleno introduzido pelo prefixo relacional (R), ou por uma marca de pessoa da Série II flexionada ao núcleo por meio de (R), conforme exemplos 34 e 35, respectivamente. Esses nomes formam sintagmas genitivos que têm como núcleo o nome relativo.

³³ Membros da sociedade, elementos e fenômenos da natureza, formações geográficas, plantas não cultivadas (Praça 2007).

³⁴ Conhecidos na literatura da FTG como “nomes inalienavelmente possuídos”, conforme Rodrigues (1996) e Seki (2001), entre outros. Normalmente se referem a partes do corpo, relações de parentesco e conceitos ligados a seres vivos, tais como sombra, cheiro, plantas cultivadas e alguns objetos, tais como rede (Praça 2007).

34. xe=Ø-**payr**-a (possuidor expresso por marca de pessoa da Série II)

1sg.II=R-**remédio**-REFER

‘meu remédio’

35. ãtawe-Ø Ø-**piroro**-Ø (possuidor expresso por item lexical pleno)

gato-REFER R-**ferida**-REFER

‘ferida do gato’

Além disso, há no Tapirapé, segundo a autora, dois tipos de verbos, a depender de sua valência: transitivos (V²) e intransitivos (V¹), estes últimos distribuídos em duas subclasses, intransitivos ativos e descritivos, sendo esta última a subclasse de verbos em que se incluem, no Tapirapé, as palavras que designam estados. Os exemplos 36 e 37, ilustram o comportamento diferenciado na seleção do paradigma de pessoa entre as duas subclasses de verbos intransitivos, os ativos e os descritivos, respectivamente:

36. **ã-xãok** we-ka-wo (intransitivo ativo)

1sg.I-banhar 3.III-estar-GER

‘estou banhando’

37. Tokyn-a **i-kywer** (descritivo)

Tokyna-REFER **3.II**-ser.magra

‘Tokyna é magra’

Ao comparar o exemplo 31, renumerado a seguir como 38, com o 37, observa-se que a estrutura dos dois predicados é idêntica: o ‘ter filho’ (com relação à vaca) possui a mesma estrutura que o ‘ser magro’ (com relação à Tokyna). Esse paralelismo motiva alguns pesquisadores a classificarem a classe semântica dos estados como nomes.

38. marare-Ø **i-memyr** (nome como núcleo de predicado existencial)

vaca-REFER 3.II-filho

‘a vaca tem filhote (lit: a vaca filhote dela (existe))’

Apesar dessa flexibilidade funcional de nomes e verbos em relação à função argumental e predicativa, e do compartilhamento da Série II entre diversas classes lexicais, no Tapirapé as duas classes de raízes são, segundo Praça (2007), identificáveis, em razão da existência de material morfológico privativo de cada classe. Há, também, bastante morfologia compartilhada entre nomes e verbos, conforme se pode ver na tabela 4:

Classe	Função	Morfologia	Nomes		Estados	Verbos	
		morfemas/alomorfes	Absol.	Depen.		V1 Ativ.	V2
Nomes e Verbos (e posições)	Sufixo referenciante -a ("a-zinho")	a- ~∅	+	+	+	-	+
	Prefixo relacional	r- (∅- ~n-)	-	+	+	-	+
	Série II	xe, xane, are, ne, pe, i	-	+	+	-	+
	Intensivo	-'o	-	+	+	+	+
	Atenuativo	-'i	+	+	+	+	+
	Intensificador	-ete	+	+	+	+	+
	Negação no constituinte	-e'ym	+	+	+	+	+
	Negação de predicado	na=... -i	+	+	+	+	+
	Nominalização de predicado	-ama'e	+	+	+	+	+
Causativização predicados Intransitivos	ma-	+	+	+	+	-	

Tabela 4: morfologia transcategorial do Tapirapé

Verbos intransitivos ativos e descritivos diferem na marcação de pessoa, os primeiros se flexionam com os prefixos da Série I, tal qual A dos verbos transitivos, enquanto os descritivos se flexionam com o paradigma da Série II, tal qual P dos verbos transitivos, respeitada a HP, que determina, nos verbos de dois argumentos, qual participante é marcado junto ao verbo. Em relação à marcação de pessoa, nomes relativos também se flexionam com a Série II. Em termos semânticos, os verbos intransitivos ativos tendem a ter um participante único mais ativo, controlador da ação, com *sentience* e volição, enquanto o participante único dos verbos descritivos é inativo, paciente prototípico daquele estado, ou detentor das propriedades semânticas expressas pela raiz.

Na tabela 5, a seguir, montada a partir de informações disponíveis em Praça (2007), estão listados os morfemas que se ligam exclusivamente a raízes nominais.

Classe	Função	Morfologia	Nomes		Estados	Verbos	
		morfemas/alomorfes	Absol.	Depen.		V1 Ativ.	V2
Nomes	Coletivizador	-kwer	+	-	-	-	-
	Passado Nominal	-kwer, ~w-er, ~-er	+	+	-	-	-
	Futuro Nominal	-rym	+	+	-	-	-
	Similaridade	-ryn	+	+	-	-	-
	Antiguidade	-ymyn	+	+	-	-	-

Tabela 5: morfologia exclusiva de raízes nominais no Tapirapé

Conforme pode ser observado, entre os morfemas indicados por Praça (2007) como exclusivos de nomes e outros processos morfológicos que pudemos identificar como igualmente privativos a esta classe, nenhum deles é compatível com verbos ou com as palavras que designam estados.

Além disso, ao observarmos a morfologia dos verbos, organizada na tabela 6³⁵, encontramos inúmeros pontos de convergência entre o comportamento morfossintático das palavras que designam estados e os verbos intransitivos ativos, fazendo pender a classe dos estados para o lado dos verbos.

Classe	Função	Morfologia	Nomes		Estados	Verbos	
		morfemas/alomorfes	Absol.	Depen.		V1 Ativ.	V2
Verbos	Derivação de nomes deverbais	-ãw ~-taw	-	-	+	+	+
	Contrafactual	-werer	-	-	+	+	+
	Desiderativo	-patār	-	-	+	+	+
	Potencialidade, habilidade	-kwããw	-	-	?	+	+
	Apreciativo	-kãto	-	-	+	+	+
	Imperativo afirmativo	e- / pe-	-	-	+	+	+
	Imperativo negativo	ere- pexe	-	-	+	+	+
	Prefixos da Serie I	ã, xi, ara, ere, pe, a	-	-	-	+	+

Tabela 6: morfologia exclusiva de raízes verbais no Tapirapé

Praça defende que o Tapirapé se encaixa na proposta língua de estrutura ativa de Klimov (1974), pois apresenta muitas das características descritas pelo autor, tais como ausência de verbos de posse, ausência de voz, ausência de referência temporal. Além

³⁵ A falta de informação explícita no trabalho fonte sobre a compatibilidade com determinado morfema ou processo morfológico foi indicada com “?”.

disso, o Tapirapé apresenta duas classes de verbos intransitivos, um que apresenta o argumento único S_A alinhado com o argumento A dos verbos transitivos e um S_P alinhado com P dos transitivos. Note-se que os nomes relativos se comportam como S_P , (Série II). Assim, apesar de pertencerem a diferentes classes lexicais, descritivos e nomes instituem predicados sintaticamente idênticos e semanticamente semelhantes por partilharem o traço da não-atividade. Além disso, a autora defende que haja uma cisão estendida ao nível dos predicados monovalentes entre predicados ativos, formados por verbos transitivos e intransitivos ativos (com argumento único S_A) e predicados não-ativos, formados por verbos intransitivos descritivos (com argumento único S_P) e nomes relativos. Diante de tudo o que foi exposto neste capítulo, nos parece apropriada a interpretação da classe dos estados no Tapirapé como uma subclasse de verbos intransitivos, em razão das regularidades morfossintáticas que compartilham com a classe dos verbos.

3.2.2 O Guajá

O povo Guajá, autodenominado Awá, tem atualmente, segundo Magalhães, em comunicação pessoal, uma população estimada em cerca de 420 pessoas que habitam quatro aldeias no noroeste do Maranhão, distribuídas nas TI Carú, Alto Turiaçú e Araribóia. O contato com os Awá iniciou-se no início da década de 1970, por meio das frentes de atração da Funai, e até os dias de hoje a maior parte deles preserva sua cultura, vivendo em contato íntimo com a floresta, da qual dependem para obtenção de alimentos e manutenção do seu estilo de vida. Em razão de conflitos pela ocupação de suas terras, os Awá estiveram durante os últimos anos na lista das etnias mais ameaçadas de extinção no mundo. Segundo Magalhães (2007), esses indígenas ainda são predominantemente monolíngues:

Poucos já entendem o português e conseguem se comunicar nesta língua. Atualmente, professoras do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) têm permanecido algum tempo em dois dos Postos Indígenas (Awá e Tiracambu) com a intenção de aprender o Guajá e alfabetizá-los em sua língua materna, ao mesmo tempo em que os ajudam a familiarizar-se com o português oral. Um trabalho

semelhante tem sido desenvolvido no Posto Guajá, por meio de um missionário da ALÉM (Associação Linguística Evangélica Missionária), com o apoio da Secretaria de Educação do estado (Magalhães 2007: 02).

De acordo com a classificação de Rodrigues & Cabral (2002), que leva em consideração critérios fonológicos, históricos e geográficos, o Guajá pertence ao subgrupo VIII da FTG³⁶. No entanto, levando em consideração os critérios morfossintáticos propostos por Dietrich (2010), o Guajá seria classificado como parte do subgrupo V da FTG³⁷.

Na maioria das línguas TG até agora descritas, verbos e nomes podem instituir núcleo de predicado sem o auxílio de morfologia translativa. Não é diferente com o Guajá. No entanto, diferentemente do Tapirapé, em que nomes e verbos podem ter função argumental bastando para isso a flexão com o sufixo *-a*, no Guajá a função argumental é restrita unicamente aos nomes. Assim, raízes verbais em Guajá precisam ser, primeiramente, nominalizadas por algum dos processos de nominalização disponíveis na língua para que, depois, esse nome derivado possa se flexionar com o sufixo *-a* e estar habilitado a servir de argumento a algum predicado.

Os exemplos 39 e 40, de Magalhães (2007: 208-210), nos mostram nominalizações de temas transitivos e intransitivos, respectivamente, derivando nomes que exprimem a atividade designada pela raiz por meio dos sufixos *-(a)ha ~-a*:

39. xahu	Ø-ik- a -e	Ø-mumu'ũ- a -en-a
porcão	R1-matar- NZR -RETR	R1-narrar- NZR -RETR-N
‘a narração da caçada do porcão		

40. a-nũ	wari	Ø-ijan- aha
1-ouvir	guariba	R ¹ -cantar- NZR
‘eu escutei o canto do guariba’		

³⁶ Junto com o Wayampí, Wayampipukú, ka'apór, Èmerillon e Zo'é

³⁷ Junto com o Parakanã, Suruí, Tembé, Guajájara, Avá-canoeiro, Anambé, Amanayé, Araweté, Assuriní do Xingú, Kayabí, Apiaká, Amondawa, Kawahib, Uru-eu-wau-wau e Ka'apór.

Enquanto no exemplo 33 do Tapirapé, renumerado abaixo como 41, não é necessária morfologia nominalizadora, apenas o sufixo *-a*³⁸, para que a raiz verbal *hyj* ‘correr’ exerça função argumental, em 42 a raiz verbal *jãn* ‘cantar’ do Guajá (Magalhães 2007: 219) necessita ser nominalizada com *-aha* para, então, receber o sufixo *-a*³⁹ e estar apta a servir de argumento a algum predicado.

41. ne=Ø-hyj-**a** i-kãto (verbo como argumento)

2Sg.II=R-correr-REFER 3.II-ser.bom

“**sua corrida** foi boa”

42. ha=Ø-jãn-**aha**-Ø

1= R1-cantar-NZR-N

‘o meu canto’

A respeito de nomes e verbos, classes de palavras que despertam nosso interesse neste estudo, Magalhães (2007) caracteriza semanticamente os nomes como a classe lexical que codifica os fenômenos mais estáveis no tempo. Morfologicamente os identifica como a única classe capaz de admitir flexão com o sufixo *-a* e com os sufixos de atualização nominal *-ker ~ -er* (RETR) e *rỹm* (PROSP), também conhecidos como passado e futuro nominal, atribuindo, respectivamente, àquela entidade a que se liga a característica de existência passada (exemplo 43) ou de possibilidade de existência futura (exemplo 44).

43. wari Ø-mymyr-**er**-a

guariba R¹-filho-RETR-N

‘o filhote (morto)⁴⁰ do guariba’

44. jaha a-japo ha=Ø-kaha-**rỹm**-a

eu 1-fazer 1-R¹-rede-PROSP-N

‘estou fazendo a minha futura rede’⁴¹

³⁸ Glosado por Praça como REFER.

³⁹ Glosado por Magalhães como N.

⁴⁰ O ‘ex-filhote’ do guariba.

Magalhães (op.cit) identifica três tipos de nomes lexicais: os nomes que ocorrem necessariamente sem um nome dependente ou marca de pessoa, tais como “...elementos da natureza como plantas, animais, minerais, fenômenos naturais, corpos celestes, acidentes geográficos e classes de seres humanos (*awa*, *kamara*, *karái*, respectivamente ‘Guajá’, ‘outros índios’, ‘não-índios)’”; os nomes que ocorrem facultativamente associados a outro nome dependente, referindo-se a um só elemento, especificando-o, tal como no exemplo 45, ou, se ocorrerem sozinhos, se referem a uma classe inteira, não especificada, tal como no exemplo 46; e finalmente os nomes que não têm existência independente e necessitam, obrigatoriamente, de um complemento adnominal (normalmente um possuidor⁴²), expresso ou por outro item lexical pleno introduzido pelo prefixo relacional (R), ou por uma marca de pessoa da Série II flexionada ao núcleo por meio de (R), conforme exemplo 47.

Esses nomes formam sintagmas genitivos que têm como núcleo o nome possuído e normalmente expressam partes de um todo, como *-iwá* ‘braço’, *-awaj* ‘rabo’, objetos de uso particular, tais como *-ipa* ‘casa’ e *-ata* ‘fogo’, e relações de parentesco, como *-hy* ‘mãe’ e *-mymyr* ‘filho’.

45. a-r-u **ha=Ø-kawa-Ø**
 2/IMP-trazer **1.II=R-vasilha-N**
 ‘traga minha vasilha

46. kawa Ø-hyhyk-aha-Ø
 vasilha R-esfregar- NZR-N
 ‘instrumento de secar vasilha’ (lit. ‘esfregador de vasilha’)

47. jaha ha=Ø-mymyr-a a-kyw
 eu 1=R-filho-N 1-catar.piolho
 ‘eu catei piolho do meu filho’

⁴¹ O que vai vir a ser a minha rede

⁴² Tradicionalmente conhecidos na literatura sobre a FTG como “nomes inalienavelmente possuídos”.

Sobre os verbos na língua Guajá, Magalhães & Mattos (2015) identificam dois tipos, a depender da quantidade de argumentos em sua estrutura argumental: transitivos (V²) e intransitivos (V¹). Os transitivos são sempre ativos e associados às marcas de pessoa da Série I, respeitada a HR, que indicam o agente prototípico, o iniciador da ação expressa pelo verbo. As marcas da Série II estão associadas ao paciente, ao receptor ou destinatário da ação expressa pelo verbo. Os intransitivos se dividem em duas subclasses, uma que compreende os verbos eventivos, cuja expressão da categoria de pessoa se dá por meio da Série I e outra que compreende os verbos estativos, cuja expressão da categoria pessoa se dá pela Série II, intermediada pela marca de adjacência R⁴³. Semanticamente, as duas subclasses diferem da seguinte maneira: verbos ativos possuem um participante único com propriedades prototípicas de agente, enquanto o participante único dos estativos é o detentor das propriedades, qualidades ou estados existenciais expressos pelo verbo. Nas palavras de Magalhães & Mattos (2015):

As duas subclasses verbais, por sua vez, diferenciam-se morfológica e semanticamente pelas seguintes razões: os verbos eventivos expressam a categoria de pessoa por meio dos marcadores pessoais da série I e caracterizam-se semanticamente (pensando-se na escala de estabilidade temporal proposta por Givón, 2001:54) por exprimir fenômenos que denotam mudanças rápidas no estado, condição ou locação espacial de alguma entidade codificada como nome. Além disso, podem ser monovalentes ou divalentes. Já os verbos estativos expressam a categoria de pessoa por meio da combinação com os marcadores da série II e exprimem conceitos que abarcam desde as propriedades físicas mais estáveis dos nomes, como tamanho, forma, cor, consistência, textura, peso, cheiro e sabor, até uma grande parte dos fenômenos que denotam estados temporários, como temperatura ou estados de saúde. Estes, por sua vez, são sempre monovalentes.

Os exemplos 48 e 49, a seguir, ilustram a cisão na classe dos intransitivos tal como Magalhães & Mattos (2015) a apresentam no Guajá:

⁴³ Tradicionalmente tratado na literatura linguística como prefixo relacional.

48. **a-kere** mixik-a'ĩ-ta jaha
1.I-dormir pouco-ATEN-FUT eu
 'eu vou dormir um pouquinho'

49. **ha=r-ahy** jaha
1.II=R-estar.doente eu
 'eu estou doente'

Tal qual expusemos para o Tapirapé na seção anterior, em termos de flexão com o prefixo relacional (R) e marcas de pessoa, há um paralelismo entre estruturas como *ha=r-ahy* 'eu estou doente' e *ha=mymyr-a* 'meu filho', ainda que a primeira possua como núcleo uma raiz verbal e a segunda possua núcleo nominal. Conforme mencionado anteriormente, é fenômeno comum nas línguas da FTG – e não é diferente no Guajá – que diferentes classes de palavras compartilhem material morfológico. Como se pode observar na Tabela 7, além das marcas de pessoa da Série II, há vários outros processos morfológicos transcategoriais, ou seja, compartilhados por diversas classes de palavras:

Classe	Função	Morfologia	Nomes		Estados	Verbos	
		morfemas/alomorfes	Absol.	Depen.		V1 Ativ.	V2
Nomes e Verbos (e posições)	Clíticos e prefixos da Série II	h- har- har- xah- pah- h-	-	+	+	-	+
	Prefixo relacional	r- (∅- ~n-)	-	+	+	-	+
	Intensivo	-y(hy)~u(hú)~hV	+	+	+	+	+
	Atenuativo	-n(aĩ)~k(ãj)~(a)ĩ	+	+	+	+	+
	Intensificador	ate	+	+	+	+	+
	Negação no constituinte	-y'ỹm ~-y'ỹ	+	+	+	+	+
	Negação de predicado	n=... -i ~-j ~-ki	+	+	+	+	+
	Nominalização de predicado	-ma'a	+	+	+	+	-

Tabela 7: morfologia transcategorial no Guajá

Apesar de toda essa morfologia compartilhada entre verbos e nomes, essas classes são identificáveis no Guajá, em razão da existência de material morfológico privativo de cada uma, conforme demonstrado na tabela 8, que lista os processos exclusivos da classe de nomes, vetados aos verbos. É importante lembrar que, diferentemente do Tapirapé, na língua Guajá o sufixo *-a* é morfologia exclusiva da

classe dos nomes, não permitida às palavras estativas e verbos, pois estes não exercem função argumental antes de serem nominalizados.

Classe	Função	Morfologia	Nomes		Estados	Verbos	
		morfemas/alomorfes	Absol.	Depen.		V1 Ativ.	V2
Nomes	Coletivizador	-kér ~-ér	+	+	-	-	-
	Passado Nominal/Atualização nominal retrosp.	-kér ~-ér	+	+	-	-	-
	Futuro Nominal	-rÿm	+	+	-	-	-
	Similaridade	-rÿn	+	+	-	-	-
	Antiguidade	-mÿn	+	+	-	-	-

Tabela 8: morfologia exclusiva das raízes nominais no Guajá

Assim como há processos morfológicos exclusivos de nomes, há também os que são exclusivos de verbos, normalmente vetados ou muito pouco produtivos em nomes. A partir de informações compiladas de Magalhães (2007), de Magalhães e Mattos (2015) e de comunicações pessoais ao longo da orientação desse trabalho, montou-se a tabela 9.

Classe	Função	Morfologia	Nomes		Estados	Verbos	
		morfemas/alomorfes	Absol.	Depen.		V1 Ativ.	V2
Verbos	Causativização predicados Intransitivos	ma- ~-mi	-	-	+	+	-
	Derivação de nomes deverbais	-ahá- ~-á-	-	-	+	+	+
	Contrafactual	neme'ë	-	-	+	+	+
	Desiderativo/Futuro (querer)/Prospectivo	-tá	*	*	+	+	+
	Potencialidade, habilidade	-kwá	-	-	+	+	+
	Apreciativo	-katy -kata	-	-	+	+	+
	Imperativo afirmativo	a- / pa-	-	-	+	+	+
	Imperativo negativo	a- / pa-	-	-	+	+	+
	Prefixos da Serie I	a- ari- ari xi- pi- Ø	-	-	-	+	+

Tabela 9: morfologia exclusiva de raízes verbais no Guajá

Um ponto interessante a ser mencionado é o sufixo de aspecto projetivo *-ta*, que indica realização futura de um evento, ou desejo, intenção, tal como em *a-jaho-ta*, que pode significar ‘eu vou’ ou ‘eu quero ir’. Esse sufixo, que tem origem no extinto verbo *mata* ‘querer’ aparece na tabela 9 com um asterisco porque antes era restrito aos verbos, mas pouco a pouco começa a substituir, na fala dos mais jovens, o sufixo de atualização

nominal prospectiva *-rym*, exclusivo dos nomes⁴⁴, tal como no exemplo 50. Isso é um indício de mudança linguística em curso, que aos poucos vai tornando o sufixo *-ta* como morfologia comum a nomes e verbos.

50. Arika n-imi-’u-**ta**-ker-a
Olegário R-NZR-comer-**PROJ**-RETR-N
‘A comida que seria do Olegário’

É importante observar duas coisas a partir das tabelas sobre a morfologia da língua Guajá: a primeira é que os processos listados como privativos aos nomes aparecem explicitamente na tabela 8 como vetados aos verbos e às palavras que designam estados; a segunda é que a esmagadora maioria dos processos morfológicos atribuídos exclusivamente aos verbos⁴⁵, como se pode ver na tabela 9, e vetados aos nomes, são licenciados às palavras que designam estados. Restam como exceção as marcas de pessoa da Série I, que vetadas às palavras estativas. Diante de tudo o que foi exposto neste capítulo, nos parece, portanto, adequado, considerar a classe dos estados do Guajá como uma subclasse de verbos intransitivos em razão de suas regularidades morfossintáticas com os verbos monovalentes ativos.

⁴⁴ Magalhães (2007: 182) indica que é possível combinar a semântica de existência retrospectiva com a prospectiva, resultando em “algo que deveria ter sido, mas não foi”, por meio da combinação do sufixo *-ker* (RETR) com o *-á* (PROJ) – e não com *rym*, conforme esperado no exemplo 41, por se tratar de uma raiz nominalizada.

⁴⁵ Especialmente aos verbos intransitivos ativos, com os quais as palavras estativas compartilham mais propriedades morfossintáticas.

3.2 Palavras estativas analisadas como nomes

3.2.1 O Emerillón

O povo Emerillón, autodenominado Teko, tem atualmente uma população estimada em 460 pessoas e é a única língua TG falada exclusivamente fora do território brasileiro, na Guiana Francesa, onde vivem seis diferentes etnias indígenas: os Galibi e os Wayana, falantes de línguas da família Caribe, os Palikur e Arawak, cujas línguas pertencem à família Arawak e os Wayampi e Emerillón, falantes de línguas da FTG.

O Emerillón está inserido em um ambiente de multilinguismo em que predominam o francês, ensinado nas escolas, e o crioulo guianês, além das outras línguas indígenas. Como a maioria dos Emerillón habita aldeias compartilhadas com os povos Wayana e Wayampi, é comum que muitos indivíduos dominem várias línguas. As fronteiras da Guiana Francesa com o Brasil e o Suriname e as migrações de povos importantes também colocam o Emerillón em situação de fragilidade, pois a sua única forma de transmissão é oral e seu número de falantes é reduzido. Segundo Rose (2003: 10):

No plano científico, o Emerillón não tem sido fonte de muito interesse. As descrições do Emerillón existentes até agora são bastante limitadas. Três vocabulários foram publicados: o de Coudreau data de 1892, o de Perret foi compilado em 1933 e o de A. Jensen e Tobler, do Summer Institute of Linguistics foi publicado em 1979. Mais recentemente, o etnólogo Navet elaborou um léxico, não publicado. Uma gramática sucinta (de 34 páginas) foi criada por um professor (Maurel, 1998) após muitos anos de imersão na sociedade Emerillón. Por fim, são elaborados dois artigos especializados na morfossintaxe Emerillón: *Classes de lexemas em Emerillón* (Couchili, Maurel et Queixalós, 2002) e *O sufixo referenciante em Emerillón* (Queixalós, 2001)⁴⁶

⁴⁶ Sur le plan scientifique, l'émerillon n'a pas été à la source de beaucoup d'intérêt. La description de l'émerillon était jusqu'à présent très limitée. Trois vocabulaires de l'émerillon ont été édités : celui de Coudreau date de 1892, celui de Perret a été recueilli en 1933, et celui de A. Jensen et Tobler du Summer Institute of Linguistics a été édité en 1979. L'ethnologue Navet a plus récemment constitué un lexique, non édité. Une grammaire succincte (de 34 pages) a été

A pesquisa de Rose (2003) tem suporte teórico-metodológico na tipologia funcionalista e busca, segundo a autora, remediar a falta de descrições sobre a língua Emerillón. Trataremos, a seguir, dos pontos centrais do trabalho de Rose (2003) no que concerne às classes de palavras, especialmente das que designam estados, e ao *status* da CI no Emerillón.

Apontada por Rose (2003) como bastante diferente de outras línguas TG e, portanto, das línguas até agora abordadas nessa dissertação, a classe dos estados na língua Emerillón é descrita como mais próxima aos nomes e cindida em duas subclasses, os nominoides e os atributivos.

Assim como mencionado no Tapirapé e no Guajá, também no Emerillón as funções de argumento e predicado não são exclusivas de uma classe específica, não sendo possível associar os verbos exclusivamente à função predicativa e nomes exclusivamente à função argumental, conforme os exemplos 51 e 52, em que *awu* ‘palavra’ e *men* ‘marido’ desempenham, respectivamente, função de predicado e de argumento, e 53 e 54, que apresentam raízes verbais nas duas funções, todos de Rose (2003: 30-31).

51. d-i-**awu**-tal-i. **nome (predicado)**
 NEG-3.II-**parole**-FUT-NEG
 ‘Il ne parlera pas’
52. i-**men** o-ʔa-o o-kija-pope **nome (argumento)**
 3.II-**mari** 3.I-être.allongé-CONT 3.COREF-hamac-dans
 ‘et puis son mari est allongé dans un hamac’
53. Polo o-manõ **verbo (predicado)**
 Paulo 3.I-mourir
 ‘Paulo est décédé’

constituée par un instituteur immergé dans la société émerillon depuis de nombreuses années (Maurel 1998). Enfin, deux articles spécialisés sur la morphosyntaxe de l'émerillon sont parus *Classes de lexèmes en émerillon* (Couchili, Maurel et Queixalós 2002) et *Le suffixe référentiant en émerillon* (Queixalós 2001c).

54. o-kuwa-pa o-manõ-**maʔẽ**⁴⁷ **verbo (argumento)**

3.I-savoir-COMPL 3.I-mourir-REL

‘Il connaît tous les morts’

Resumindo, em termos de vocação das classes lexicais, nomes tem vocação para servir de argumento, mas também podem instituir núcleo de predicado, e quando o fazem seguem os mesmos moldes dos verbos. Já os verbos têm vocação predicativa natural, e só podem ter função argumental se sofrerem, antes, algum processo morfológico significativo, de que derivam formas nominais, tal como no exemplo 54, em que o verbo, para servir de argumento, precisa estar nominalizado pelo sufixo *maʔẽ*, comum a várias línguas da FTG⁴⁸. Essas nominalizações são muito produtivas nas línguas TG.

Os processos morfológicos que Rose (2003) aponta como comuns a verbos (transitivos) e nomes são a flexão com as marcas de pessoa da Série II e a marca de plural *-kom*, que indica o plural do objeto dos verbos transitivos. Além disso, a autora defende que, em função predicativa, as duas classes também compartilham: plural com *oŋ*, marcas de voz, negação de predicado e sufixos de TAM⁴⁹.

Seguindo a tradição de estudos sobre a FTG instituída por Rodrigues (1996), o critério principal de que Rose (2003) se utiliza para categorizar os verbos é o fato de eles se flexionarem com as marcas de pessoa da Série I, vetado aos nomes:

É, portanto, a possibilidade de combinação com a Série I que vai definir morfológicamente uma classe geral de verbos. Os nomes serão, ao contrário, sempre incompatíveis com a Série I. Este critério é o mais frequentemente utilizado no interior da Família Tupí-Guaraní (por exemplo, A. Rodrigues 1996 et C. Jensen 1989) (Rose, 2003: 36).⁵⁰

⁴⁷ O símbolo fonético ʔ equivale, na ortografia convencional para a FTG, à glotal representada por ‘, tal como em –*ma’a*

⁴⁸ *-ma’a* em Guajá, *-ama’e* no Tapirapé, *-uma’e* no Kamaiurá, entre outras

⁴⁹ Tempo, aspecto e modo, tipo de morfologia mais frequentemente associada a raízes verbais, mas que nas línguas da FTG também são aplicáveis a raízes nominais.

⁵⁰ C’est donc la possibilité de combinaison avec la série I que va définir morphologiquement une classe générale de verbes. Les noms seront à contraire toujours incompatibles avec la série I. Ce critère là est le plus fréquemment utilisé à l’intérieur de la famille Tupí-Guaraní (par exemple, A. Rodrigues 1996 et C. Jensen 1989).

3.3.1.1 O Emerillón e a classe dos estados

Conforme mencionado anteriormente, Rose (2003), seguindo a classificação de Couchili, Maurel e Queixalós (2002), alinha os estados da língua Emerillón com a classe lexical dos nomes, e propõe que ela seja cindida em duas subclasses, uma numericamente maior e mais próxima dos nomes autônomos, a que ela denomina nominoides, e um pequeno grupo de palavras denominadas atributivas⁵², que compartilham com os nomes absolutos a propriedade de ocorrer sem flexão com marcas de pessoa, mas cujo padrão morfossintático não permite que sejam classificadas nem como nomes, nem como verbos.

Rose (2003) aponta a convergência entre a classe semântica dos estados no Emerillón e os sete tipos semânticos propostos por Dixon (1977), em que os nominoides expressariam a maior parte dos estados existenciais humanos, sensações físicas e fenômenos mentais⁵³, ao passo que os atributivos expressariam estados físicos permanentes ou temporários⁵⁴, aplicáveis a humanos, mas mais frequentemente relacionados a objetos inanimados ou a índices de 3ª pessoa. O caso dos atributivos seria, segundo a autora, ainda mais complexo, por se tratar de raízes que no plano formal e funcional não se assemelham nem a nomes, nem a verbos, nem a adjetivos.

3.3.1.2 Os Nominoides

A classificação de parte das palavras que designam estados como nominoides, e não como verbos se baseia, segundo Rose (2003), na sua compatibilidade com a Série II⁵⁵ ao instituir núcleo de predicado, tal como demonstrado no exemplo 59 e na sua vocação de funcionar como argumento sem o auxílio de morfologia derivacional, necessária aos verbos nessa função (exemplo 60):

⁵² “Nous sommes donc confrontés à une classe de notions adjectivales qui ne s’identifie, au plan de la forme, ni a des noms, ni a des verbes, ni a des adjectives” (Couchili, Maurel e Queixalós 2002:12).

⁵³ Correspondentes aos tipos semânticos *propriedades físicas* e *propensões humanas* (human propensity, no original)

⁵⁴ Dimensão, cor, valor, conforme Dixon 1977.

⁵⁵ Segundo Rose a compatibilidade com a Série II é uma propriedade dos nomes.

sintagmas genitivos⁵⁹; pronomes pessoais e demonstrativos; formas deverbais nominalizadas com o sufixo *maʔẽ*, entre outros. Em menor frequência, não preso à raiz, mas como partícula, ele pluraliza o argumento de 3ª pessoa marcado junto ao verbo transitivo (exemplo 61), e raramente ocorre como pluralizador de sujeito de um verbo intransitivo (exemplo 62). Observe-se que o uso raro junto a raízes intransitivas conforme exemplificado em 62 parece, em razão da repetição do *-kom* em todos os constituintes nominais, estar mais relacionado a condições pragmático-discursivas, do que sintáticas.

61. wɨŋ-a-te o-zika **kom.**

DEM-REF-FOC 3.I-kill **PL**

‘It is him who killed them.’

62. aʔe-**kom** nōde-**kom** se-iko-**kom**

DEM-**PL** PRO1INCL-**PL** 1INCL.I-be-**PL**

‘These people (who survived the wars), we are them.’

Reconstruída como **komo* por Gildea (1998) para o Proto-Caribe, *-kom* se manifesta na atualidade como sufixo em algumas dessas línguas, em outras como partícula coletivizadora, indicando plural pela noção de agrupamento das entidades a que se refere. No nível semântico, Gildea (1998: 116-117) explica que nas línguas Caribe o plural não é uma categoria gramatical e não é obrigatoriamente marcado nem nas línguas que ostensivamente marcam o plural:

Em vez de distinguir entre um (singular) e mais de um (plural), a distinção mais comum é entre todos (coletivo) e menos do que todos (não coletivo). Portanto, um nome que não leva marcação de número pode estar no singular ou no plural, mas não representa o todo de um grupo; um nome marcado com o coletivo vai certamente ser plural (normalmente mais do que dois ou três) e, na mente do falante,

⁵⁹ Indicando o plural do nome dependente, da marca de pessoa ou de ambos.

aqueles referentes constituem a totalidade de algum grupo (Gildea 1998: 116–117).⁶⁰

A questão da incompatibilidade dos nominoides com o morfema pluralizador *-kom*, produtivamente associado a temas não verbais, parece querer explicar o porquê de se postular a existência de uma subclasse de palavras que compartilham propriedades com os nomes, mas não são propriamente nomes, e sim nominoides. No entanto, parece ser justamente na direção contrária que os dados de Rose (2003) nos levam a pensar: que essa incompatibilidade dos nominoides com o pluralizador *-kom*, antes de apartar nominoides de nomes, os aproxima das raízes verbais, que exibem outro tipo de marcação de plural, com *-oŋ* em posição final.

Assim, a compatibilidade dessas palavras com a marca de plural de sujeito de terceira pessoa formado com *-oŋ*, associado a raízes verbais, em posição final e pouco produtivo com raízes nominais, parece corroborar ainda mais a ideia de proximidade dessas raízes denominadas nominoides com a classe dos verbos: Os exemplos 63 e 64 mostram flexão de plural com *-oŋ* em um predicado de núcleo verbal divalente e em um nominóide, respectivamente; o exemplo 65 mostra um predicado de núcleo nominal pluralizado por *-oŋ* e é indicado pela autora como dado elicitado:

- | | | | |
|--|------------|----------------------------|--------------------------|
| 63. sikāi-nam | baipuli | o- pihig -oŋ. ~ | verbo |
| petit-quand | tapir | 3.I- attraper -PL.S | |
| ‘Ils ont attrapé le tapir quand il était petit.’ | | | |
| 64. i- awu -ŋ | ikiʔi | | nominoide |
| 3.II- parole -PL.S | maintenant | | |
| ‘Maintenant ils parlent’ | | | |
| 65. Ø- apidz -oŋ. | | | (frase elicitada) |
| 3.II- maison -PL.S | | | |
| ‘Ils ont une maison’ | | | |

⁶⁰ Rather than distinguishing between one (singular) and more than one (plural), the more common distinction is between all (collective) and fewer than all (non-collective). Thus, a noun that is not marked for number might be singular or plural, but it is not all of a perceived group; a noun that is marked for collective number will certainly be plural (usually more than two or three), and in the mind of the speaker, the referents taken together constitute the entirety of some group.

Outra propriedade morfológica dos nominoides apresentada por Rose (2003), a negação sentencial, nada revela sobre o pertencimento deles à classe dos nomes ou dos verbos, pois no Emerillón, tal como em praticamente todas as línguas da FTG, a morfologia da negação, seja ela no nível da oração (por meio de *d=...-i*), ou de constituintes específicos, (por sufixação com *-i*), é transcategorial, ou seja, é compartilhada por predicados cujos núcleos podem ser de diferentes classes lexicais. Pode-se ver no exemplo 66 a negação de um predicado de núcleo verbal, em 67 a negação de um predicado de núcleo nominal e em 68 a negação de um predicado com um nominóide como núcleo, todos com morfologia de negação idêntica:

66. *d-a-zaug-i*. **verbo**

NEG-1SG.I-se.baigner-NEG

Je ne me suis pas baigné.

67. *d-e-mebil-i*. **nome**

NEG-1SG.II-enfant-NEG

Je n'ai pas d'enfant.

68. *d-e-ba?ewal-i* **nominóide**

NEG-1SG.II-faim-NEG

Je n'ai pas faim.

A compatibilidade dos nominoides com o morfema contínuo *-o*, que marca “o aspecto contínuo de uma ação ou de um estado⁶¹” em sujeito de 3ª pessoa, produtivo em verbos, mas não em nomes, também aproxima-os da classe dos verbos (exemplos 69 e 70). Tal compatibilidade com raízes verbais também se deve ao fato de que o morfema *-o* jamais aparece em um elemento anterior ao predicado. Como a ordem canônica das línguas TG é de verbo final, o uso do *-o* com raízes nominais fica provavelmente restrito a objetos pospostos ao núcleo do predicado, menos frequentes na língua Emerillon, cuja ordem predominante é OV.

⁶¹ L'aspect continu d'une action ou d'un état (Rose, 2003: 431)

69. i-baʔewal-o.

nominoide

3.II-faim-CONT

Il est en train d'avoir faim

70. i-(j)ï baʔezaʔu o-mumuñ-õ.

verbo

3.II-mère nourriture 3.I-cuire-CONT

Sa mère cuit la nourriture.

A causativização por meio do prefixo *bo-* (~ *mo-* ~ *mõ*, dependendo da raiz) é exclusiva de temas intransitivos. É um morfema frequente e produtivo em Emerillón e sintaticamente consiste na introdução um novo sujeito agente, causador do evento, enquanto o outro participante, o causado, é agente da ação e sintaticamente ocupa função de objeto. Resulta da causativização com *bo-* uma estrutura divalente, tal como nos exemplos 71 e 72:

71. o-zaug.

3-se.baigner

Elle se baigne

72. wane idze a-mo-zaug

bien PRO1SG 1SG.I-CAUS-se.baigner

Moi, je la lave bien.

As operações de causativização também dão boas pistas sobre o comportamento dos nominoides em relação às classes lexicais nome e verbo. Segundo Rose (2003), alguns nominoides são causativizados somente com o prefixo *bo-*, tal como as raízes verbais, e outros podem levar a dupla marcação *bo-...-okal*, própria de temas transitivos ou já transitivizados por *bo-*, e obrigatória na causativização de raízes nominais. Dessa maneira, os nominoides que podem ser causativizados unicamente com *bo-* tem comportamento mais próximo dos verbos que dos nomes, pois estes necessitam da dupla marcação *bo-...-okal* para serem causativizados.

No entanto, Rose (2003: 50) esclarece em nota de rodapé:

A distinção de acordo com o tipo de causativo compatível não é neste momento claramente confirmada por nossos dados: **todos os nominoides parecem poder ser causativizados unicamente com o bo-**. Mas a frequência destas construções dentro do nosso corpus não é muito elevada⁶² (grifo nosso).

Aparentemente, os dados do trabalho de Rose (2003) não parecem sustentar a afirmação baseada em Couchili, Maurel & Queixalós (2002) de que as palavras reunidas dentro da subclasse de nominoides têm comportamento morfossintático mais assemelhado à classe lexical dos nomes. Ao contrário, a autora adiciona à sua tese dados que parecem ir na direção oposta à fonte em que baseou suas afirmações, tais como: a incompatibilidade do nominóide precedido de um índice de pessoa ser introduzido pelas cópulas *kob*, *dati* e *-te*, contrariamente aos outros nomes (exs. 73 e 74), entre outros:

73. **kob e-baʔewal*. **nominoide**

COP 2SG.II-faim

‘J’ai faim’

74. *kob e-balidza*. **nome**

COP 2SG.II-couteau

‘J’ai un couteau’

Na nossa análise dos dados apresentados na tese de Rose não foram encontradas, portanto, vantagens em se postular a existência de uma categoria de nominoides, tampouco no critério principal de Couchili, Maurel & Queixalós (2002) *apud* Rose (2003) para considerar essas palavras mais próximas dos nomes, que é a sua vocação para exercer função argumental sem necessidade de ferramentas morfológicas. A ocorrência de tais raízes em função argumental sem serem nominalizadas não é produtiva nem na língua Emerillón nem nas línguas da FTG aqui abordadas. O fato de os nomes terem vocação natural para servir de argumento não deve servir de licença

⁶² Cette distinction selon le type de causatif compatible n'est pour l'instant pas clairement confirmée par nos données : tous les nominoides semblent pouvoir être causativisés uniquement avec bo-. Mais la fréquence de ces constructions dans notre corpus n'est pas très élevée.

para se atribuir uma vocação *a priori* a um grupo de palavras cujo pertencimento a uma classe lexical ou outra ainda se está por definir.

3.3.1.3 Os Atributivos

Além dos nominoides, há, segundo Rose (2003), uma outra subclasse de palavras em que se realizam os estados na língua Emerillón: os atributivos, classe mais complexa, pois sua vocação principal não a aproxima nem dos nomes, nem dos verbos, nem dos adjetivos. Na representação das classes lexicais como um *continuum*, essas palavras estariam fora do eixo verbo-nominal prototípico, constituindo uma classe marginal cuja denominação faz referência à principal função dessas palavras: atribuir. A classe dos atributivos é descrita como uma classe pequena, listada a seguir:

<i>tawa</i>	‘amarelo’
<i>big</i>	‘negro’
<i>sikãĩ</i>	‘pequeno’
<i>tukug</i>	‘baixo’
<i>tipi</i>	‘profundo’
<i>sĩãkwã</i>	‘pontudo’
<i>epi</i>	‘caro’
<i>ai</i>	‘azedo’, ‘ácido’
<i>wane</i>	‘bom’
<i>wale?ete</i>	‘bonito’
<i>waihi</i>	‘difícil’
<i>piṅaṅ</i>	‘vermelho’
<i>pelab</i>	‘brilhante’
<i>kuniṅ,</i>	‘retorcido’
<i>tãbe</i>	‘plano’
<i>siṅ</i>	‘branco’

Em linhas gerais, Rose (2003) postula, seguindo Couchili, Maurel e Queixalós (2002), que o que distingue os atributivos dos nomes (e, conseqüentemente, dos nominoides) é o fato de eles **não poderem aparecer associados a uma marca de pessoa**. A raiz *puku* ‘longo’, por exemplo, aparece sozinha, e não flexionada com a Série II, conforme era de se esperar de uma raiz nominal. A forma ‘**i-puku*’, flexionada com índice de 3ª pessoa é considerada agramatical. Assim, se à primeira vista se pode pensar que os atributivos são utilizados como predicados, a autora defende que essa não

é sua vocação, por eles serem “...incompatibles avec les indices de personne, qui sont nécessaires aux verbes et aux noms pour prédiquer” (2003: 54).

Além disso, na maior parte das vezes os atributivos não parecem poder predicar diretamente, sem auxílio de ferramentas morfológicas: ao contrário, precisam da cópula -dzu para as pessoas intralocutivas (exemplos 75 e 76), a mesma utilizada pelos nomes absolutos (exemplo 77) ou de sufixo predicativo -i para a 3ª pessoa, como nos exemplos 78 e 79 (Couchili, Maurel & Queixalós, 2002), com a ressalva de que alguns atributivos precisam deste sufixo, outros não.

75. tukug a-dzu **atributivo**

court 1SG.I-COP

‘Je suis court’

76. sîkâi a-dzu **atributivo**

petit 1SG.I-COP

‘Je suis petit’

77. teko a-dzu **nome absoluto**

émérillon 1SG.I-COP

‘Je suis émérillon’

78. tukug-i

court-PRED

‘Elle est courte. (à la fin d'une histoire)’

79. siŋ-i

blanc-PRED

‘Il est blanc’

Rose (2003) defende que o fato de os atributivos não poderem predicar sem cópula realmente os afasta da classe dos verbos e a cópula intralocutiva chega mesmo a

recebem marcas de pessoa e só podem predicar se receberem o sufixo *-i* ou or meio de cópula. Para servir de argumento, primeiramente eles precisam ser tornados predicados por meio um desses processos, para depois, então, serem nominalizados por meio do sufixo *-ma?ẽ*. Segundo Rose (op.cit.), os atributivos:

1. compartilham com nomes o uso da cópula para predicação com pessoas intralocutivas.
2. Não podem funcionar diretamente como argumentos, precisam primeiro ser transformadas em predicado e depois nominalizadas com *ma?ẽ*.
3. Não são verbos porque lhes falta a capacidade de predicar por meio da uma marca de pessoa
4. Não são adjetivos porque precisam ser relativizados para tal.

Ao descrever a sua própria pesquisa, tal como ocorrido na análise dos nominoides, os dados de Rose (2003) demonstram divergências em relação às análises de Couchili, Maurel & Queixalós (2002):

Na elicitación dos dados, apareceu uma variante na formação de predicados com base lexical de atributivos. Essa variante foi quantitativamente minoritária. As duas variantes foram produzidas pelos mesmos locutores, em cima das mesmas raízes. Concretamente, a combinação com o sufixo *-i* não é a única possível. **Os atributivos podem também se combinar com os índices de pessoa da série II.** Nos exemplos a seguir, os atributivos se combinam com o prefixo *i-*, que é da 3ª pessoa da Série II (não confundir com o sufixo *-i*).

(74) *i-tukug*
3.II-court
C'est court

(75) *i-tawa*
2.II-jaune
C'est jaune/mûr.

O atributivo se aproxima, então, muito dos nominoides, ele predica seguindo os mesmos moldes (sem cópula, com a Série II). (Rose, 2003: 51, grifos nossos).⁶³

No entanto, Rose (2003) observa que a combinação com a Série II não é possível com todos os atributivos. Uma pesquisa inicial mostra que seus informantes aceitaram ambas as predicções para as palavras *tukug* ‘curto’, *tawa* ‘amarelo’, *pijanŋ* ‘vermelho’, *pelab* ‘brilhante’, *kuniŋ*, ‘retorcido’, *tipi*, ‘profundo’, *tābe* ‘plano’, mas não com *siŋ* ‘branco’ ou *ai* ‘ácido’. Sobre essa variação, a autora postula uma evolução diacrônica em que os atributivos tenham, por analogia aos nominoides, licenciado a flexão com a Série II, ou, em direção oposta, que a variação demonstre uma propriedade residual de uma antiga classe homogênea de descritivos, ainda ativa na maioria das outras línguas da FTG.

Não vamos opinar a respeito de variação, mas a questão quantitativa parece relevante no estabelecimento da classe de atributivos com base em uma “falta de vocação predicativa”, conforme proposto originalmente por Couchili, Maurel & Queixalós (2002) *apud* Rose (2003), trabalho em que são apresentadas dezesseis palavras analisadas como atributivos em razão de não admitirem função predicativa por meio da flexão com a Série II. Observa-se que nesse pequeno universo de dezesseis raízes atributivas, quatorze admitem variantes flexionadas com a Série II, tal qual o fazem os nominoides.

Não se pode ignorar, no entanto, que as palavras classificadas por Rose (2003) como atributivos de fato possuem propriedades diferenciadas, especialmente no que diz respeito à diversidade de meios morfológicos de que se utilizam para predicar ou servir de argumento: elas não parecem possuir propriedades prototípicas de nomes ou de verbos. No entanto, há em outras línguas da FTG registros de pequenos grupos de palavras de semantismo adjetival e comportamento morfossintático inespecífico de nomes ou verbos que não justificaram a criação, por parte de seus especialistas, de uma

⁶³ Dans l'élicitation des données, il est apparu une variante dans la formation des prédicats sur une base lexicale d'attributifs. Cette variante était quantitativement minoritaire. Les deux variantes sont produites par les mêmes locuteurs, sur la base des mêmes racines. Concrètement, la combinaison avec le suffixe -i n'est pas la seule possible. Les attributifs peuvent aussi se combiner avec des indices de personne de série II. Dans les exemples suivants, les attributifs se combinent avec un préfixe i- qui est le morphème de 3ème personne de la série II (à ne pas confondre avec le suffixe -i) ... L'attributif se rapproche alors beaucoup des nominoides, il prédique avec les mêmes moyens (sans copule, avec la série II).

classe específica para abrigá-las. No Guajá, por exemplo, Magalhães (2007: 152) descreve uma pequena classe de palavras de natureza nominal que ocorrem associadas a outros nomes e designam qualidades ou características destes, tais como *mÿn* ‘antigo/falecido’, *puhu* ‘novo’ e *marer* ‘velho’ (ambos para objetos), *wahy* ‘mulher/fêmea’ e *wanihã* ‘homem/macho’ entre outros. No Kamaiurá, Seki (2000: 118) dá exemplos de ocorrências de alguns descritivos⁶⁴ que atribuem qualidades aos termos a que se ligam, sem o auxílio de qualquer ferramenta morfológica, tal como no exemplo 85:

85. y'yw-a **katu**
Flecha-N reta/boa
‘flecha reta’

Martins (2003) também relata no Mbyá a existência de um tipo de estrutura com raízes descritivas na qual elementos como *porã* ‘bonito’, *puku* ‘grande’, *mitã* ‘nova’, *katu* ‘bom’ e *kaxĩ* ‘cheiroso’, entre outros, podem também ocorrer na função de modificador nominal sem marca de pessoa nem prefixo relacional (exemplos 86 e 87).

86. kavõ i-kaxĩ
sabão 3-cheiro
o sabão é cheiroso

87. kavõ kaxĩ
sabão cheiro
sabonete/sabão cheiroso

Cruz (2011) identifica no Nheengatú duas subclasses de verbos intransitivos, uma que se flexiona com as marcas da Série II e outra que não se combina com tais marcas. Segundo a autora, semanticamente essas palavras expressam propriedades físicas permanentes, tais como textura, resistência, formato ou tamanho, conceitos como

⁶⁴ Considerados por Seki como uma subclasse de verbos intransitivos.

puranga ‘ser bonito/bom’ e estados não permanentes, como *sasi* ‘estar doente ou *sasiara* ‘estar triste’ (Cruz 2011: 191).

Uma segunda subclasse de verbos estativos em Nheengatú não se combina com os prefixos de pessoa da série estativa. O sujeito é indicado por um sintagma nominal cujo núcleo pode ser uma forma lexical, como em (291) e (292), ou um pronome pessoal (293) e (294). O termo ‘estativo não flexionável’ deriva do fato de que o sujeito é indicado por um sintagma, sem nenhuma marca morfológica no verbo:

(291) puku nhaã istoria
 ser.comprido DEMDIST história
 ‘É comprida aquela história’

(292) mirá santã
 Árvore ser.duro
 ‘O pau é duro’ (elicitado)

(293) inde sasiara
 2SG ser.triste
 ‘Você é triste’

(294) kirimba ainta
 ser.forte 3PL
 ‘Eles são fortes’

Cruz (2011) lista como verbos intransitivos estativos não flexionáveis *irawa* ‘ser amargo’, *iwate* ‘ser alto’, *pinima* ‘ser colorido’, *puranga* ‘ser bonito / bom’, *puku* ‘ser comprido’, *puxuera* ‘ser feio’, *saimbe* ‘ser afiado’, *sasi* ‘estar doente’, *sasiara* ‘ser triste’, *seẽ* ‘ser gostoso’, *tipi* ‘ser fundo’, este último uma forma aparentemente cognata de *tipi* ‘profundo’ do Emerillón, considerado por Rose (2003) como atributivo.

No Emerillón, a possibilidade de flexão das raízes chamadas atributivas com a Série II, a causativização com *bo-* e o plural com *-oŋ*, próprio de temas verbais, parecem-nos suficiente para considerar muito tênue a distinção entre eles e os chamados nominoídes. Fazemos, no entanto, a ressalva de que alguns desses itens lexicais apresentam, de fato, variação quando em função predicativa, pois alguns podem predicar por meio do sufixo *-i* ou da flexão com a Série II, e uma pequena quantidade

deles é incompatível com a Série II, só podendo exercer função predicativa com a afixação de *-i*.

Com base nas informações disponíveis nos trabalhos de Rose (2003), montamos a tabela 10, que mostra um pouco da morfologia compartilhada entre raízes nominais e verbais. Observa-se que a maior parte do trabalho de descrição morfossintática do Emerillón empreendido por Rose (2003) está ancorada no nível dos predicados, não apresentando em muito detalhe o que é específico de verbos ou de nomes. Como o nosso trabalho sobre a CI depende de um olhar mais estreito, para o nível das classes, esmiuçamos os dados de Rose (2003) a fim de encontrar nos exemplos padrões que pudessem nos orientar sobre compatibilidade de determinados morfemas com raízes nominais ou verbais.

Observa-se que são compatíveis com os nomes e verbos transitivos (modificando seu complemento objeto) o coletivizador *-kom* e o sufixo causativizador de temas transitivos *-okal*, ambos incompatíveis com verbos intransitivos, nominoides e atributivos. Há, conforme mencionado anteriormente, nominoides que são causativizados com a dupla marcação *bo-...-okal*, no entanto, isso não parece ter tanta relevância diante do fato de que nas línguas TG qualquer raiz monovalente causativizada com *bo-* passa a ser divalente e pode, em princípio, ser novamente causativizada com o morfema *-okal*.

Classe	Função	Morfologia	Nomes		Estados		Verbos	
		morfemas/alomorfes	Absol.	Depen.	Atribut	Nomin	Intr.At	Trans
Nomes	Coletivizador/Pluralizador	-kom	+	+	-	-	-	+
	Causativização de temas transitivos	-okal	+	+	-	-	-	+
Verbos	Morfema de continuidade	-o	-	-	+	+	+	+
	Causativização de temas intransitivos	bo- ~ mo-	-	-	+	+	+	-
	Prefixos da Serie I	a- tsi- olo- ele- pe- o-	-	-	-	-	+	+

Tabela 10: morfologia exclusiva de nomes e verbos no Emerillón

Rose (2003: 431) assim descreve o morfema de continuidade *-o*, ou aspecto imperfeito: “*marca o aspecto contínuo de uma ação ou de um estado*”,⁶⁵ que ocorre com sujeitos de 3ª pessoa. Tal morfema está, portanto, relacionado a verbos e estados, mas é rotulado pela autora como um “afixo de um constituinte predicativo”, ou seja,

⁶⁵ Marque l’aspect continu d’une action ou d’un état

Classe	Função	Morfologia	Nomes	Estados	Verbos
		morfemas/alomorfes			
T.A.M.	Futuro	-tal	<i>dado elicitado</i>	+	+
	Desiderativo	-tanẽ	-	+	+
	Completivo	-pa- ~ -ba	-	+	+

Tabela 11: Marcadores de TAM restritos a raízes verbais

A pesquisa nos dados disponíveis em Rose (2003) permitem-nos afirmar que o morfema *-tal* aparece afixado a raízes verbais transitivas, tais como *mim* ‘quebrar’, *nupã* ‘bater’, *suʔu* ‘morder’, *pihiḡ* ‘capturar’, *eka(l)* ‘procurar’, *zika* ‘matar; a raízes verbais intransitivas tais como *ho* ‘ir’, *ʔu (l)* ‘vir’, *ʔa (l)* ‘cair’, *dʒaʔo* ‘chorar’, *polahadʒ* ‘dançar’, *tui* ‘ficar’, *wedʒu* ‘descer’, *wiḡ* ‘chegar’, *zewil* ‘retornar’, *pokog* ‘tocar’, *maʔẽ* ‘ver/olhar’; e a um “nominoide”, *awu* ‘parole’. As duas únicas ocorrências do morfema *-tal* hospedado em raízes nominais foram coletadas por meio de elicitación, conforme os exemplos 90 e 91:

90. e-iba-tal zawal-a-l-ehe **frase elicitada**
3.II-animal-FUT chien-a-RELN-POSTP
‘Il aura un chien’

91. e-l-apidʒ-tal **frase elicitada**
1SG.II-RELN-maison-FUT
‘J'aurai une maison’

O sufixo desiderativo *-tanẽ*, gramaticalização do verbo ‘querer’, e o sufixo completivo *-pa* também se associam produtivamente a raízes verbais em muitas línguas da FTG e sua ocorrência nos dados de Rose (2003) confirmam essa tendência, ainda que em um volume reduzido de dados. Há exemplos envolvendo *-tanẽ*: com os verbos *apisi* ‘massacrar’, *naʔaŋ* ‘reunir-se’, *zaug* ‘tomar banho’ e *maʔẽ* ‘ver/olhar’. O completivo *-pa* aparece mais frequentemente associado a verbos como *aihi* ‘amar’, *ikiḡ* ‘pegar’, *kuwa* ‘conhecer’, *ʔu* ‘comer’, *ho* ‘ir’, *ijunḡ* ‘colocar’, *nupã* ‘bater’, entre outros. Não foram encontradas ocorrências desses morfemas junto a raízes nominais, nominoides, ou atributivos.

Por tudo o que foi exposto nessa seção, podemos afirmar que os itens lexicais que designam estados parecem apresentar um comportamento morfossintático mais semelhante ao dos verbos intransitivos do que ao dos nomes, ainda que partilhem com os nomes algumas propriedades. Além disso, não pudemos observar entre os chamados nominoides e atributivos um nível de diferenciação morfossintática que justifique que essas palavras sejam classificadas de maneira distinta. De fato, a maioria dos atributivos apresentados por Rose (2003) pode predicar de maneira idêntica aos nominoides e há pouquíssimos que apresentam o comportamento diferenciado de serem incompatíveis com a Série II.

É possível que os atributivos sejam um grupo de palavras em mudança, um grupo de verbos intransitivos que está gradualmente perdendo a capacidade de predicar sem o auxílio de ferramentas morfológicas, se diferenciando das outras raízes. Os dois atributivos listados como incompatíveis com a Série II podem ser palavras que já completaram o ciclo de migração para uma outra classe lexical, mas ainda preservam alguns resíduos de suas antigas propriedades verbais. No entanto, nossa inclinação neste momento é trata-los como exceções que sempre existirão nas descrições linguísticas.

Em razão de não termos encontrado diferenças significativas entre as raízes identificadas por Rose (2003) como nominoides e atributivos com relação às raízes verbais desta mesma língua, sugerimos, sem desmerecer a análise realizada responsavelmente por Rose, que os itens lexicais que designam os estados no Emerillón possam, em uma análise alternativa, configurar uma subclasse de verbos intransitivos estativos.

3.2.2 O Guaraní

A língua Guaraní é a que possui, dentro da FTG, o maior número de falantes, distribuídos na região centro-sul do Brasil (nos estados do Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Rio de Janeiro e Espírito Santo), no Paraguai e na Bolívia. Na atualidade, são falados no Brasil três variedades distintas⁶⁷, o Mbyá, Kaiowá e Nhandeva, com número total de falantes estimado em cerca de 41 mil. Na

⁶⁷ <http://www.labeurb.unicamp.br/elb2/pages/artigos/lerNoticia.lab?id=252> acessado em 12/12/2014

Bolívia fala-se a variedade denominada Chiriguano, ou Guaraní do Chaco e no Paraguai a variedade denominada Avañe'ẽ, ou Guaraní Paraguaio, que é utilizada por por mais de 5 milhões de pessoas e goza do *status* de língua oficial, juntamente com o Espanhol. Trataremos aqui apenas do Guaraní Paraguaio e da variedade Mbyá.

Em estudos sobre a FTG, Dietrich (2001) não admite a existência de duas classes intransitivas nas diversas variedades do Guaraní que analisa,⁶⁸ pois julga como nomes nessas línguas o grupo de palavras que designam estados. Por outro lado, para o Guaraní Paraguaio, Mithun (1991), baseada nos dados de Gregores & Suarez (1967), defende que há uma CI motivada por parâmetros semânticos. Já a variedade Mbyá foi descrita por Martins (2003) como língua com duas subclasses intransitivas.

3.3.2.1 *Os estados no Guaraní analisados como nomes*

Dietrich (2001), citando Coseriu (1972), defende que as classes lexicais no Guaraní – e nas línguas TG como um todo – são fluidas e que todas as classes têm uma predisposição a certas funções sintáticas. Dessa maneira, o autor afirma que “substantivar” um verbo deixa-o preparado para função de sujeito ou objeto, e “verbalizar” um substantivo torna-o apto a predicar, e que no Guaraní isso ocorre sem marcas derivacionais. Segundo Dietrich (op. cit.), as categorias de palavras são:

(...) os moldes em que se podem apresentar os significados lexicais e não necessariamente são diferenciados da mesma maneira em todas as línguas do mundo. Podem-se distinguir segundo critérios semânticos ou critérios morfossintáticos. Partindo primeiro da semântica, podemos comprovar a eventual existência de substantivos. Estes apresentam um conceito como “sustância” (em sentido muito amplo), isto é como objeto (concreto ou genérico), sustância ou ideia, ao passo que a classe dos verbos apresenta o mesmo ou outro significado lexical como “processo”, que é um termo genérico para subsumir várias formas de ações, processos e estados (Dietrich, 2001: 26).

⁶⁸ Além das variedades do Guaraní, Dietrich (2001) também apresenta exemplos das seguintes línguas da FTG: Sirióno, Mawé, Tembé, Wayampi, Émerillón, Guarayo,

Partindo dessa determinação semântica para a categorização das palavras, Dietrich (2001) prossegue afirmando que as línguas TG não possuem classe formal de adjetivos e que a natureza lexical destas palavras que denotam qualidades e estados é nominal, já que as línguas TG não distinguem formalmente “a expressão da qualidade *branco* da expressão da predicatividade nominal da mesma qualidade: isto é de *brancura* ‘o fato de alguma coisa ser branca’.”

Ao apresentar as classes de palavras, Dietrich (2001) explica que há dois grupos de lexemas: um que se combina com uma determinada série de prefixos de pessoa, a que ele não dá o nome, mas que coincide com o que vem sendo frequentemente denominado Série I, conforme temos utilizado desde o início deste trabalho; e outro grupo de lexemas que se combina com o que temos chamado de Série II, ambas listadas na tabela 12. O primeiro grupo de marcas pessoais Dietrich (2001) associa à classe dos verbos e o segundo exclusivamente a formas nominais.

Série I	Série II
a-	che-
já- ~ ña-	ñande
ro-	ore-
re-	nde- ~ne-
pe-	pee
o-	∅

Tabela 12: Marcas de pessoa na língua Guaraní (Dietrich, 2001)

A explicação fundamental para o autor considerar o primeiro grupo de palavras como verbos é o fato de eles semanticamente exprimirem processos e formalmente se flexionarem com a Série I, diferindo dos substantivos, que possuem o caráter semântico de expressar “substância” e, formalmente, se flexionam com as marcas de pessoa da Série II. Dietrich (2001) observa que os substantivos podem formar predicados sem se utilizarem de formas verbais, ou seja, eles possuem caráter predicativo quando estão precedidos da marca de pessoa da Série II.

Assim, o autor lista alguns exemplos de variedades do Guaraní⁶⁹, reproduzidos de 92 a 95, no intuito de mostrar o paralelismo entre o tipo de predicação instituído por *kane'õ* 'cansaço', *asi* 'doença', *ori* 'alegria' quando comparados com o substantivo *kisé* 'faca':

92. av *che-kane'õ* '[existiu, aconteceu, houve] cansaço relativo a mim', 'estive cansado'

93. kw *nda-che-kisé-i* NEG-1Sg-face-NEG', 'não havia faca com respeito a mim', 'não tinha faca'

94. mb *che-r-asi* '[existiu, houve] dor/doença com respeito a mim', 'estive doente'

95. mb *ore-r-ori* '1pl excl.- morfema de contiguidade – alegria', '[existe] alegria com respeito a nós (excl.)', 'nós (excl.) ficamos satisfeitos', 'nós nos alegramos'

O autor segue afirmando que essas palavras que designam estados e qualidades costumam ser mal compreendidas em seu contexto em razão de traduções inadequadas para línguas Indo-europeias, incluindo as traduções para o português, que normalmente inserem uma cópula ou um verbo do tipo *ser*, *estar*, *ter*, *haver*, *existir*, "...tipos de verbos que não existem em Tupí-Guaraní"⁷⁰, e que a tradução dessas palavras como substantivo seria "... mais fiel à estrutura sintática do Tupí-Guaraní". Além disso, nas palavras de Dietrich (2001: 28):

Sobretudo nos parece importante acentuar que os lexemas utilizados em 7 a 18 não são verbos, mas substantivos com valor predicativo. O fato de que se traduzem facilmente com verbos nas nossas línguas não é razão suficiente para que os consideremos uma classe específica de verbos estativos. O motivo para afirmarmos isto é tanto semântico quanto sintático: Trata-se da expressão de "sustâncias", de seres, objetos e ideias abstratas, porque as mesmas palavras também se empregam na função sintática do sujeito, do complemento de objeto e do complemento de circunstância, não só de predicado.

⁶⁹ Conforme Dietrich (2001): Av = Avañe'ê ou Guaraní Paraguaiño; Chir = Chiriguano ou Guaraní do Chaco; Mb = Guaraní Mbyá; Kw = Guaraní Kaiowá

⁷⁰ Há línguas da FTG que apresentam verbos copulativos, tais como o Emerillón e o Kamaiurá, entre outras.

O que nas línguas européias corresponde a uma construção verbal transitiva com um complemento pronominal de objeto, em Tupí-Guaraní se exprime por um sintagma cujo centro é um lexema que designa ação ou processo, este sem morfema de sujeito (marcador de pessoa verbal), mas determinado por um pronome pessoal de referência. A construção sintática é a do sintagma nominal, não a do verbo precedido do pronome pessoal do objeto. O pronome, neste caso, não é um acusativo (Dietrich, 2001: 31).

A primeira razão de que nos valem para contestar o posicionamento de Dietrich (2001) sobre a inexistência de duas subclasses de verbos intransitivos é seu embasamento predominantemente semântico para a questão. Givon (2001: 49) afirma que não se pode definir o pertencimento a uma classe por meio de um critério único, mas por pelo menos três grandes conjuntos de critérios: o semântico, que estabelece qual tipo de significado tende a ser codificado por uma classe em particular; o morfológico, que estabelece quais tipos de morfemas presos tendem a se afixar a determinadas classes; e o sintático, que estabelece as posições que palavras de determinadas classes tendem a ocupar na oração.

Não encontramos no artigo de Dietrich (2001) evidências morfossintáticas que corroborem suas afirmações sobre sintaxe nominal e verbal e sobre os aspectos estruturais da língua Guaraní. As afirmações do autor não parecem ser suficientes para explicar a questão dos verbos transitivos quando ele ocorre flexionado com as marcas da Série II, especialmente no que diz respeito à suposta flutuação dessas raízes entre classes lexicais, ora funcionando como verbo, flexionado com a Série I, ora como nome, com a Série II.

Ainda que pudéssemos considerar a proposta de Dietrich (2001) para o Guaraní de alguma maneira parecida com o que ocorre em línguas como o inglês, que exhibe a mesma representação formal para nomes e verbos (*I work all day long* ‘eu trabalho o dia todo’ e *I have to finish my work* ‘eu tenho que terminar o meu trabalho’), com derivação zero, há que se levar em conta que a forma verbal da raiz *work* ocorre com uma constelação morfológica e em ambiente sintático específico de formas verbais, enquanto, para funcionar como nome, a mesma raiz vai precisar estar amparada por todo um contexto morfossintático específico de nomes. No caso das línguas TG, tal

como são apresentadas por Dietrich (2001), a flexão com as marcas de pessoa das Séries I ou II nos parece ser justificativa insuficiente para estabelecer os contextos morfossintáticos necessários a mudanças de classe lexical com derivação zero.

Ainda que exista muito material morfológico compartilhado entre nomes e verbos, como pudemos observar ao longo desse trabalho, há também muito material específico de cada classe. A morfologia mais frequentemente associada a verbos nas línguas da FTG incluem: marcas de pessoa da Série I, marcas de imperativo, marcadores de TAM tais como futuro/desiderativo, imperfectivo, completivo e apreciativo, prefixos de nominalização de atividade, instrumento ou estado designado pela raiz. A morfologia mais frequentemente associada a nomes são: sufixo coletivizador (plural nominal), sufixos de passado nominal ou atualização nominal retrospectiva, sufixos de futuro nominal prospectivo e sufixo causativizador de temas transitivos. O que pudemos descobrir de material morfológico compartilhado entre nomes e verbos incluem (mas não se restringem a): marcas de pessoa da Série II, prefixo relacional, morfemas de negação de constituinte e de predicados, causativizador de temas intransitivos, sufixo nominalizador de predicados e em algumas línguas o sufixo *-a* e o morfema causativizador de temas intransitivos.

3.3.2.2 *Os estados no Guaraní analisados como verbos*

Mithun (1991), baseada nos dados de Gregores & Suarez (1967) sobre o Guaraní Paraguaio, defende, sem mencionar critérios de diferenciação entre a classe dos verbos e dos nomes (considerando as palavras estativas *a priori* como verbos), que a CI no Guaraní, manifestada na codificação dos argumentos, possui motivações semânticas e sintáticas. São sistemas gramaticais em que os argumentos de alguns verbos intransitivos se alinham com o argumento A dos verbos transitivos, e outros são alinhados com o argumento P. Segundo a autora, há muitas discussões sobre as motivações para a cisão, se sintáticas ou semânticas, ou mesmo se elas são motivadas ou arbitrárias. De maneira geral, parece haver, mesmo em línguas não relacionadas geneticamente, algumas características semânticas comuns entre os verbos que compõem uma determinada subclasse, mas há grande frustração ao se constatar que a

semântica não consegue prever em termos absolutos o pertencimento de um verbo a uma classe ou outra.

Mithun (1991) menciona brevemente a Hipótese da Inacusatividade, abordagem sintática de representação da estrutura argumental, em que os argumentos de verbos intransitivos alinhados com A dos verbos transitivos são descritos como sujeitos subjacentes de uma classe de verbos denominada inergativos, ao passo que os argumentos de intransitivos alinhados com P dos transitivos são descritos como tendo sido gerados na estrutura profunda como objetos. No entanto, seu interesse não parece ser a discussão sobre a existência ou não de cisão intransitiva no Guaraní. Ela toma a cisão semanticamente motivada como pressuposto e desenvolve a discussão sobre quais parâmetros semânticos têm sido identificados como, de certa maneira, relacionados à existência de duas subclasses intransitivas. Entre eles estão o aspecto lexical dos verbos (ou *aktionsart*), o caráter mais ou menos agentivo do participante único, a consciência (*sentience*), a volição e o controle que o participante tem sobre o sentido expresso pelo verbo.

No caso do Guaraní, os verbos intransitivos flexionados com as marcas da Série I, indicados na Tabela 13, a seguir, são verbos que indicam eventos – atividades, accomplishments e achievements, conforme Vendler (1967), *apud* Mithun (1991) – e implicam dinamicidade e mudança ao longo do tempo.

Guarani -Verbos flexionados com a Série I			
xá	ir	pitá	fumar
puhá	levantar	yemosarái	jogar
gwatá	caminhar	ma.apó	trabalhar
guyi	descer, saltar	ʔa	cair
ú	vir	manó	morrer
yanĩ	correr	yepasuru	afundar
itá	nadar	kašá	cambaleiar
ɲwahẽ	chegar	kayi	se perder
hasá	passar	ké	dormir
vevé	voar	paʔá	ficar preso
yemonjetá	conversar	pái	acordar
yeré	virar-se	yeká	dividir, quebrar
yerokĩ	dançar	kúi	afrouxar
mokapú	atirar (com revólver)	gwé	morrer longe

Tabela 13: Verbos que denotam eventos e se flexionam com a Série I (Mithun, 1991)

Os verbos listados na Tabela 14, a seguir, se combinam com as marcas da Série II, denotando estados existenciais dotados de certa estabilidade temporal.

Guarani - Verbos flexionados com a Série II			
rasí	estar doente	aimé	ser afiado
ropehii	estar com sono	apovõ	ser grudento
kaneʔo	estar cansado	apuʔa	ser redondo
yemiahii	estar com fome	aranú	ser esperto
akateí	ser mesquinho	mareté	ser forte
akî	ser jovem, imaturo	ateʔi	ser preguiçoso
aki	estar molhado, úmido	atí	ser grisalho
kanjí	ser fraco	mirí	ser humilde
aku	estar quente	poʃi	ser raivoso
akwá	ser rápido	ayú	estar maduro
amirii	estar morto	anamusu	ser espesso
aʔatá	estar ansioso, chateado	karapé	ser pequeno
aʔekói	estar preocupado	katú	ser possível
aó	ter caimbras	karé	ser manco
apesii	ser macio	moriahú	ser pobre
apopé	ser encaracolado	karaša	ser sarnento

Tabela 14: Verbos que denotam estados e se flexionam com a Série II (Mithun, 1991)

No entanto, ainda que se possa observar regularidades semânticas nas duas subclasses de verbos, os limites entre eventos e estados nem sempre são tão definidos. Segundo Mithun (op.cit.), os processos de gramaticalização presentes nas línguas por vezes obscurecem as motivações para o comportamento diferenciado das duas subclasses intransitivas, especialmente quando um verbo tem seu sentido alterado ou ampliado, mas permanece com a mesma morfologia de um estágio anterior da língua. Empréstimos também podem obscurecer as motivações semânticas para a cisão, pois a maneira como essas palavras entram na língua é muitas vezes imprevisível. Além disso, algumas raízes intransitivas do Guaraní permitem flexão com os dois paradigmas de pessoa, com mudança de sentido. A raiz *karú* ‘comer’, quando flexionada com a Série I expressa uma atividade, ‘almoçar ou jantar’. Quando flexionada com a Série II significa ‘ser guloso’. O mesmo se dá com o verbo *kaʔú*, que flexionado com a Série I significa ‘ficar bêbado’ mas flexionada com a Série II significa ‘ser alcoólatra’.

Mithun (1991) defende, portanto, que, dentre os diversos parâmetros semânticos que podem influenciar o comportamento diferenciado dos verbos intransitivos na codificação dos seus argumentos, o Guaraní exibe um tipo de CI motivada pelo aspecto lexical dos verbos, e que essa língua se encaixa no perfil definido por Klimov (1977) de língua ativo/estativa.

Em relação ao Mbyá, Martins (2003), tal como Praça (2007), Magalhães & Mattos (2015) e Seki (2001), entende que a língua apresenta duas subclasses intransitivas, uma de verbos semanticamente ativos e outra de verbos descritivos.

Segundo a autora, embora os descritivos, em sua maioria, expressem qualidades e propriedades, podem ser encontrados na língua alguns itens lexicais de comportamento morfossintático idêntico ao dos descritivos, mas com semantismo não adjetival, tais como *-ayvu* 'falar', *-já* 'cabere' ou 'alcançar', *-axe*, 'gritar', *-monda* 'ser ladrão', *-koto* 'mergulhar', *-axuru* 'atolar-se'.

Morfossintaticamente, os descritivos codificam a categoria de pessoa por meio das marcas da Série II, tal como fazem os nomes dependentes para indicar o seu possuidor, e os verbos transitivos, para codificar o argumento objeto. Além disso, os descritivos são considerados uma subclasse de verbos intransitivos no Mbyá pelo fato de, em função predicativa, aceitarem marcadores morfológicos que somente ocorrem com predicados verbais, tais como o marcador de futuro *-ta* e o nominalizador *{-a}* "nome de ação/estado" que ocorre com verbos transitivos (exemplo 98), intransitivos ativos (exemplo 99) e descritivos (exemplo 100) mas não com nomes e elementos de outras classes (exemplos de Martins 2003).

- | | |
|-----------------------------|--------------------------|
| 98. oro-ma' e-ty-a | verbo transitivo |
| 1 pl-Excl-coisa-plantar-Nom | |
| "o fato de plantarmos" | |
| 99. o-o-a | verbo intransitivo ativo |
| 3sg/pl-ir-Nom | |
| "o fato de ele ir" | |

100.xe=Ø-angru-a

verbo intransitivo descritivo

lsg=Rel-rnagro-Nom

"o fato de eu ser magro"

A partir das informações retiradas de Martins (2003), foi possível montar a tabela 15, em que podem ser identificados no Mbyá os morfemas que se associam exclusivamente a nomes, exclusivamente a verbos e os que são transcategoriais.

Classe	Função	Morfologia	Nomes		Estados	Verbos	
		morfemas/alomorfes	Absol.	Depen.		V1 Ativ.	V2
Nomes	Plural	-kuéry, -kue, -gue	+	-	-	-	-
	Passado Nominal	-re	+	+	-	-	-
	Futuro Nominal	-rã	+	+	-	-	-
Nomes e Verbos	Prefixo relacional	r-, h-, t-, i-	-	+	+	-	+
	Série II	xe-, já-, ore-, ere-, pe-	-	+	+	-	+
	Negação no constituinte	-e'ỹ	+	+	+	+	+
	Negação de predicado	nd=... -i	+	+	+	+	+
	Nominalização de predicado	-va'e	+	+	+	+	+
Verbos	Causativização de temas intransitivos	mbo-	-	-	+	+	-
	Causativização de temas transitivos	-uka	-	-	-	-	+
	Derivação de nomes deverbais	-a	-	-	+	+	+
	Futuro	-tá	-	-	+	+	+
	Prefixos da Serie I	a-, já-, oro-, ere-, pe-, o-	-	-	-	+	+

Tabela 15: morfossintaxe do Guaraní Mbyá

3.3 Alguns marcadores em comum

Após conduzirmos as análises das línguas Tapirapé, Guajá, Emerillón e Guaraní, pudemos selecionar as informações listadas na Tabela 16, que listam formas e funções associadas predominantemente a raízes verbais ou nominais.

Classe	Nota	Função	Tapirapé	Guajá	Emerillón	Guarani (Mbyá)
Exclusivos de raízes nominais	1	Coletivizador / Plural	-kwer	-kér ~-ér	-kom	-kuéry, -kue, -gue
	2	Passado Nominal	-kwer, ~wer, ~-er	-kér ~-ér	n/a	-re
		Futuro Nominal	-rym	-rÿm		-rã
Exclusivos de raízes verbais	3	Derivação de nomes deverbais	-ãw ~-taw	-ahá- ~-á-	n/a (3)	-a
	4	Causativização intransitiva (verbos ativos)	ma-	ma- ~-mi	bo- ~ mo-	mbo-
	5	Futuro / Desiderativo	-patār	-tá	-tal	-tá

Tabela 16: Indicadores de semelhança das palavras estativas com nomes ou verbos

- 1) O coletivizador *-kwer* do Tapirapé e os cognatos *-kér* e *-kuéry* do Guajá e do Guaraní, respectivamente, com seus devidos alomorfes, estão associados a raízes nominais. No Guaraní, a distribuição do morfema *-kuéry* é mais ampla do que no Tapirapé e no Guajá, pois além de raízes nominais, o morfema também se liga a pronomes, o que faz com que ele seja considerado uma marca de plural, tal como Rose (2012) descreve o morfema pluralizador *-kom* do Emerillón, que teria entrado na língua como um empréstimo da família Caribe. Rose (2003) menciona a incompatibilidade do pluralizador *-kom* com a subclasse de palavras estativas chamadas nominóides como um argumento para diferenciá-los das raízes nominais, mas aqui sugerimos que essa incompatibilidade poderia estar aproximando tais palavras da classe dos verbos intransitivos, igualmente incompatíveis com tal morfema e que marcam o plural por meio de outro morfema, *-oŋ*.
- 2) Não foi possível encontrar no trabalho de Rose (2003) referências explícitas sobre a existência dos morfemas de passado e futuro nominal, restritas a nomes

ou temas nominalizados tal como eles ocorrem no Tapirapé, Guajá e Guaraní. Deixamos esse marcador como possibilidade para futuras análises.

- 3) No Emerillón, predominam os processos de nominalização de predicados por meio de de sufixação com *-maʔẽ*. Segundo Rose (2003), as ocorrências de processos de nominalização de ação, agente, circunstância, instrumento e paciente são atestadas de maneira fragmentada na língua. Segundo Cruz, em comunicação pessoal, um dos principais critérios de Seki (2001) para considerar os descritivos como verbos no Kamaiurá também é a possibilidade de nominalização com este morfema, exclusivo de verbos.
- 4) No Tapirapé, o morfema de causativização intransitiva não é exclusivo de raízes verbais, podendo ocorrer também junto a raízes nominais (Praça em comunicação pessoal). Por sua regularidade nas outras três línguas, consideramos esse marcador importante para futuras análises.
- 5) Os morfemas de futuro e/ou futuro desiderativo aparecem nas quatro línguas associados a temas verbais. No Emerillón o sufixo *-tal* é descrito por Rose (2003) como associado a nomes e verbos, mas produtivamente ele só aparece em associado a raízes verbais (e também a raízes estativas). As duas ocorrências junto a raízes nominais são coletadas em situação discursiva não espontânea. Por sua regularidade nas outras três línguas, consideramos esse marcador importante para futuras análises.

A intenção deste capítulo foi demonstrar que as quatro línguas analisadas parecem apresentar duas subclasses intransitivas, uma composta por raízes verbais que se combinam às marcas de pessoa da Série I, outra por raízes verbais que se combinam às marcas de pessoa da Série II. Falta-nos agora apresentar os resultados da nossa pesquisa sobre o tipo de cisão que as línguas TG aqui analisadas parecem exibir, e suas possíveis motivações, assunto de que trataremos no próximo e último capítulo dessa dissertação.

CAPÍTULO 04 – OS VERBOS INTRANSITIVOS NA FTG

4.1 Algumas conclusões sobre as línguas

Nas línguas Tapirapé, Guajá, Emerillón e Guaraní existe uma classe relativamente homogênea de palavras com semantismo adjetivo, palavras que designam estados existenciais, qualidades, propriedades físicas ou psíquicas permanentes ou passageiras e que costumam ser expressas nas línguas Indo-europeias por adjetivos. No entanto, como as línguas TG não possuem uma classe formal de adjetivos e como as funções de predicado e argumento não são exclusivas de verbos e nomes, respectivamente, o pertencimento das palavras estativas às grandes classes fica sujeito a diferentes interpretações.

O pré-requisito para verificar-se a existência de duas subclasses de verbos intransitivos nas línguas TG, uma composta por verbos ativos e outra por estativos, é, justamente, definir a qual das grandes classes formais – nome ou verbo – pertencem essas palavras que designam estados. Para isso, foram analisados estudos sobre as línguas TG em busca de informações sobre a morfologia exclusiva de cada classe lexical. As restrições de combinação de verbos e nomes com determinados morfemas foram, então, comparadas com o comportamento das palavras que designam estados, na busca de regularidades que explicitassem sua natureza.

Entre as quatro línguas analisadas, Praça (2007) e Magalhães & Mattos (2015), respectivamente, descreveram o Tapirapé e o Guajá como línguas com duas subclasses intransitivas, uma de verbos ativos e outra de verbos estativos, ou descritivos. No entanto, as descrições do Emerillón e de diversas variedades do Guaraní apresentadas por Rose (2003) e Dietrich (2001), respectivamente, não consideram que haja cisão intransitiva nessas línguas, pois nelas os autores analisam as palavras estativas como de natureza nominal, e não verbal. Para o Guaraní Mbyá, Martins (2003) defende a existência de cisão intransitiva.

Os resultados desta pesquisa indicam que na língua Emerillón o comportamento morfossintático das palavras estativas parece ser muito mais assemelhado ao dos verbos

intransitivos quando se analisa as possibilidades de combinação dessas raízes com afixos flexionais e derivacionais, e não de predicados inteiros, como foi a opção de Rose (2003) ao descrever a língua. Observa-se, sobre duas subclasses em que teriam se lexicalizados as palavras estativas no Emerillón, que as raízes da subclasse numericamente maior – nominoides – demonstram comportamento morfossintático similar ao dos verbos intransitivos. Os atributivos, classe descrita como numericamente menor, parecem apresentar um comportamento um pouco diferente dos chamados nominoides pois, para exercerem função predicativa, podem se flexionar com as marcas da Série II ou com o sufixo predicativo *-i*. No entanto, esse grupo de palavras é muito pequeno e já foram reportados em muitas outras línguas TG pequenos grupos de palavras com semantismo adjetivo e função atributiva que não mereceram a criação de uma classe para abrigá-los.

Em relação ao Guaraní, o artigo de Dietrich (2001) não possui informações suficientes sobre a morfologia da língua, nem dados glosados que possibilitem uma análise detalhada das restrições morfológicas das palavras estativas. No entanto, os dados de Martins (2003) para a variedade Mbyá fornecem indícios de que analisar os estados do Guaraní como uma subclasse de verbos intransitivos é uma alternativa bastante viável, já que os argumentos de natureza morfossintática apresentados por Dietrich (2001) se limitam à possibilidade de flexão das palavras estativas com as marcas da Série II, e ao fato de elas poderem exercer função argumental.⁷¹

Considerando o número pequeno de línguas analisadas e o fato de termos trabalhado com dados de terceiros, não foi possível confirmar que a classe semântica dos estados se realiza formalmente como verbo em algumas línguas e como nome em outras, o que poderia ser, segundo Queixalós (2001), evidência de que, em perspectiva diacrônica, essas línguas estariam em diferentes estágios. Os resultados preliminares a que chegamos nas quatro línguas analisadas permitem apenas, por enquanto, sugerir, que as palavras estativas pertencem a uma mesma classe, a dos verbos, e que, apesar das diferenças estruturais entre as línguas, neste aspecto elas seriam mais semelhantes do que diferentes.

⁷¹ Sobre o primeiro argumento, há numerosas descrições de línguas TG que associam as marcas da Série II a diversas classes lexicais, incluindo a classe dos verbos; sobre o segundo, como já foi dito anteriormente, não é possível nessas línguas associar com exclusividade as funções de argumento e de predicado às classes de nomes e de verbos.

4.2 Cisão ou Alinhamento?

As línguas de alinhamento nominativo-acusativo⁷² codificam o argumento único (S)⁷³ dos verbos intransitivos tal qual o argumento com propriedades semânticas de agente⁷⁴ (A) dos verbos transitivos (com P diferente). Ao contrário, as línguas de alinhamento absolutivo-ergativo⁷⁵ codificam S tal como o argumento com propriedades semânticas de paciente⁷⁶ (P) dos transitivos (com A diferente), conforme a Figura 2:

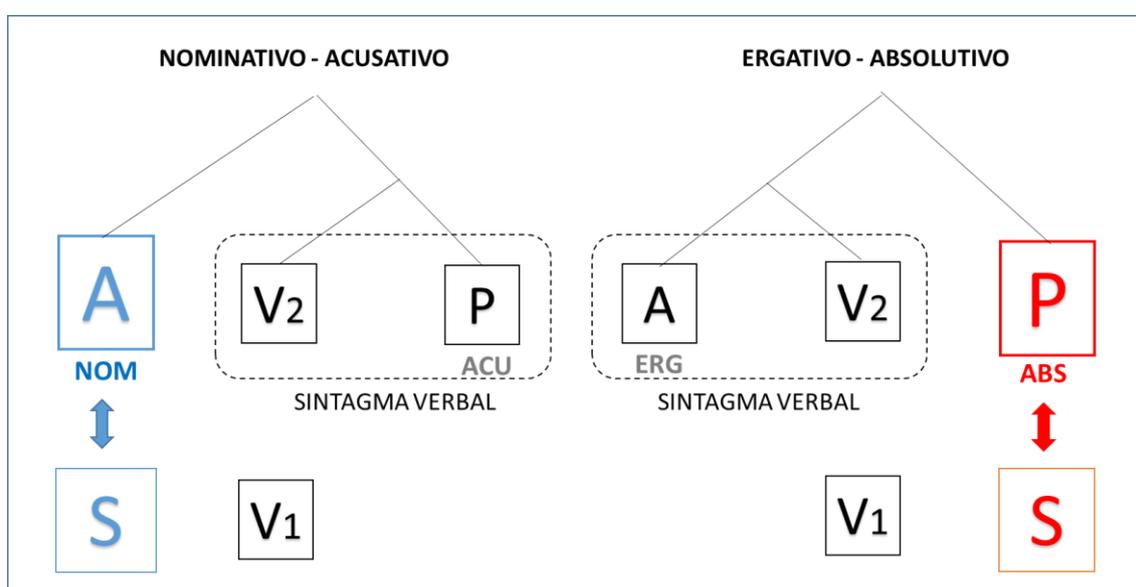


Figura 2: Alinhamentos nominativo-acusativo e ergativo-absolutivo

Esses dois tipos de organização sintática implicam línguas muito diferentes: os verbos transitivos das línguas acusativas selecionam como sujeito o argumento com propriedades de semânticas de A, com o qual se alinha S dos verbos intransitivos (S_A). As línguas ergativas selecionam como sujeito o argumento com propriedades semânticas de P, com o qual se alinha S dos verbos intransitivos (S_P).

⁷² Ou, simplesmente, **acusativas**.

⁷³ Dixon (2005) emprega os símbolos S, A e O (sujeito, agente e objeto, respectivamente) em lugar de S, A e P (sujeito, agente e paciente). Optamos por utilizar a terminologia de Comrie (1978), para evitar, no caso dos verbos transitivos, a mistura de informações tradicionalmente associadas à sintaxe (objeto) com conceitos semânticos (agente, paciente).

⁷⁴ Prototipicamente, conforme Dowty (1991).

⁷⁵ Ou, simplesmente, **ergativas**.

⁷⁶ Prototipicamente, conforme Dowty (1991).

As línguas TG aqui analisadas demonstram possuir duas subclasses de verbos intransitivos, uma com S codificado tal como A e outra com S codificado como P, fenômeno que tem sido tratado, frequentemente, como uma cisão no alinhamento determinada por motivações semânticas. Mithun (1991), por exemplo, descreve em seu trabalho diversos parâmetros semânticos que podem influenciar o comportamento cindido dos verbos intransitivos, tais como o *aktionsart*, o fato de envolverem participantes mais ou menos agentivos, detentores de maior ou menor controle e volição da situação, entre outros, e indica que, no caso do Guaraní, é o *aktionsart* – contraste ativo/estativo – das raízes verbais que determina a CI.

Segundo Magalhães & Mattos (2015), o tipo de CI encontrado no Guajá se manifesta na codificação do argumento único dos verbos intransitivos: os verbos que denotam eventos codificam seu argumento por meio das marcas de pessoa da Série I⁷⁷, com propriedades de nominativo em línguas de alinhamento nominativo-acusativo, e os verbos que denotam estados codificam seu argumento por meio das marcas da Série II⁷⁸, com propriedades de absolutivo em línguas de alinhamento ergativo-absolutivo:

Tal fenômeno ilustra, como defendem alguns autores (DUARTE, 2005, para o Tenetehára e FREITAS, 2007, para o Guaraní Mbyá), uma cisão nominativo-absolutiva, uma vez que os marcadores pessoais da série I são analisados como marca de nominativo, enquanto os da série II são analisados como marca de absolutivo.

Ao que parece, os verbos intransitivos do Emerillón e do Guaraní apresentam exatamente o mesmo tipo de codificação de argumentos descrito por Magalhães & Mattos (op.cit.) para o Guajá, codificação esta que é encontrada em muitas outras línguas da FTG, como, por exemplo, no Kamaiurá, em que o verbo intransitivo ativo codifica seu argumento utilizando a mesma marca de pessoa do agente dos transitivos, ao passo que os verbos estativos – ou descritivos, conforme denominação de Seki (2000) –, codificam S da mesma maneira que o argumento paciente dos transitivos, respeitada a HR. No exemplo 96 pode-se ver que a marca de 1ª pessoa da Série II *je=* é utilizada na codificação do argumento de *katu* ‘ser bom’, verbo descritivo, e na codificação do argumento paciente de verbo transitivo, mostrado em 97. No exemplo 98

⁷⁷ Da mesma forma que o argumento agente dos verbos transitivos.

⁷⁸ Da mesma forma que o argumento paciente dos verbos transitivos.

observa-se que a marca de 1ª pessoa da Série I *a-* é que codifica argumento do verbo ativo, mesma marca de agente do verbo transitivo, como em 99 (exemplos de Seki, 2000: 60-62):

101. **je**=Ø-katu

1sg=Rel-ser bom

‘**eu** sou bom’

102. **je**=r-etsak

1sg=Rel-ver

‘você **me** vê’

103. **a**-ha kor=a’e=wa api

1sg-ir FS=Nint=MS Voc

‘**eu** vou, titio’

104. **a**-pyhyk-ukar ak ij-upe

1sg-segurar-Caus At 3.Dat

‘**eu** o mandei segura-lo’

No entanto, Queixalós (2013) propõe que esse tipo de cisão, **expressa na codificação dos argumentos e envolvendo duas subclasses diferentes de verbos intransitivos**, seja tratada como um tipo de alinhamento a que ele denomina nominativo-absolutivo, denominação esta que decorre da própria distinção entre as duas subclasses verbais. Uma subclasse se identifica por codificar S com propriedades de nominativo, ou seja, argumento externo ao SV e com propriedades semânticas de agente, enquanto a outra subclasse codifica S com propriedades de absolutivo, ou seja, argumento interno e com propriedades semânticas de paciente, conforme ilustrado na figura 3:

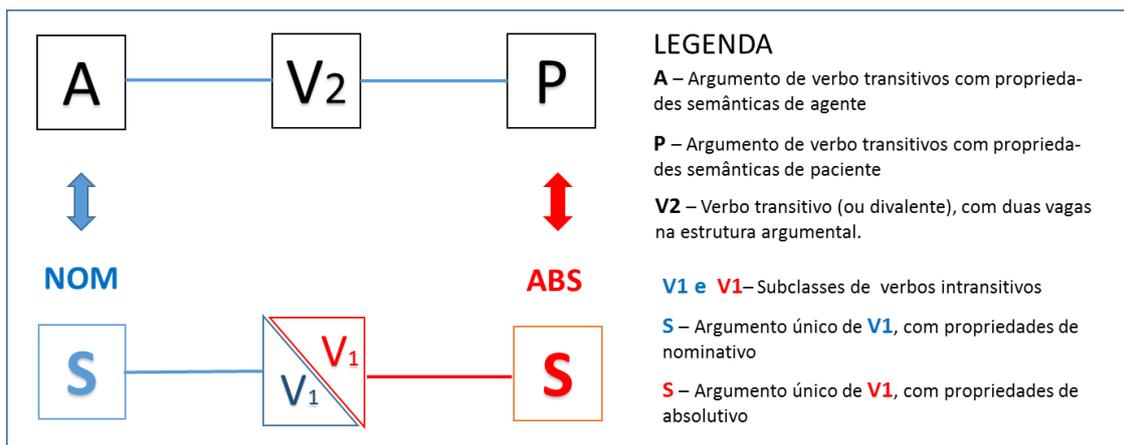


Tabela 03: alinhamento nominativo-absolutivo

Queixalós, em comunicação pessoal, informa que a ideia de cisão na classe dos intransitivos deveria ser utilizada apenas para se referir aos casos em que um mesmo verbo intransitivo pode ocorrer em duas construções diferentes, podendo codificar S ora com propriedades de nominativo, ora com propriedades de absolutivo, como parece ser o caso de alguns verbos do Guaraní apresentados por Mithun (1991), que permitem flexão com as duas séries de marcas de pessoa, implicando mudança de sentido⁷⁹.

Além das línguas exploradas detalhadamente nesta pesquisa, foram amplamente utilizados o Kamaiurá e o Nheengatú, tanto como fontes de dados quanto como possibilidade de análise., observamos que todas elas parecem apresentar, pelos dados e glosas disponibilizados por seus especialistas, o mesmo padrão de alinhamento nominativo-absolutivo proposto por Queixalós (op.cit), em que uma subclasse dos verbos intransitivos codifica seu argumento com propriedades de nominativo (argumento externo) e outra codifica seu argumento com propriedades de absolutivo (argumento interno).

4.3 As marcas da Série II, parte II

É inegável que as subclasses intransitivas nas línguas analisadas formam grupos relativamente coerentes em termos semânticos: de um lado estão os verbos que

⁷⁹ A literatura linguística também se refere a esse tipo de comportamento dos intransitivos como *Fluid-S*.

exprimem ações, eventos e processos, do outro estão os que denotam estados existenciais ou propriedades físicas e psicológicas. No entanto, uma possível hipótese com motivações exclusivamente semânticas para justificar a existência das duas subclasses intransitivas deve ser refutada. No Guaraní, como no Kamaiurá, no Nheengatu (conforme citado acima) e no Guajá há raízes que, quando apresentam comportamento morfossintático de nomes, denotam entidades concretas e estáveis temporalmente, e quando apresentam morfologia e sintaxe verbais, denotam estados transitórios, temporalmente menos estáveis, tal como *awy* ‘sangue’, no exemplo 105 e *awy* ‘estar menstruada’ no exemplo 106 (Magalhães 2007: 33-34):

105. tutu-a wỹ=n-awy-ker-a Ø-a’o
 doutor-N 33=R¹-sangue-RETR-N 3-tirar
 ‘o doutor tirou sangue deles’

106. a’e h-awy wỹ
 DEM R2-estar.menstruada PLU
 ‘elas estão menstruadas’

Os verbos transitivos nas línguas TG, mesmo tendo duas vagas em sua estrutura argumental, tem apenas uma vaga morfológica e por isso vai expressar apenas a pessoa de um desses argumentos junto à raiz, a depender da HR. Isso quer dizer que, dependendo do jogo social entre os participantes da atividade discursiva, essa marca poderá ser nominativa, expressando a pessoa de um argumento externo ao SV por meio da Série I (com características semânticas prototípicas de agente, conforme exemplo 107), ou absoluta, expressando a pessoa de um argumento interno ao SV por meio da flexão com a Série II (com características semânticas de paciente, conforme exemplo 108).

107. **ere-pyy-pãw** mori’i-Ø (Tapirapé, Praça 2007)
 2SG.I-pegar-COM murici-REFER
 ‘você pegou todos os muricis’

108. Āpĩ Korinãka'i-Ø xe=Ø-mook (Tapirapé, Praça 2007)
 Mamãe Korinãka'i-REFER 1SG.II=R-molhar
 'mamãe, Korinãka'i me molhou

A flexão das duas subclasses intransitivas com a Série I ou com a Série II reflete o mesmo tipo de padrão na codificação dos argumentos. No entanto, em razão de os verbos intransitivos terem apenas uma posição em sua estrutura argumental, em termos de relações gramaticais a flexão com a Série I parece ser a expressão da pessoa do argumento externo ao SV, com propriedades semânticas de agente (nominativo), conforme exemplo 109, enquanto a Série II codifica o argumento interno, com propriedades semânticas de paciente (absolutivo), conforme exemplo 110.

109. a-wyhy
 1.I-correr
 '(eu) corri'

110. ha = r-ahy
 1.II=r-estar.doente
 'eu estou doente'

Além de expressar a pessoa do argumento interno de raízes verbais transitivas e intransitivas, entendemos que a flexão com as marcas de pessoa da Série II está igualmente associada à expressão da pessoa do argumento interno de outras classes de palavras, como nomes divalentes e posposições⁸⁰, conforme proposto por Magalhães & Mattos (2015), que apresentam as seguintes evidências morfossintáticas para justificar tal afirmativa:

A marca de adjacência (R) (ex. 71), a não possibilidade de inserção de outro elemento entre o dependente e o núcleo do sintagma (ex. 72b), além da não possibilidade de mudança de posição (ex. 73b), são evidências de que o participante expresso por meio de um marcador pessoal da série II é um argumento interno ao SV que tem como

⁸⁰ Não trataremos dos sintagmas posposicionais, pois estão fora do escopo deste trabalho.

núcleo um verbo estativo. Assim, todos os núcleos lexicais que ocorrem com a série II têm SNs internos (com exceção dos verbos divalentes, em que o objeto saiu do sintagma verbal e ocupa uma posição de argumento externo).

(71) ha = r-ahy
 1.II= R-estar.doente
 'eu estou doente'

(72) a. ha = r-ahy **ma** b. *ha=**ma** r-ahy
 1.II = R-estar.doente COMPL
 'eu estou completamente doente'

(73) a. ha = r-ahy b. *r-ahy= ha
 1.II = r-estar.doente
 'eu estou doente'

Nas descrições sobre línguas TG, os nomes monovalentes⁸¹ são frequentemente mencionados como “independentes” ou “autônomos”, ao passo que os nomes divalentes são referidos como “dependentes” ou “relativos”, pois exigem ou admitem a expressão de um possuidor. Os nomes divalentes corresponderiam, segundo Magalhães & Mattos (2015), à noção de base semântica “posse alienável/inalienável”, muito comum nos estudos sobre línguas da FTG. Ainda, segundo Magalhães & Mattos (2015), inspiradas em Queixalós (2005):

Os nomes, assim como os verbos, também admitem argumentos. A existência de argumentos pressupõe estrutura argumental no núcleo e, portanto, valência. Dessa maneira, a classe dos nomes também pode ser subdividida em monovalente e divalente, conforme o número de argumentos que admitem (Magalhães & Mattos 2015).

⁸¹ Ao estender a ideia de valência aos nomes em Katukina, Queixalós (2005) explica que, em função predicativa, são monovalentes os nomes que expressam apenas um argumento, externo ao SN, e são divalentes os que expressam dois argumentos, um externo e outro interno ao SN.

111. Wa'amaxĩ-a Awa-te-a
 N.PR.-N Guajá-REAL-N
 'Wa'amaxĩ-a é Guajá de verdade'
112. Wa'amaxĩ-a ha-miriko-a
 N.PR.-N 3-esposa-N
 'Wa'amaxĩ-a é a esposa dele'
113. Wa'amaxĩ-a Xiparêxa'a r-imiriko-a
 N.PR.-N N.PR. R-esposa-N
 'Wa'amaxĩ-a é a esposa de Xiparêxa'a'
114. Wa'amaxĩ-a ha=r-imiriko-a
 N.PR.-N 1=R-esposa-N
 'Wa'amaxĩ-a é a minha esposa'

No exemplo 111, do Guajá, o nome monovalente *awatea* 'Guajá' ocorre com seu único argumento, externo, *Wa'amaxĩa*. Em 112 o nome *mirikoa* 'esposa' é divalente e requer, portanto, um argumento externo *Wa'amaxĩa* e outro interno, expresso no núcleo nominal por meio de um prefixo de 3ª pessoa. Quando o argumento interno é expresso por outro SN ou por uma marca de pessoa da Série II, como em 113 e 114, respectivamente, a relação entre núcleo e argumento é intermediada por uma marca de adjacência (prefixo relacional) R. Ao se pressupor que um núcleo nominal possui valência, o tipo de estrutura demonstrada em 114 indica que a flexão de nomes divalentes com a Série II é, tal como nos verbos, a expressão do seu **argumento interno**.

Esse tipo de estrutura se repete em outras línguas TG além do Guajá, conforme os exemplos 115, do Kamaiurá (Seki, 2000: 302), 116 do Nheengatú (Cruz 2011: 467) e 117 do Tapirapé (Praça, 2007: 194), entre outras:

existência ou não de subclasses intransitivas parecem não decorrer de diferenças entre as línguas no que diz respeito a este fenômeno, mas de diferentes interpretações dos dados e, em especial, na maneira como se analisa a distribuição das marcas de pessoa da Série II.

As marcas de pessoa da Série II têm recebido um tratamento muito diferenciado por parte dos linguistas que estudam as línguas da FTG, mas normalmente esse tratamento é relacionado com a codificação de papéis semânticos de agente e paciente ou à marcação de caso, em sentido amplo. No entanto, a busca de motivações de natureza sintática para explicar o comportamento diferenciado dos verbos intransitivos nos leva a um outro tipo de análise sobre essas marcas, conforme defendem Magalhães & Mattos (2015), que consideram a Série II como a expressão do argumento interno de nomes e verbos divalentes (marcando a pessoa do argumento paciente quando assim determina a HR), e de uma subclasse de verbos intransitivos que possui semantismo adjetival, comumente denominados verbos estativos ou descritivos.⁸⁴

Olhar para a Série II de marcas de pessoa como expressão do argumento interno de verbos e nomes – e posições – pode ser o primeiro passo de uma investigação mais profunda sobre os limites do sintagma verbal, a fim de melhor compreender a maneira como se hierarquizam os constituintes oracionais nessas línguas e construir uma ponte instigante entre os estudos funcional-tipológicos e os estudos formais sobre as subclasses intransitivas inaugurados pela Hipótese da Inacusatividade (HI).

A HI entende a distinção entre as duas subclasses intransitivas em termos de constituência: verbos inacusativos seriam, em sua estrutura profunda, núcleos divalentes com uma posição de sujeito não preenchida. Dessa maneira, o argumento único desses verbos é percebido e analisado como sujeito em razão de ser o único argumento disponível, mas ele teria propriedades de objeto, pois é interno ao SV. Apenas os verbos inergativos teriam uma estrutura verdadeiramente monoargumental, com um argumento único externo ao SV e dotado de propriedades sintáticas de sujeito, tais como posição privilegiada na hierarquia de acessibilidade, existência independente, pouca propensão ao apagamento e autonomia da referência, entre outras.

⁸⁴ E também de argumento interno de sintagmas posposicionais.

Magalhães & Mattos (2015) relacionam o contraste eventivo/estativo das subclasses intransitivas do Guajá à oposição entre verbos inergativos e inacusativos proposta pela HI, com base na flexão relacional, na impossibilidade de inserção de outro elemento entre o núcleo do sintagma e seu dependente e na impossibilidade de deslocamento do argumento único expresso pela série II. Ainda que este trabalho apresente alguns indícios acerca da CI na Família Tupí-Guaraní, há ainda muito a ser investigado para se poder chegar a conclusões mais abrangentes. Expandir a quantidade de línguas analisadas e realizar análises de dados obtidos diretamente por meio de trabalho de campo com falantes dessas línguas em um trabalho de doutorado será uma excelente oportunidade de aprofundar os conhecimentos sobre a morfossintaxe da FTG.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDAI, G. From ergative case marking to semantic case marking: the case of historical basque. In: Donohue & Wichmann (Edit.) *The typology of semantic alignment*. New York: Oxford University Press, 2008. p. 197-218.

CABRAL, A. Observações sobre a história do morfema -a da família tupí-Guaraní. In: QUEIXALÓS, F (Edit.) *Studies in Native American Languages 37. Des nomes et des verbes em Tupí-Guaraní: état de la question*. Munich: Lincoln Europa, 2001. p. 133-162.

_____. *Caracterização do sistema de alinhamento do Zo'é e os fatores condicionadores de suas múltiplas cisões*. Anais do VI Congresso Internacional da Abralín, vol.2, p.3145-3153. Disponível em <http://www.etnolinguistica.org/artigo:cabral_2009>. Acesso em 25 nov 2014.

CARDOSO, V. Aspectos morfossintáticos da língua Kaiowá (Guaraní). 2008. 267f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Língua. Campinas.

CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view. In: Li, C. (Edit.). *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976. p. 27-55.

COMRIE, B. *Language universals e linguistic typology*. Chicago: Chicago University Press, 1989.

COUCHILI, T., MAUREL, D. et QUEIXALÓS, F. *Classes de lexèmes en émerillon*. Ameríndia, Vol. 26/27. Coudreau, 2002.

CREISSELS, D. Remarks on split intransitivity and fluid intransitivity. In: O. BONAMI, O & CABREDO HOFHERR, P (Edit.). *Empirical issues in syntax and semantics*. Vol 7, 2008, pp.139–168. Disponível em <<http://www.cssp.cnrs.fr/eiss7/creissels-eiss7.pdf>>. Acesso em 11 abr 2013.

CRUZ, A. *Fonologia e Gramática do Nheengatú: A língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa*. 2011. 626 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Vrije Universiteit, Amsterdam.

DELANCEY, S. *Lectures on Functional Syntax*. LSA Summer institute. 2001 (draft). UC, CA disponível em <http://pages.uoregon.edu/delancey/sb/fs.html> acessado em 08 ago 2014.

DIETRICH, W. Categorias lexicais nas línguas Tupí-Guaraní In: QUEIXALÓS, F (Edit.) *Studies in Native American Languages 37. Des nomes et des verbes em Tupí-Guaraní: état de la question*. Munich: Lincoln Europa, 2001. p.21-37.

DIETRICH, W. O tronco tupí e as suas famílias de línguas: Classificação e esboço tipológico. In: NOLL, V.; DIETRICH, W. (Org.). *O Português e o Tupí no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. cap. 1, p-23.

DIXON, R. Where have all adjectives gone? *Studies in Language*, Vol 1. Ed. 1. 1977. p. 1-80.

_____. Adjective classes in typological perspective. In: AIKHENVALD, A & DIXON, R (Edit.). *Adjective classes: a cross-linguistic typology*. Explorations in Linguistic Typology. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 1-49.

_____. *A Semantic Approach to English Grammar*. 2a. ed. Nova Iorque: Oxford University Press, 2005.

DOWTY, D. *Thematic Proto-Roles and Argument Selection*. *Language*, Vol. 67, No. 3, Set. 1991. p. 547-619. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/415037>>. Acesso em 26 nov 2013.

FOLEY, W & VAN VALIN, R. *Functional syntax and universal grammar*. Cambridge: Cambridge University Press. 1984.

GILDEA, S. *On reconstructing grammar: comparative Cariban morphosyntax*. Oxford Studies in Anthropological Linguistics, vol. 18. Oxford: Oxford University Press, 1998.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*, vol. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

_____. *Syntax: an introduction*. Vol. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

KEENAN, E. Towards a universal definition of subject. In: Li, C. (Edit.). *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976. p. 305-333.

KLIMOV, G. A. *On the character of language of active typology*. *Linguistics: an international review* n. 131. Haia: Mouton & Co, 1974. p. 11-25.

LEITE, Y. O estatuto dos sintagmas nominais de sujeito e objeto em tapirapé In: QUEIXALÓS, F (Edit.) *Studies in Native American Languages 37. Des nomes et des verbes em Tupí-Guaraní: état de la question*. Munich: Lincoln Europa, 2001. p. 87-101.

MAGALHÃES, M. *Sobre a morfologia e a sintaxe da língua guajá: (família tupí-guaraní)*. 2007. 297f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília.

MAGALHÃES, M.M.S. & MATTOS, A.C.R. de. 2015 (no prelo). *Classes de palavras, tipos de predicados e sua relação com a intransitividade cindida em Guajá*.

MEIRA, S. The accidental intransitive split in the Cariban family. In: GILDEA, S (Edit.). *Re-constructing grammar: comparative linguistics and grammaticalization*. *Typological Studies in Language (TSL)*, vol. 43. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. 2000. p. 201-230

MERLAN, F. Split intransitivity: functional oppositions in intransitive inflection. In: NICHOLS, J & WOODBURY, A (Edit.). *Grammar inside and outside the clause*. London: Cambridge University Press, 1985. p. 324-363.

MITHUN, M. *Active/agentive case marking and its motivation*. *Language* Vol. 67, No. 3, p. 1991. p. 510-546.

PERLMUTTER, D. *Impersonal passives and the unaccusative hypothesis*. Berkeley Linguistics Society, 1978. p. 157–189.

PRAÇA, W. *Morfossintaxe da língua tapirapé*. 2007. 282 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília.

_____. A dupla oposição nome/verbo e argumento/predicado em Tapirapé. *Revista Linguística*, Volume 4, Número 2, Dezembro 2008. Disponível em <http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica/index.php/volume-4-numero-2-dezembro-2008/a-dupla-oposicao-nomeverbo-e-argumentopredicado-em-tapirape/>. Acesso em 08 jan 2015.

PRAÇA, W & VICENTE, H. *A expressão gramatical da polidez em Tapirapé*. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Vol. 11 n. 2. 2010. p. 97-116. Disponível em <http://www.red.unb.br/index.php/les/article/viewFile/2832/2444>. Acesso em 08 jan 2015.

PUSTET, R. Split Intransitivity Revisited: Comparing Lakota and Osage. In: *International Journal of American Linguistics*, Vol. 68, No. 4. Chicago: The University of Chicago Press, Oct. 2002. p. 381-427.

QUEIXALÓS, F. Le Tupí-Guaraní in chantier. In: QUEIXALÓS, F (Edit.) *Studies in Native American Languages 37. Des nomes et des verbes em Tupí-Guaraní: état de la question*. Munich: Lincoln Europa, 2001p.01-20.

_____. Posse em Katukína e valência dos nomes. In: RODRIGUES, A. & CABRAL, A. (Orgs.) *Novos estudos sobre línguas indígenas brasileiras*. Brasília: Universidade de Brasília. 2005. p. 177-202.

_____. The Primacy and Fate of Predicativity in Tupí-Guaraní. In: Lois, X. & VAPNARSKY, V. (Edit.). *Root classes and lexical categories in Amerindian languages*, Vienne: Peter Lang, 2006. p. 249-287.

_____. *L'ergativité est-elle un oiseau bleu?* Munich, Lincom, LSLT 26. 2013.

RODRIGUES, A. *Argumento e predicado em Tupínambá*. Boletim da ABRALIN, n.19. 1996. p. 57-66. Disponível em <http://biblio.wdfiles.com/local--files/rodrigues-1996-argumento/rodrigues_1996_argumento.pdf>. Acesso em 30 nov 2013.

_____. Sobre a natureza do caso argumentativo. In: QUEIXALÓS, F (Edit.) *Studies in Native American Languages 37. Des nomes et des verbes em Tupí-Guaraní: état de la question*. Munich: Lincoln Europa, 2001. p. 103-114.

ROSE, F. *Morphossynaxe de l'Emerillón*. 2003. 702f. Tese (Doutorado em Ciências da Língua) - Faculté des Lettres, Sciences du Langage et Arts, Université Lumière Lyon 2. Lyon.

_____. Borrowing of a Cariban number marker into three Tupí-Guaraní languages. In: *Morphologies in contact*, 10, VANHOVE, M, STOLZ, T, URDZE, A & OTSUKA, H (Edit.) STUF, Berlin, Akademie Verlag, pp. 37-69. 2012. Disponível em <http://www.ddl.ish-lyon.cnrs.fr/fulltext/Rose/Rose_2012_morphologies_contact_edited_version.pdf>. Acesso em 18 nov 2014.

SEKI, L. Kamaiurá (Tupí-Guaraní) as an active-stative language. In: Payne, D. *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of Texas Press, 1990. p.367-92.

_____. Classes de palavras e categorias sintático funcionais em Kamaiurá. In: QUEIXALÓS, F (Edit.) *Studies in Native American Languages 37. Des nomes et des verbes em Tupí-Guaraní: état de la question*. Munich: Lincoln Europa, 2001. p. 39-66.

_____. *Gramática do Kamaiurá: Língua Tupí-Guaraní do Alto Xingu*. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2000.

VAN VALIN, R. *Semantic parameters of split intransitivity*. *Language* Vol. 66. N. 2 LSA. 1990. p. 221-260. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/414886>>. Acesso em 16 jun 2012.

VENDLER, Z. *Philosophy in linguistics*. Ithaca: NY. Cornell University Press. 1967.

VIEIRA, M. A natureza transitiva das sentenças possessivas em mbyá-Guaraní. In: QUEIXALÓS, F (Edit.) *Studies in Native American Languages 37. Des nomes et des verbes em Tupí-Guaraní: état de la question*. Munich: Lincoln Europa, 2001. p. 67-87

_____. *A busca por diagnósticos para identificar verbos inacusativos e inergativos em Guaraní*. Revista FSA, Teresina, v. 10, n. 1, art. 11, 2013. p. 187-210.

WICHMANN, S. The study of semantic alignment: retrospect and state of the art. In: Donohue & Wichmann (Edit.) *The typology of semantic alignment*. New York: Oxford University Press, 2008. p. 03-23.